

1.

A vida começou a voltar lentamente para o corpo de Cairo. Que merda. De novo ele ia voltar a vida. Quantas vezes ia ser necessário? Ele não aguentava mais esse processo e toda vez ele acontecia de novo, e de novo e de novo. Não importava o que acontecesse ou como ele acontecesse. Cairo só queria continuar descansando no Grande Sono. Principalmente porque era só durante o Sono que ele conseguia ver ela nitidamente de novo. Dançando na praia contra o pôr do sol com seus longos cabelos mel que batiam na bunda.

O processo começava sempre das pontas dos dedos, como um formigamento de um membro dormente e subia pelos braços e pelas pernas. Ela se rastejava de volta para dentro dele como escaravelhos carnívoros por debaixo da pele. Roendo feroz e se contorcendo em busca de abrigo. A vida era uma parasita e ele seu mero hospedeiro.

Logo depois o cérebro começava acordar. Registrando os sons a sua volta. Tentando reconhecer os cheiros, ou normalmente fedores, de onde ele estava. A enxaqueca era sua companheira de anos então não compensa falar dela. Ela pressionava seu cérebro como um espremedor de nozes. Apertando tanto que seus olhos inchavam nas orbitas. Tudo o que ele queria é que a dor de cabeça realmente explodisse seu cérebro. Mas havia a possibilidade de ele voltar mesmo assim e num processo muito, muito desagradável.

Por último, a vida descia pela sua boca como um uísque ruim. Queimando sua garganta, esôfago e traqueia. Encharcando seus pulmões e por fim, inundando seu estômago. Cairo nunca conseguia conter o vomito violento e ele se espalhou em explosão de gorfo quente e fedido em seu rosto. A tosse quase o engasgou e o matou novamente. Isso já tinha acontecido. Ele virou para o lado e despejou um jato dolorido de fluidos podres e bile quente. O fedor do processo assaltou as suas narinas, mas ele ainda não abriu os olhos. Não queria ver o estrago dessa vez.

Assim que o vomito saía, as dores começavam a aparecer. Seu corpo inteiro queimava e se contorcia onde a merda tinha sido feita. Seu ombro direito tinha uma perfuração de dois centímetros de largura de fora a fora que permitiria uma agulha sair livremente pelo outro lado e seu pé esquerdo estava virado para o lado errado como um Curupira. Mas essas não eram as piores dores. Essas iam curar assim que a vida terminasse de se assentar de volta em seu corpo. E ele tomasse uma boa dose de pinga.

O problema era o fogo que queimava em sua coxa esquerda. Não era um fogo literal. Com chamas e fumaça. Era um incêndio que acontecia dentro da pele, dentro do músculo... dentro da alma. Na sua mão direita o dedo mindinho e o anelar estavam pendurados como carne morta queimando com o mesmo fogo incessante. Uma lâmina etérea. O desgraçado tinha uma lâmina etérea... Essa ferida ia demorar para curar e se ele não encontrasse um bom Curandeiro logo ele poderia ficar com sequelas graves para sempre.

Quando a vida por fim esquentou os músculos de seu corpo, Cairo levou instintivamente a mão na cabeça. A bandana ainda estava lá. Intacta. Pelo menos

isso. O tecido úmido e bolorento estava firmemente amarrado na sua careca. Como estivera por anos e assim deveria permanecer.

Um miado rouco e agudo terminou de acordar os seus sentidos e ele finalmente abriu os olhos. Sarnento estava sentado ao lado da sua cabeça o estudando com curiosidade. Pelo menos tinha dado tempo de ele morrer em casa. Se é que um depósito de 3 por 2 de cascos vazio de cerveja de um bar sujo podia ser chamado de casa. O gato começou a morder o seu vomito e ele tentou afastá-lo com o braço, mas todo o seu corpo gritou de dor. Suas veias queimaram e seus músculos se contorceram em diversas câimbras aleatórias ao mesmo tempo. Ele abafou um gemido mordendo o dedo. Sangue escorreu do seu indicador e ele parou. Sua mão direita já estava faltando dois dedos, ele não ia dificultar a cura com mais um.

Cairo se virou de barriga para cima e inspirou fundo o fedor insuportável de vomito, xixi, suor e cerveja estragada. O teto do cômodo imundo era coberto de pôsteres descascados de antigos filmes pornôs. Loiras peitudas e morenas bundudas olhavam para ele das mais diversas poses em seus retratos embolorados com o tempo. O minúsculo depósito já tinha sido os fundos de uma locadora de filmes pornô antes de servir de guarda caixas de um bar e Cairo ainda conseguia sentir o cheiro de sêmen seco se ele se concentrasse muito. Mas agora as moças nuas serviriam somente para ele lembrar de como ele tinha chego nesse estado. Se ele não recordasse detalhe por detalhe da noite anterior informações importantes podiam escapar da sua memória e o processo de Reavivamento era melhor momento para fazer isso.

Passava um pouco das seis da tarde quando Cairo saiu para fazer a sua vigia no dia anterior. Ele tinha feito xixi na porta do depósito para afastar *ghouls* errantes e viralatas de rua. Ele detestava cachorros. Depois disso ele foi até o bar, abriu um corote quente e o virou inteiro ali mesmo na bancada suja do Seu Josias.

“Um, dois, três, quatro... cinco” o velho Josias contou alto a quantidade de goles com que Cairo finalizou a bebida horrível. “Você já foi melhor seu bostinha. Seu melhor é três goles”

Cairo levantou o dedo do meio para velho, catou um maço de cigarros da prateleira e jogou uma bolinha de papel de uma nota de dez reais para trás do balcão. O arremesso foi certo dentro do copo de pinga do dono do bar que estava a mais de quatro metros dele.

De relance, ele ajeitou suas roupas no reflexo do refrigerador velho de cervejas baratas que lhe davam caganeira. Sua bandana preta estava no lugar. Era a primeira coisa que ele sempre verificava e única que tinha que estar obrigatoriamente arrumada. Sua camiseta cinza já tinha duas grandes manchas amareladas debaixo das axilas e nenhum desinfetante de banheiro público conseguiria mais tirar o fedor impregnado nelas. Mas ele não se importou. A sua última aquisição escondia o estado deplorável da sua única camiseta. Uma robusta jaqueta de motoqueiro de couro falso que ele tinha “encontrado” dois dias atrás.

A calça jeans ainda dava para o gasto, mas já seus tênis não aguentariam nem mais duas vigias. Em algumas delas ele chegava a caminhar dez, quinze quilômetros, e se o tênis durasse até ele chegar na Zona Leste hoje seria um milagre. Com uma boa

cusparada na mão, Cairo ajeitou a volumosa e engruvinhada barba preta e prensou as sobrancelhas em suas grossas linhas quase retangulares. Seus olhos pretos e arredondados estavam fundos e denunciavam uma severa anemia.

Seu rosto estava marcado com a alimentação precária das últimas semanas e seu nariz adunco saltava da sua pele morena gritando para o mundo sua descendência árabe. Por mais que ele perdesse peso, ele não perdia porte. Seus um e oitenta e cinco ainda impunham o respeito que ele precisava impor e muitos achavam que ele era mais velho do que seu eternizado rosto de trinta e três anos realmente apresentava. Do bolso interno da jaqueta ele tirou os óculos escuros de lentes redondas que ele tinha afanado de um hipster bêbado e partiu para seu caminho.

Sarnento o acompanhou até eles chegarem debaixo da ponte. Ele não gostava de vir debaixo dessa ponte. O bichano com meia dúzia de tufo de pelos gritou alto seu miado rouco pedindo comida por todo o trajeto. Cairo colocou as mãos no bolso da calça e os revirou para fora. Sarnento chiou baixinho contrariado, depois fez um carinho em sua perna com a cabeça e trotou para sua noitada de festa. Como aquele gato ainda tinha disposição para acasalar depois de tudo o que ele passou ainda era um mistério para Cairo.

Com a mesma fome do felino, ele começou sua vigia. Caminhando sem pressa e sem causar nenhum tumulto com os moradores de rua, até porque ele era um deles, Cairo vagou pelas barracas improvisadas e barricadas de entulho em busca de alguma *divergência*. Dias atrás ele tinha sentido uma massa de vibração maligna nessa região, mas a tinha perdido de vista. Os moradores da ponte não se importaram com a sua presença e alguns até o cumprimentaram de outras vigias que ele já tinha feito.

Depois de percorrer a extensão principal da ponte sem encontrar nada suspeito ele caminhou até a extremidade onde encontraria sua única amiga, a Mudinha. Mudinha era uma usuária de craque que estava sempre vestida com uma imunda camiseta amarela da seleção brasileira duas vezes o tamanho da sua estrutura franzina e um par de botinas de pedreiro de obras com cimento seco na sola. Seu cabelo era quase raspado pelas raras ações sociais e ela “vivía” na Cracolândia. Extremamente agressiva com todos, ela não falava e se comunicava por poucas mímicas e alguns sons que ela articulava quando estava muito brava.

Cairo esbarrou com ela em uma das suas vigias. Já eram três da madrugada e ele voltava para seu depósito/casa quando ela passou correndo por ele fugindo de outros dois usuários de droga que tinham recebido dela uma violenta garrafada de vidro na cabeça. O que tinha sido atingido segurava a nuca sangrenta e cambaleava enquanto o outro a alcançava com facilidade.

Usando dois movimentos precisos, Cairo derrubou os dois no chão sem que eles entendessem o que tinha acontecido. Ele também não tinha entendido porque tinha feito aquilo. Talvez fosse a violência sedenta nos olhos daqueles bêbados ou fosse os joelhos tortos para dentro da menina que iam impedir que ela corresse por muito tempo. Mudinha parou sua fuga e o encarou com olhos arregalados.

“O ê i alvô” ela balbuciou.

Ele não precisou das suas habilidades empáticas para entender que ela tinha dito “você me salvou”. Cairo acenou positivamente e ela abriu um sorriso que balançou a sua alma.

Logicamente faltavam uma meia dúzia de dentes na boca dela e seus lábios e sua gengiva estavam gravemente machucados pelo longo uso do cachimbo de craque. Mas a felicidade era real. Genuína. A felicidade e gratidão emanaram daquele sorriso em uma intensidade quase irreal para Cairo. Ele não lembrava da última vez que tinha sentido tamanha gratidão de uma pessoa. E o sorriso dela o lembrou do porque ele fazia suas vigias. Mudinha ficou parada com seu sorriso largo enquanto ele aproximava. Com o gesto internacional do ser humano para “comer”, ele a levou até o bar sujo mais próximo e juntos eles dividiram um cachorro quente.

Depois desse dia Cairo tentava encontrar Mudinha em todas as suas vigias. A comunicação deles consistia nos gestos “comer”, “dinheiro” e “fome”. Em algumas noites eles não se encontravam, mas assim que ela entendeu que ele poderia sempre lhe dar comida, Mudinha começou a espera-lo na extremidade da ponte para ganhar alguma coisa. Ele não tinha um nome melhor para ela então ele começou a chamar de Mudinha em sua mente. Não que ela se importasse. O engraçado era que Sarnento e ela se davam bem. Fisicamente eles se pareciam muito. O gato costumava acompanhar suas vigias com Mudinha desde que ele também ganhasse alguma coisa.

Então finalmente aconteceu. Os poderes de Cairo voltaram a ressurgir. O primeiro Mistério que se fortaleceu foi a Empatia. A captação de sensações e sentimentos nunca tinha adormecido completamente, mas elas voltaram para o seu tino afiado de sempre. Depois de duas semanas foi a Vitalidade. Seus músculos se enrijeciam com somente uma refeição por dia e ele voltou a aguentar ficar mais de dois dias acordado direto. E funcional, o que era mais importante. Com um mês auxiliando a sua nova amiga ele já era capaz de manipular bestas e invocar os ventos.

Não parecia uma troca justa. Ele só garantia comida e segurança para Mudinha e ele ganhava seus poderes de volta. Mas era assim que funcionava e ele não ia reclamar. Cairo consertou uma barraca velha para Mudinha e combinou com o dono do bar que ele morava nos fundos que sempre que ela passasse por ali e ele não estivesse, era para ele dar um prato de comida para ela. Nos últimos dias ela vinha tentando bravamente recordar o próprio nome. Ele apontava para alguma coisa e ela formulava com seu tom fanho o significado, mas o nome dela, ela não parecia recordar e isso o machucava mais do que ele gostava de admitir. Nomes são as primeiras magias.

Então nada mais obvio para Cairo de se certificar na vigia de hoje de que sua amiga estava bem. Principalmente depois de ter sentido a *divergência* tão perto daqui.

O ponto de encontro deles estava deserto. A barraca de Mudinha estava fechada e encostada no canto escuro de sempre da ponte. Cairo soube que ela não estaria ali dentro com o calor abafado que estava fazendo nas noites do verão de São Paulo. Uma coisa que eles tinham em comum é que ambos detestavam calor. A ansiedade apontou no seu peito. Onde estava aquela doida? Era uma segunda-feira e ela sempre

precisava de comida no começo de semana pelo tanto de droga que ela tinha fumado no sábado e no domingo. Ele girou um cordão empático por uns dez metros de raio dele, mas só encontrou meia dúzia de bêbados inofensivos, dois vira-latas revirando lixo e um pedestre que apressou o passo ao avistá-lo. Nada de Mudinha.

Um carro de polícia deslizou lentamente na via lançando suas luzes vermelhas piscantes no beco escuro. Eles nunca faziam nada de verdade. Só passavam para intimidar e dar porradas em bêbados quando precisam liberar suas impotências sexuais.

A luz vermelha mal tinha abandonado o beco quando Mudinha surgiu. Ela estava parada ali na sua frente, onde um segundo antes não existia nada. Ele tinha que ter sentido ela com o cordão empático, mas de alguma forma ela escapou do seu radar.

Nesse momento ele deveria ter desconfiado de alguma coisa. Deveria ter entendido que palidez dela estava fora do normal. Que os joelhos dela estavam estranhamente alinhados e não tortinhos para dentro como de costume. Que quando ela olhou para ele, ela não mostrou a meia dúzia de dentes amarelos daquele sorriso de anjo do asfalto. Que a mancha na sua camiseta amarela do Brasil era sangue fresco.

Um soco invisível atingiu o estômago de Cairo e ele voou cinco metros para trás. O baque da surpresa foi maior do que a dor na sua barriga e o impacto brusco das suas costas no concreto irregular. Era uma vez a sua jaqueta de motoqueiro. Ele começou a se levantar com um braço quando o solado de cimento seco da botina de Mudinha entrou na sua boca com um chute potente. Sua cabeça chicoteou para trás e ele quase perdeu a consciência. Com um rolamento desengonçado, Cairo se afastou da sua agressora para se recuperar do susto.

Os cacos da lente dos óculos escuros arredondado tinham entrado na pele do seu rosto e seu olho esquerdo estava tingido de vermelho e preto. Ele perderia a visão rapidamente. Sem poder pensa na dor, Cairo deu um puxão na lâmina plástica que perfurava o globo gelatinoso e o sangue escorreu em profusão. Ele arrancou uma tira da sua camisa suja e improvisou um tampão para não perder completamente o olho. Talvez em duas horas ele já o tivesse recuperado.

Mudinha ainda estava parada no lugar do chute. Sua perna franzina esticada em um ângulo que ele sabia que não era natural para ela. Com a luz dos postes amarelos que se esgueiravam timidamente para baixo da ponte, os olhos de Mudinha se ascenderam como brasas na fogueira. Não podia ser. Não podia. Mudinha não. Porque ela? Ela era um nada. Não era importante para ninguém. Não tinha nenhum poder natural. Nenhuma aptidão para os Mistérios. Mas ele sabia que era inútil sofrer agora. Agora não tinha mais nada a ser feito além de matar o demônio que estava ocupando o corpo dela.

Ela apontou o dedo para ele, mas desta vez Cairo estava preparado. A onda invisível o atingiu de cima com força, mas ele segurou sua posição. O impacto era forte, mas o demônio ainda não tinha vestido a carne dela, só a alma. Se ele vestisse a carne dela, Cairo não teria chances. Não com poucos Mistérios ainda a sua disposição. Mudinha levantou as duas mãos para o alto e a onda invisível virou uma prensa

hidráulica em cima da sua cabeça. Ele não aguentaria mais trinta segundos desse teste de força. Se não fosse sua Vitalidade seu cérebro já teria sido esmagado.

Então Cairo fez o verdadeiro teste de força. Ele precisava decidir matar Mudinha. Um pedaço frágil que restava da sua sanidade se quebrou ao fazê-lo, mas não havia outro jeito. Se ele não parasse o demônio agora, coisas muito piores do que a morte de um imprestável como ele podiam acontecer. Pessoas realmente inocentes poderiam pagar pela sua incompetência e ele não ia conseguir “viver” com isso. Chega de adicionar mais almas no inferno que o aguardava.

O tampão em seu olho já estava encharcado e essa seria sua saída. O sangue é denominador comum para todas as abominações das sombras. Seja para alimentação vital ou somente para a heresia profana, sangue é a fraqueza de todos eles. Cairo enfiou o tampão um pouco mais fundo em seu olho e uma pontada de dor entrou no seu cérebro quase o fazendo desmaiar então ele arremessou o trapo molhado para longe.

O cheiro repentino de sangue distraiu a criatura e mesmo que o demônio estivesse olhando para ele e a pressão diminuiu. Cairo avançou com uma corrida rápida e atacou a cintura franzina a derrubando com força no chão. A visão de Mudinha torceu as entranhas de Cairo. O rosto dela já estava quase todo arroxado pela presença das garras demoníacas na sua alma. As veias da testa e do pescoço estavam saltadas e pulsavam rapidamente, como se a qualquer momento pudessem estourar. Isso indicava que em poucos minutos o espírito imundo vestiria a carne dela por inteiro.

O demônio não riu. Não cuspiu. Não soltou ofensas, nem nenhum som gutural. Ele somente encarou Cairo com obstinação. Ainda vacilando na decisão que ele não queria tomar, Cairo lançou um cordão empático para ver se encontrava Mudinha em algum lugar ali dentro. Lógico que um toque mental seria mais efetivo, mas já fazia anos que ele não tinha a Manipulação. O cordão empático encontraria primeiro os sentimentos do espírito imundo e se eles fossem caóticos como Cairo presumia que fossem, ele conseguiria encontrar algum vestígio de Mudinha. Ele lançou seus poderes em busca do caos flamejante dos desejos sedentos da criatura, porém não existia nada ali além de fúria e foco.

Ele esperava encontrar qualquer coisa, mas foco não era uma delas. Dos poucos demônios que ele já tinha enfrentado nenhum deles era focado o suficiente para conseguir esconder qualquer outra sensação. Nada da excitação de estar no Plano da Carne novamente. Nada da gula de consumir tudo que encontrava pela frente. Nenhum dos Pecado Primais que eles sempre manifestavam. Somente foco.

Sua dúvida abriu uma brecha para a criatura se recuperar do ataque e Mudinha enfiou uma unha em seu ombro. A dor foi pequena e só duas camadas de pele foram perfuradas, mas com um giro total do dedo a unha cresceu um metro e atravessou seu ombro. Seu urro de dor tremeu a ponte escura, afastando vira-latas e curiosos. O demônio atingiu um chute peito de Cairo fazendo-o voar até uma viga da ponte e quebrar duas costelas instantaneamente assim como o pé.

Sangue e náusea tomaram conta da sua boca e de toda a sua realidade enquanto ele tentava recuperar o fôlego. O vômito sangrento quase forçou caminho pela sua traqueia e esôfago, mas ele o reprimiu com uma tosse violenta. Nada de vômito. Então seus olhos registraram a desculpa que ele precisava para parar de adiar sua decisão. O demônio que vestia Mudinha levantou a mão para o ar e fechou os dedos como se agarrasse um cano invisível. Ela desceu braço com um gesto rápido e o ar tremeu um metro e meio de comprimento onde o cano translucido estaria. A criatura fez dois movimentos e entrou em uma postura de combate. A lâmina invisível cortou o ar, fazendo com que luz e matéria se distorcessem no caminho. Uma lâmina etérea. O demônio não queria atormentá-lo, ele queria destruí-lo.

Cairo invocou os ventos antes que a criatura avançasse. Ele estendeu as duas palmas da mão a sua frente como se pedisse para o monstro parar e a pressão atmosférica debaixo da ponte mudou. O demônio pareceu confuso por um misero segundo e foi o suficiente para que Cairo lançasse seu famoso canhão de ar. A onda de ar concentrado em um só ponto atravessou o espaço entre eles em uma fração de segundos. O estrondo ecoou pelas ruas próximas e ele desejou secretamente que a polícia estivesse longe dali, porque pela altura, o barulho lembrava muito uma bomba. A magia atingiu o demônio no peito o pregando na coluna de concreto atrás dele com o inconfundível ruído de ossos quebrados.

Cairo continuou concentrado invocando os ventos, agora com o objetivo de manter o monstro preso na parede. Entrelaçando os dedos da mão esquerda na mão direita, ele cedeu sua energia para que os ventos continuassem a obedecê-lo. A velocidade da ventania devia estar chegando aos sessenta quilômetros por horas. Galhos eram arrancados de pequenas árvores e grandes caçambas lixos foram varridas para longe. Só então o demônio começou a grunhir. Impotente e grudado na parede, o monstro se debateu tentando se livrar da parede de ar.

Esse momento de vulnerabilidade era o que Cairo esperava para tentar usar mais uma vez o cordão empático para alcançar Mudinha. Se os sentimentos do demônio se tornassem caóticos ele teria uma abertura para mais uma tentativa e se ele conseguisse alguma resposta dela, talvez ainda existisse alguma chance de salvá-la.

Pânico brilhou nos olhos de brasa do monstro quando ele entendeu o que ele ia fazer, então ele reagiu com o impossível para Cairo. O demônio arremessou a lâmina etérea, decepando dois dedos de sua mão direita. Todo o conhecimento que ele possuía sobre essa magia, o que não era muito já que ele mesmo não sabia fazer, não o tinham preparado para aquilo. Para ele, assim que lâmina perdesse o contato com a pele ela desapareceria. Mas não foi isso que aconteceu e ele entendeu que não estava lidando com qualquer demônio.

Ele se encolheu de dor e o demônio girou no ar, acertando um chute em seu queixo e o derrubando no chão. De relance, Cairo viu que lâmina arremessada tinha atravessado uma viga de concreto como um fantasma, sem causar nenhum dano aos átomos que constituíam a estrutura e logo depois desapareceu. Afinal, lâminas etéreas não existiam para destruir a matéria. Seus dois dedos da mão direita continuavam ali. Era a “alma” deles que não existia mais.

No seu instante de descuido, o demônio estava novamente em cima dele. Os joelhos ossudos de Mudinha pressionavam seus braços no chão e o peso sobrenatural do demônio o impedia de se mover. A criatura juntou as duas mãos por cima da cabeça e manifestou outra lâmina. Quanta energia teria esse demônio para invocar duas lâminas etéreas seguidas?

Sem energia para invocar outro canhão de ar, com dois dedos a menos, a visão comprometida, um ferimento no ombro que não parava de sangrar e sem nenhuma arma a altura das do monstro, Cairo teria que recorrer ao único recurso que nunca lhe faltava. A força bruta. O demônio desceu a mão para atingir seu peito em um arco perfeito. Cairo acessou a última centelha de energia que existia no seu corpo e usou o vento a sua volta para deslizar para fora de debaixo do monstro.

A criatura foi mais rápida e antes que ele conseguisse retirar todo o seu corpo do comprimento de ataque, a lâmina o atingiu na sua coxa esquerda.

Chamas invisíveis romperam dentro da sua pele. Um corte profundo rasgou o etéreo que compunha sua alma. Era como se o propósito da lâmina fosse desintegrar o próprio conceito da sua perna. O grito foi inevitável. Fúria e dor rasgaram sua garganta em um clamor insano.

Cairo segurou as mãos do demônio enquanto a lâmina estava fincada na sua perna e começou a arrastá-la da sua coxa em direção ao peito do demônio. Ele não podia desarmar a criatura se pretendia usar a arma dele contra ele mesmo. O corte na sua alma foi aumentando enquanto ele arrastava a mão do demônio e a arma espiritual contra sua carne.

O monstro começou a urrar percebendo o que Cairo estava fazendo e iria perder a queda de braço, então ele começou a trocar seus berros com o tom de voz de Mudinha. Uma técnica antiga e batida, mas não menos eficiente. Os gritos fanhos de Mudinha açoitaram a sanidade de Cairo causando uma dor pior do que qualquer lâmina etérea poderia causar e esse foi erro do demônio.

Um giro do punho para ganhar força de torção, uma cabeçada arriscada no queixo com a careca para desestabilizar a base do inimigo, e o resto da sanidade queimando nos braços foi o necessário para acabar com aquele desgraçado. Os urros de vozes misturadas viraram um berro rouco de uma mangueira sem água. As brasas incandescentes se apagaram sobrando somente o castanho claro dos olhos sempre enevoados de Mudinha.

A lâmina desapareceu assim que o demônio foi morto e Cairo levou a mão para impedir que o sangue de Mudinha escorresse. Aquele monstro não ia clamar aquele lugar como sua área conquistada. Aquela morte era dele, não daquele espírito imundo. Seja lá para onde ele foi, ele não iria se gabar daquele sangue derramado.

Então a pior parte chegou. Mudinha recobrou a consciência e reconheceu seu rosto. Cairo pediu para qualquer força sagrada que ela não entendesse que ele tinha sido o responsável pelo fim da jornada dela no Plano da Carne. Como ele queria saber se a alma dela teria algum descanso depois de tudo isso!

Ela levantou seus dedos fracos e sujos e recolheu uma lágrima grossa e revoltosa que insistiu em escapar do olho que lhe restava. Cairo não achava que estava tão apegado assim a ela, mas se esse eram os últimos segundos da passagem dela nesse plano, alguém deveria chorar por ela. Ela merecia isso.

Mudinha levou o dedo com lágrima até o próprio peito e empregou todas as suas forças em um último suspiro para formular perfeitamente:

“Ana” ela ofegou com o sorriso largo de seis dentes. “Eu...Ana”

Então sua alma partiu para o caminho do Grande Sono. Cairo continuou encarando aquela figura franzina de anjo do asfalto e então seu cordão empático captou um vislumbre de quem realmente ela era. Algo que nunca tinha acontecido perfeitamente porque era quase impossível ter uma noção empática dela com o tanto de química que existiu naquele corpo miúdo. Ana. Nascida surda. Não alfabetizada. Fugiu de casa para escapar do pai abusador. Entrou no craque aos 13. Morreu aos 17.

A fúria queimou dentro de Cairo. A fúria e a dor. Porque ela? Ela não tinha nenhum poder. Nenhum rastro mágico. Nada. Porque qualquer *divergência* iria querer ela? Mas as suas dúvidas precisariam ficar para depois. As luzes vermelhas de um giroflex refletiram nas fachadas de metalão dos estabelecimentos em volta o avisando que se ele não saísse dali naquele momento, ele teria que enfrentar a polícia. E isso nunca acabava bem.

Seus ventos tinham construído uma barreira para o acesso das viaturas com as caçambas de lixo e isso comprou os preciosos segundos de vantagem para ele sumir pelas vielas escuras. Em uma sequência de borrões de postes amarelos, tombos e sangramentos, ele chegou no seu depósito sujo e morreu. Morrer já era simples para ele. Era o escuro, o Grande Sono e a visão nítida dela dançando contra o pôr do sol com seus longos cabelos mel que batiam na bunda.

Agora com a vida de volta a sua mente e noite dolorida infelizmente reconstruída na sua memória, Cairo tinha poucas certezas do que tinha acontecido. Poucas, mas suficientes. Primeiro: ele precisava urgentemente se recuperar com um ótimo Curandeiro que conseguisse curar um ferimento etéreo. Segundo: ele não conhecia nenhum. Não conhecia nem um ruim, quem diria um ótimo. Suas pouquíssimas habilidades de cura mal davam conta de machucados da carne. Terceiro: o demônio que o atacou não era um demônio qualquer. Era um soldado. Um soldado forte com uma missão clara. Quarto: alguém poderoso queria ele morto.

Depois de tantos anos de desgraça e anonimato, porque alguém iria querer ele morto? E esse alguém sabia exatamente o que ele era, porque tinha o conhecimento de onde encontra-lo e como invalidá-lo, já que matá-lo era realmente um trabalho mais difícil. Ele precisava descobrir quem estava por detrás daquilo. Por detrás da morte de Mudinha.

A memória daquele frágil anjo do asfalto mandou uma corrente de dor pelo seu corpo que fez Cairo finalmente se forçar a sentar. Sarnento terminou de morder seu vomito com uma careta enjoada e Cairo não ligou. O felino não servia para caçar nenhum rato então teria que se contentar com aquilo.

O gato escorou em sua perna machucada reconhecendo o ferimento que existia ali dentro, mas o bichano não tinha nenhum Mistério para poder ajuda-lo. Na verdade, Sarnento ajudava muito pouco para tudo o que Cairo precisava de um gato. Porém o felino com machucados pelo corpo e meia dúzia de tufo de pelos foi único animal com quem ele conseguiu fazer um elo empático em uma época em que ele se encontrava em condições muito parecidas com as que ele estava agora. E ele nunca podia se dar ao luxo de ficar sem um gato.

Com suas poucas habilidades de cura e muito cuspe, Cairo tratou Sarnento das suas feridas e o gato permitiu que ele ligasse um elo empático a ele. Agora eles eram Guardião e Protegido, porém o gato era mais um velho bêbado e resmungão do que propriamente um guardião. Cairo quase não lembrava da última vez que tivera um Guardião versado em Mistérios.

Para confirmar suas impressões o gato começou a engasgar e tossir violentamente. Uma bola de pelos ou qualquer outra merda que seu estomago não conseguiu digerir, mas então o gato ficou com a boca escancarada em meio vomito, seu corpo todo se arqueou e endureceu e seus olhos amarelos viraram nas orbitas.

Uma Ponte. Alguém estava entrando em contato com ele e só existia uma pessoa que sabia quem era seu Guardião. Camilo. O rosto do gato possuído virou sobrenaturalmente para sua direção e voz nojenta de Camilo escorreu para fora do gato sem que o animal mexesse sua boca:

“Que situação deplorável Viajante” a voz de Camilo soou aérea pela Ponte. “Vejo que te encontro em momento oportuno. Preciso dos seus serviços e na sua condição não vai poder negá-los dessa vez.”

Cairo rosnou sem querer afirmar nem recusar.

“Já queimei na memória dessa desculpa humilhante que você chama de Guardião a minha localidade. Qual o seu pagamento?”

Cairo refletiu antes de responder. Ele detestava fazer qualquer trabalho para Camilo, mas ele não podia negar a oportunidade. Se alguém tinha o contato de algum Curandeiro, esse alguém era Camilo. Mas ele não ia deixar barato. A fúria pela noite de ontem ainda não havia sido consumida e a morte de Mudinha precisava ser esclarecida.

“Então Viajante” a voz de Camilo soou mais longe dessa vez. “Essa Ponte não vai durar mais pela qualidade do seu guardião. Qual seu preço?”

“Vingança, Camilo” sua voz saiu mais rouca que os miados de Sarnento. Porém, mais afiada do que uma lâmina etérea. “Eu quero vingança”

Tinha que ser em um bairro chique. E longe. Cairo quase não conseguiu comprar passagem para o metrô com suas moedas e notas amassadas e sua cara de mendigo, e agora tinha que fazer a viagem toda encarando o chão para não assustar os

passageiros do vagão. Uma jovem tapou os olhos de seu filho para protegê-lo da visão grotesca que era ele. Sua mão direita estava grosseiramente enfaixada para esconder a carne flácida de seus dois dedos pendentes, sua bandana estava chegando no limite do material frágil e ele mancava seriamente na perna esquerda. Ele sabia que parecia ter fugido do hospital, mas não tinha nenhum outro jeito. Nenhum taxista o aceitaria para uma corrida e ele não tinha dinheiro suficiente para uma corrida. Cairo teria encarado a mocinha com o filho se ela não lembrasse tanto a Mudinha. Na verdade, todas as meninas da rua lembravam Mudinha a essa altura.

Para conseguir uma nova muda de roupas e um banho, ele teve que trabalhar o dia inteiro no bar do Seu Josias limpando banheiros e espantando bêbados encrenqueiros. Nenhum dos dois serviços eram difíceis. O complicado era aguentar as risadinhas agudas e nojentas do velho dia inteiro enquanto ele fazia piadas sem sentido. Porém, ele aguentou sem quebrar a cara do velho e ele conquistou com mérito dez minutos de chuveiro, uma mãozada de detergente e uma camisa velha estampada dos tempos de taxista do Seu Josias. A bandana fedia cada vez mais e talvez com um Curandeiro ele conseguisse fazer a troca. Agora ele rumava para os Jardins cheirando a prato engordurado mal lavado e com um gosto amargo na boca.

Camilo sempre causava isso nele. Dos anos que ele conhecia o mecenas, nenhum ele recordava com muito prazer. Teve a vez que a missão do magnata o acabou levando para um ninho de *ghouls* enfurecidos nas serras cariocas. Ou quando ele ficou preso quase uma semana em uma armadilha em uma tumba subterrânea para buscar uma relíquia mágica que só ele conseguiria acessar. Trabalhar para ele sempre era uma faca de dois gumes, porém o dinheiro era bom. Só o último trabalho para Camilo tinha sustentado Cairo pelos últimos anos e agora ele precisava mais do que dinheiro. Ele precisava de algo que Camilo realmente era bom, informações.

Depois de saltar várias estações antes do seu destino final, isso porque dois policiais o expulsaram do metro quando ele tentou fazer a baldeação para a tal linha chique, Cairo caminhou sofredamente até o endereço que ele recuperou da mente de Sarnento. A conexão mental com o Guardião era única habilidade telepática que ele conseguia manifestar no momento, até porque ela surgia naturalmente depois dos dois seres criarem um elo empático.

Prédios e praças arborizadas compunham o clima opulento do entardecer desse bairro chique da cidade. Era incrível imaginar que existia tanta riqueza nesse lado da cidade, sendo a mesma cidade onde ele tinha deixado a menos de vinte e quatro horas o corpo de uma jovem anja debaixo de uma ponte imunda. Sem ninguém para lamentar sua despedida do plano carnal.

Os condomínios de mansões começaram a se alinhar nas ruas marcadas na mente de Cairo. O corte etéreo estava em chamas na sua coxa e a dor era maior do que ele achava que conseguiria suportar. Seu pé terminou de se curar no metrô e ainda latejava de dor. Suor frio já começava a descer pelo seu rosto quando ele encontrou os exuberantes portões brancos do condomínio particular onde Camilo estava se escondendo dessa vez.

“Não tem dinheiro aqui não” o segurança do condomínio entrou na frente de Cairo antes que ele chegasse na portaria. “Vai circulando parceria.”

Porém o segurança diminuiu o tom de voz ao finalmente ficar perto de Cairo e perceber que faltariam bons vinte centímetros de altura para ele conseguir sustentar aquele tom de voz.

“Eu sou um convidado” Cairo suspirou sem paciência.

Uma lanterna piscou várias vezes da guarita da portaria e o rádio do segurança chiou antes de uma voz anunciar:

“O Sr. Rodrigo avisou que esse cara é convidado” a voz no rádio avisou.

O segurança ainda analisava desconfiado Cairo dos pés a cabeça.

“Tem certeza que ele vai na mansão do Sr. Rodrigo?” ele apertou o botão do rádio sem tirar os olhos dele.

Cairo segurou a respiração para não responder nada. Ele ainda não estava sob o teto de Camilo então seu patrocinador não poderia ainda se responsabilizar pelos seus atos. Ainda.

O porteiro da guarita deixou seu posto correndo e chegou até eles quase sem fôlego. Ele retirou o rádio do velcro do uniforme do segurança mal encarado e estendeu a mão para seu colega pedindo seu crachá:

“Foi mal Jorge, mas o Sr. Rodrigo te demitiu” então o porteiro virou para Cairo. “Por aqui Sr. Caio. Eu vou te levar de carro até a mansão do Sr. Rodrigo.”

Camilo se exibindo como sempre. Cairo acenou para o recém-desempregado com um pouco de pena e entrou no carro que servia somente para ele se movimentar dentro do condomínio gigantesco. Ver as mansões era realmente difícil. Elas ficavam a uma distância absurda uma da outra e hectares de árvores e lagos dividiam umas das outras.

Pelo o que Cairo conseguiu interpretar das visões queimadas na memória de Sarnento, esse condomínio tinha somente cinco mansões. Moravam somente dois políticos, um músico e Camilo, dono de duas mansões. Uma para ele e outra para Rodrigo, seu familiar.

As propriedades de Camilo eram logicamente as mais afastadas no condomínio e assim que ele saiu do carro do porteiro capangas que Cairo não reconheceu o receberam. Os funcionários de Camilo sempre vestiam ternos e camisas bordô e esses que vinham em sua direção eram brutamontes enormes cheios de anabolizantes nas veias e cocaína nos narizes. Esses deveriam ser funcionários do Rodrigo.

“É por isso aí que o patrão estava fazendo tanta pressão?” o que parecia um golem de barro falou achando que Cairo não estivesse escutando.

“Não sabia que ele precisava de nenhum desentupidor de vaso” o que lembrava o antigo ator da série Huck riu. “Mas cuidado ele é convidado.”

“Por aqui” o golem de barro apontou para o caminho de mármore que levava a casa, enquanto pousava propositalmente a mão na arma escondida debaixo da camiseta justa.

A mansão era uma enorme estrutura de diversos andares e arquitetura moderna. Com vidros enormes e pisos que terminavam em grandes linhas que faziam o lugar parecer uma versão muito rica de diversas caixas de sapatos empilhadas. A porta de entrada precisava de mais dois gorilas desmiolados um de cada lado para serem abertas de tão grande que eram. O interior da mansão era luxuosamente decorado com uma paleta sóbria de cinzas, azuis e bordô. Móveis saídos dos últimos catálogos de decoração moderna encontravam companhia com luminárias high-tech e tapetes importados. Lustres enormes se penduravam do teto refletindo uma explosão de cores dos seus diamantes valiosos. O piso térreo era completamente amplo e sem cômodos podendo receber por volta de cento e cinquenta pessoas facilmente.

Cercado de fora a fora com vidros, de um lado se via o fundo azul de uma piscina gigantesca e do outro a garagem com uma dúzia de carros importados. Porsches, Ferraris e Lamborghinis se enfileiravam lustrosas exibindo o poder aquisitivo de seus donos.

Os seguranças agigantados por química ficaram do lado de fora da mansão e fecharam as portas assim que Cairo passou. Ele ficou sozinho no hall desse mausoléu de vidro absorvendo a sensação de vaidade e decadência.

Uma música estrangeira tocava no sistema de som da mansão. Algum adolescente da moda resmungava algumas palavras quaisquer por cima de sons artificiais quaisquer. Para Cairo música tinha que ser feita inteiramente por pessoas com instrumentos feitos por pessoas e não por programas que repetiam padrões sintéticos.

Rodrigo apareceu de um corredor a sua direita com uma garrafa de vinho na mão cantarolando o ruído norte-americano.

“Cairo!” ele sorriu um sorriso forçado. “Você veio.”

Ele vestia uma calça azul marinho de alfaiataria e uma camisa bordô feita sob medida. Seu sorriso branco era delicado e ensaiado e seu porte físico denunciava muita academia, mas nenhuma química. Rodrigo era o símbolo da beleza genérica da classe alta moderna. Seu rosto de maxilar marcado, nariz fino e barba desenhada por uma equipe própria de estética, estampava outdoors, revistas e propagandas na internet pelo país inteiro.

O Gênio Frazão, como era conhecido na mídia, era um homem de trinta e três anos que tinha feito seu primeiro milhão antes dos vinte cinco anos de idade. Dono de um multinacional de chips que valia milhões no exterior ele era o rosto da nova geração de empreendedores que vendiam o sonho de ficar rico por méritos e trabalho duro.

“Aceita vinho?” Rodrigo ofereceu tirando a garrafa chique de debaixo de um abridor automático.

Cairo aceitou a taça e a levantou em saudação para Rodrigo. Os dois tomaram um gole em um silêncio quase cerimonial. Na verdade, para Cairo era extremamente cerimonial. Agora ele estava sob o teto de seu convidado. As leis estavam sob efeito.

O gosto do vinho assustou o paladar de Cairo prejudicado por aguardentes baratas e corotes duvidosos. Os sabores das uvas e as notas de flores e especiarias atingiram seu cérebro em uma violência luxuriosa e um outro sabor que ele não conseguiu identificar escapou do seu paladar. Ele não se envergonhou de terminar sua taça em um só gole e estender para Rodrigo o servir mais.

“Se interessou por algum?” Rodrigo perguntou para ele ao servir mais vinho e notar que o olhar de Cairo dançou por cima das fileiras de carros.

“Sim” Cairo mentiu.

Na verdade, Cairo tinha sido hipnotizado pela mudança das diferentes cores que alguma luz indireta e tecnológica fazia na garagem. Luzes pulsantes refletiram nos capôs lustrosos dos carros e lembraram Cairo de um portal que ele tinha atravessado anos atrás. Luzes arroxeadas e azuladas que dançavam harmoniosamente em volta de fractais amarelos e dourados. O portal do Grande Sono.

“E essas duas vieram da Itália” Rodrigo terminou de se gabar de alguma coisa que Cairo não tinha dado a mínima.

“Que bom. E o Camilo?” Cairo respondeu querendo se livrar dessa mansão e de Rodrigo o mais rápido possível.

Rodrigo torceu os lábios como se seu vinho estivesse azedado na taça. Ele levantou uma sobrancelha perfeitamente desenhada e estudou Cairo dos pés a cabeça. Ele não faria isso se soubesse o quanto Cairo detestava isso.

“Me diga *Cairo*” ele disse seu nome como se estivesse falando um palavrão. “O que é que o Camilo viu em você?”

“Eu poderia perguntar a mesma coisa” Cairo não queria cair em nenhum joguinho com Rodrigo, mas aquele rostinho de playboy que realmente nunca trabalhou na vida o irritava profundamente.

“Potencial” Rodrigo sorriu chegando mais perto. Ele media exatamente um e setenta. Quinze centímetros a menos que Cairo, mas a valentia não vinha da sua altura. “E futuro. Um futuro infinito”

“Ah é?!” Cairo agachou um pouco para ficar de olhos nivelados com ele. “Então me responde uma coisa. O Camilo já disse quando vai cumprir a promessa dele com você?”

Rodrigo ficou pálido e engoliu em seco seu vinho suave.

“Porque assim...” Cairo continuou com um sorriso maldoso. “Você chegou na idade cabalística. Trinta e três. Se não for agora... quando vai ser? O tempo está passando.”

“Sabe o que eu queria saber?” Rodrigo levantou a voz voltando a analisar cada pedaço de Cairo com nojo e desdém. “Porque ele tem tanto interesse em você? Você

não passa de um mendigo imundo que faz uns serviços ridículos para ter o que comer. Serviços que o Camilo oferece porque ele gosta de pisar em lixo como você.”

“Onde está o Camilo?” Cairo repetiu se segurando para não cair mais nas provocações.

“Você é passado” Rodrigo continuou. “Você é notícia de ontem. Um bosta que se arrasta na sarjeta. Não sei porque você não some. Camilo só te mantém por perto porque ainda não encontrou um vira-lata que obedeça tão bem quanto você. Sabe o que você é?” ele enfiou um dedo no seu peito. “Uma putinha bem mandada”

Com um borrão, Cairo segurou o dedo de Rodrigo. O playboy se assustou e tentou se soltar, mas Cairo não deixou. Ele pressionava com somente uma potência a menos necessária para quebrar os ossos daquele otário.

“Então não somos diferentes” Cairo se inclinou para que Rodrigo inalasse todo o fedor das suas roupas. “Agora. Cadê seu *sugar daddy*?”

“Seguranças!” Rodrigo gritou e em dois segundos os dois brutamontes de antes apareceram ao seu lado.

Cairo não soltou o dedo com a presença dos golens acéfalos e isso assustou Rodrigo mais ainda.

“Vocês revistaram esse animal?” Rodrigo desviou o olhar tentando timidamente puxar a sua mão em vão.

Os seguranças balbuciaram respostas inaudíveis.

“Revistem ele!” Rodrigo forçou um puxão e Cairo o soltou de propósito.

Ele cambaleou com a força da inercia e tombou em uma poltrona próxima. Cairo sorriu de canto enquanto levantava os braços para uma revista minuciosa. O segurança com a cara do Huck ficou responsável pela revista e o apalpou com uma dedicação louvável. Fazia tempos que ninguém chegava tão fundo nele.

“Prometo que isso não é uma pistola” Cairo cochichou na orelha do brutamontes quando ele passou pela sua pélvis.

A revista já tinha quase terminado quando o segurança subiu a mão para a bandana em sua careca.

“Se você quiser continuar com essa mão, não toque aí” Cairo avisou sem nenhum humor dessa vez.

O segurança buscou o olhar de Rodrigo que assentiu para prosseguir com a revista.

“Você pode estar carregando alguma câmera escondida ou um chip” Rodrigo esnobou se divertindo com seu desconforto. “Procedimento padrão. Continua Lucão”

“Eu vou avisar mais uma vez” Cairo elevou a voz que ecoou pelo térreo. “Não toque aí.”

Lucão tocou um dedo na bandana e com dois movimentos Cairo quebrou o braço dele. Ele agarrou a mão do segurança com a sua esquerda, girou o cotovelo do golem para cima e desceu o seu próprio quebrando a junta com estralo agudo. O segurança esperneou e berrou de dor enquanto tentava segurar seu braço agora inerte. O esforço tinha quase esgotado sua Vitalidade, mas Cairo não podia correr o risco. Além disso, ele queria provar um ponto para Rodrigo.

Uma risada melódica ecoou do mezanino do segundo andar. Uma risada divertida e extremamente afinada:

“Ele avisou para não tocar na bandana” Camilo continuou rindo e desceu as escadas a com a calma de quem tinha todo o tempo do mundo. E na verdade tinha.

Rodrigo, que já estava estático, ficou definitivamente branco ao ver Camilo rindo da cena. Mais branco que o próprio Camilo. Vestindo somente uma calça de moletom de veludo bordô, Camilo atravessou o térreo lentamente e ficou de frente para Cairo.

Seu tronco magro e pouco revestido por alguns pelos ruivos estava desnudo e era possível enxergar veias brancas por debaixo da pele quase translúcida. A pelagem acobreada continuava na sua barba rala e nos seus sempre revoltos e volumosos cachos vermelhos. Seu rosto jovial não dizia que ele tinha mais que vinte anos e Camilo passaria como lindo e exótico adolescente europeu, se não fosse pela sua pele sobrenaturalmente branca e fria. E claro, seus caninos afiados, afinal Camilo era um vampiro.

2.

O vampiro fitou os olhos Cairo por longos segundos em silencio enquanto o segurança chorava sem parar em algum lugar lá fora. Essa era uma das coisas que Cairo detestava admitir que admirava em Camilo. Ele sempre olhava uma pessoa primeiro nos olhos. Os olhos do vampiro eram verdes claros e possuíam um cintilante brilho sobrenatural. Encarar os olhos dele sempre deixavam Cairo desconfortável. Era como fitar uma naja por muito tempo. Você simplesmente não tinha como prever quando o bote viria.

Cairo se preparou para um cordão empático ou um toque mental, mesmo sabendo que não teria energia para lutar contra nenhum dos dois feitiços, mas não aconteceu nada. Ele não o atacou. Depois de analisar os olhos dele com uma munícia quase contemplativa, Camilo abriu os braços:

“Há quanto tempo velho amigo” seu tom de voz parecia sincero, mas o vampiro era um mentiroso nato. “Que bom te ver Viajante.”

Cairo abraçou o tronco branco e gelado do vampiro sem cerimônias afinal ele era seu convidado e Camilo franziu as sobrancelhas ao notar a taça de vinho em sua mão.

“De onde você pegou esse vinho” Camilo disfarçou seu espanto com um sorriso. “Você não foi oferecido, foi?”

“Ele quem me deu” Cairo respondeu triunfante apontando para um Rodrigo que se contorcia de inveja ao ver a intimidade dos dois. “E nós já compartilhamos a bebida”

“Então as Leis da Hospitalidade estão em vigor sob esse teto” Camilo sorriu derrotado saindo do seu choque. Ele se virou para Rodrigo. “Se me recordo bem, e uma coisa que sempre faço bem é me recordar, eu solicitei para que somente eu fornecesse qualquer alimento para o meu convidado.”

Rodrigo tentou formular uma resposta, mas Cairo o interrompeu.

“Ele tentou me envenenar com um sonífero potente que teria funcionado em menos de cinco minutos” Cairo se referiu ao gosto estranho que tinha sentido ao provar a primeira taça. “Tempo suficiente para você não notar que eu estive aqui e ele se livrar de mim”

Camilo riu e sua risada foi, como sempre, divertida e estranhamente melódica. Como se ele cantasse uma melodia enquanto ria. O vampiro caminhou até Rodrigo, que ficou de pé instantaneamente.

“Por favor Viajante perdoe a falta de modos do meu Familiar” Camilo fez uma suave reverência e pousou lentamente a mão no ombro de Rodrigo. O playboy estremeceu. “Ele ainda tem muito que aprender. Como por exemplo, nosso convidado Cairo não é afetado por venenos mundanos. Soníferos e remédios não fazem efeito nele. Assim como o álcool quase não surte efeito algum em seu metabolismo. Somente poções podem causar algo naquele espécime raro.”

“Eu não quis...” Rodrigo começou a falar, porém Camilo levantou um dedo e ele se calou.

“O seu segundo erro meu querido Rodrigo” Camilo continuou agora olhando diretamente para Cairo. “Foi dividir uma refeição com o convidado. Agora, pelas Antigas Leis da Hospitalidade, Cairo é nosso hóspede e por tanto deve ser protegido e tratado como tal. Se você queria se livrar dele, conseguiu somente o contrário. Agora você deve zelar pelo bem estar dele enquanto ele estiver debaixo desse teto.”

Com uma mão, Camilo desabotoou a camisa de Rodrigo abrindo-a até a cintura. O único anel que o vampiro usava brilhou na luz das luminárias. Uma belíssima safira escura cravada em um enorme anel de prata.

O peitoral firme do humano estava exposto e bem próximo do mamilo esquerdo estavam duas feridas vermelhas arredondadas. Cairo estava se perguntando onde estaria o ferimento causada pelos dentes do vampiro. Se alimentar do seu Familiar facilitava o acesso à sangue e aumentava o vínculo entre eles. Como Rodrigo era um homem famoso, a marca não podia ficar muito exposta.

Camilo passou levemente o dedo por cima da ferida e uma onda de choque atravessou Rodrigo. Ele se contorceu e caiu de joelhos no chão.

“Depois discutimos como será sua punição meu querido” Camilo afagou o cabelo impecável de Rodrigo com os pés descalços.

Ali estava o segredo de toda riqueza e opulência de Rodrigo. Camilo, o seu dono. Há mais oito anos Rodrigo tinha sido enfeitiçado por Camilo e se tornado seu Familiar. O humano que fazia os serviços sujos para o vampiro durante o dia enquanto o sanguessuga se escondia do sol. O feitiço de Camilo nem tinha sido nenhum feitiço de Manipulação ou Manifestação, mas somente a promessa de dinheiro, fama e vida eterna.

O jovem de classe alta não pensou duas vezes quando um investidor desconhecido apareceu do nada e ofereceu uma quantia absurda de dinheiro na sua recém-fundada startup. Três meses depois Rodrigo Frazão estampava as revistas de investimentos com manchetes: “Jovem gênio faz seu primeiro milhão.” A genialidade toda era de Camilo que mexia com dinheiro muito antes do avô de Rodrigo comprar seu primeiro pirulito. Números e valores eram marionetes para Camilo que manipulava dinheiro como uma maestria profissional.

O vampiro era tão rico que vivia tendo que mudar suas propriedades de nomes e movendo dinheiro para fora do país para suas contas bilionárias. Por isso um familiar sempre ajudava a contornar as barreiras burocráticas da vida eterna. Agora que Rodrigo já tinha ganhado dinheiro, fama e notoriedade ele esperava pelo seu último presente. A imortalidade.

Camilo tinha prometido o Beijo da Morte para o playboy assim que seus planos não precisassem mais de um Familiar, porém esse dia ainda não tinha chegado. Dos tempos que Cairo conhecia o vampiro, somente um Familiar foi transformado e não tinha terminado nada bem. Observando o material moral de que Rodrigo era feito, era possível que o Beijo da Morte nunca chegasse.

“Vamos Viajante, já que é nosso hóspede vou lhe arrumar um quarto” Camilo acenou para Cairo depois de terminar de bagunçar os cabelos de Rodrigo com o pé. “Temos muito o que conversar, mas será impossível ficar na sua presença por mais dois minutos com você cheirando o fedor de todos os esgotos de São Paulo. Meu querido, dê boas-vindas ao nosso hóspede.”

Rodrigo se levantou do chão e ajeitou seus cabelos com um movimento contrariado.

“Bem-vindo. Vou mandar levarem uma refeição para você” ele resmungou entre dentes.

“Muito bem, meu querido. Que educado. Cairo, por favor, me acompanhe”

Sem olhar duas vezes para Rodrigo, Cairo acompanhou o vampiro pelas escadas até um grande corredor no primeiro andar. Do lado esquerdo salas e mais salas se estendiam em uma variedade de utilidades. Salas de televisão com telas gigantescas, uma pista de dança com luzes neon, uma infinidade de jogos, mesas de bilhar e de poker avançavam sob uma varanda que dava para enorme piscina azul de vidro. Do lado direito, uma enorme academia com milhões de aparelhos de ginástica.

O que mais chamou a atenção de Cairo no andar foram as paredes revestidas de painéis de LED que passavam um vídeo em camela lenta em uma resolução tão absurda que Cairo precisou forçar a sua mente para entender que estava assistindo uma gravação e não uma vitrine.

Do cubismo ao impressionismo, um vídeo era apresentado nos potentes painéis luminosos onde obras de arte eram penduradas e emolduradas por querubins nas paredes que simulavam ser as paredes do andar. Então os anjinhos terminavam seu trabalho e de repente eram capturados violentamente por lasers que saíam de dentro de celulares de pessoas curiosas que passavam, como um desenho japonês.

Os lasers saíam de dentro das câmeras dos aparelhos como garras de uma águia e arrastavam sem misericórdia os seres alados enquanto eles tentavam se salvar. Depois de capturados, os próprios celulares eram pendurados na frente dos quadros, dispondo os querubins gritando por liberdade.

Tudo acontecia muito devagar enquanto os personagens de dentro das obras de arte gritavam e tentavam escapar do mesmo destino dos seres alados. As mudanças eram lentas e extremamente expressivas e realistas.

A serena Monalisa gritava de desespero quando a sua moldura caía no chão, se transformando no Grito de Munch. Os Campos de Trigo com Corvos entravam em combustão por causa dos lasers dos celulares e toda a cena queimava-se na Guernica de Picasso. Tomé, na A Dúvida de Tomé de Caravaggio, atravessava o dedo na ferida de seu mestre quando o celular tampava sua luz e todos se imergiam em um só ser, o Abaporu de Tarsila.

Cairo ficou parado tentando entender o que o vídeo significava. Ele não conseguia formular uma opinião, mas ele tinha sentido alguma coisa. Alguma mensagem ali. As fortes luzes de led incomodavam sua visão, mas ele ficou impressionado com o vídeo artístico, principalmente porque os curiosos que passavam e capturavam os anjos em seus celulares eram todos a mesma pessoa. Um jovem de regata preta que não mostrava seu rosto, mas que na extensão visível de todo o seu corpo estavam tatuadas as mesmas obras de arte que eram descartadas no final.

“Imaginei que iria te interessar” Camilo comentou ao ver o olhar atento dele. “Eu vi uma instalação do mesmo artista em uma galeria em Nova York e não consegui não encomendar uma para mim.”

“Quem é o artista?” Cairo sussurrou voltando aos poucos para si. A obra tinha capturado ele de alguma forma, como se ele fosse o querubim agora preso pelo vídeo.

“Desconhecido” o vampiro soltou outra de suas risadas melódicas. “O gênio por detrás da obra prefere o anonimato. Tenho certeza que meu amigo, dono da galeria que eu mencionei, conhece o artista, mas ele prefere guardar esse segredo para si.”

Cairo concordou com um aceno e seguiu Camilo para mais um dolorido lance de escadas. Ele mancou disfarçadamente atrás do vampiro que voava pelos degraus como se não possuísse nenhum peso. Sua coxa queimava e seu corpo começava a tremer de fraqueza. Um descanso realmente seria perfeito para ele. Antes de entrar pelo corredor que Camilo seguiu, Cairo olhou de relance mais uma vez o vídeo que agora se repetia na captura dos anjos pelos celulares e ele soube que o artista da obra era o próprio personagem que capturava os anjos. O rapaz que tinha tatuada as obras no corpo.

Todo o corredor esquerdo do segundo andar era reservado para quartos de hóspedes. Ao todo existiam seis portas, que de acordo com Camilo, eram todas suítes para seus convidados e algo na voz dele fez ele suspeitar que ele esperava mais gente do que revelava.

O vampiro parou de frente para a última porta do corredor e a abriu com um floreio exagerado. O quarto era maior do que quatro bares do Seu Josias juntos, com depósito e tudo. Só a antessala retangular com enormes poltronas redondas e um arranjo de flores de led que piscavam com a cor desejada num painel seria suficiente para Cairo. Porém o quarto seguia para uma incrível cama de casal com um jogo de cama azul marinho com detalhes bordô e uma suíte extremamente cheirosa com uma banheira aquecida. Por um instante Cairo esqueceu como falar.

“Espero estar a sua altura Viajante” Camilo se fez de humilde ainda na porta.

Cairo não tinha percebido que ele já tinha entrado no quarto e tirado os sapatos.

“Dá pro gasto” ele deu de ombros arrancando mais uma risada cantada do vampiro.

“Tome o tempo que precisar. Você agora é meu hóspede” Camilo fingiu uma reverencia colocando a mão no próprio peito desnudo.

“Você não esperava me fazer hóspede antes de eu aceitar o serviço, não é mesmo?” Cairo soltou sua suspeita e um sorriso traiçoeiro passou pelo sorriso pálido do vampiro. Seus caninos pontudos apontaram levemente para fora dos lábios.

“Realmente não tinha planejado a sua visita dessa maneira caro amigo” Camilo passou a mão nos cachos cobres. Como se precisasse arrumá-los, eles sempre estavam perfeitos. “Mas acredito que será melhor desse jeito, assim você vai poder aproveitar melhor o que tenho a oferecer”

“O que você está tramando Camilo?”

“Tudo ao seu tempo Viajante. Por agora tem algo mais que eu possa fazer para deixar sua estadia mais confortável?”

“Sim. Ponha uma camisa”

Novamente o sorriso travesso cortou o rosto jovial e sem dizer mais nada, Camilo fechou a porta. Cairo procurou a chave para trancar a porta, porém não existia. Tentou achar algum painel eletrônico para por alguma senha ou aqueles cartões de hotel, mas nada. Os quartos de hospedes não possuíam trancas.

“Vampiro esperto” Cairo sussurrou sabendo que se Camilo estivesse no andar ele conseguiria ouvi-lo.

O banho de Cairo durou duas horas. A primeira foi para ele realmente se limpar no chuveiro potente que liberava água de todos os lados, não só do teto. Demorou quase dez minutos para ele conseguir entender como fazia os botões do painel de touch funcionarem. A outra hora foi para relaxar na banheira aquecida com sais perfumados. Ele realmente não se lembrava da última vez que tinha tomado um banho tão perfeito. Sempre existiam as cachoeiras que ele poderia encontrar para

uma limpeza profunda, mas esses banhos serviam para outros propósitos. Óleos perfumados e essências aromáticas sempre tiveram um apelo muito forte para ele.

Cairo submergiu na água deixando somente o topo da sua cabeça de fora. A bandana já estava molhada demais do banho e o tecido não aguentaria mais muito tempo. Pelo menos agora estava cheirosa. Se o contato de Camilo fosse bom, o Curandeiro teria que dar conta da troca de bandana. Existiam poucos que ainda podiam auxiliá-lo na troca e se não fosse feito de forma apropriada os resultados poderiam ser desastrosos.

Sem muito entusiasmo, ele retirou a bandagem improvisada que cobria a mão direita e analisou seus dedos molengas e pendentes. Se o corte tivesse sido carnal novos dedos surgiriam perfeitamente de dentro da sua mão como brotos de um galho, porém o dano tinha sido na alma e o processo de cura seria outro, assim como o da perna. Talvez menos se ele encontrasse um Curandeiro. O suspiro de cansaço saiu de seu pulmão sem aliviá-lo em nada.

A banheira aquecida parecia abraçá-lo e por um segundo ele se sentiu de volta no Caixão Materno. Por mais que fosse quase um sonho do que necessariamente uma lembrança, pensar naquele líquido onde espaço e tempo não importavam e o escuro era somente um sono bom o reconfortava mais do que ele gostaria de admitir. O Caixão Materno talvez tenha sido a última vez que ele não sentiu nenhum medo.

Ele saiu da banheira sem usar nada do conjunto de toalhas felpudas penduradas por todo o banheiro. Se ele ia aproveitar da hospitalidade, se secaria como ele achava certo. Ao natural. Ao passar pelo espelho que cobria uma lateral inteira do banheiro, ele parou para se rever. Espelhos eram algo que ele normalmente evitava, porém depois da noite de ontem ele precisava saber como estavam as coisas na sua carcaça de carne. Seu corpo, mesmo magro pelos últimos dias de uma alimentação baseada em sanduiches de mortadela e pinga, ainda sustentava os longos músculos conquistados pelos treinamentos de carregamentos de pedras debaixo do sol.

O peitoral largo e o abdômen definido eram cobertos por pelos negros que desciam profusamente até seu pênis e suas coxas. Durante o banho ele aproveitou para dar atenção a essas partes com óleos perfumados não sabendo qual seria a próxima vez que ele teria um luxo como esse. Ele sempre achou que seu corpo tinha se desenvolvido com tempo como o de um nadador, mesmo tendo sérios problemas com águas profundas.

Vaidade nunca tinha sido seu forte e ele só costumava ligar para sua aparência quando era extremamente necessário, como em ocasiões em que ele tinha que visitar mansões chiques em bairros ricos. Sua maior preocupação no momento eram seus ferimentos. O buraco em seu ombro causado pela unha do demônio já era somente um ponto rosado de pele nova. O pé ainda estava bem dolorido, mas a articulação estava quase totalmente desinflamada podendo firmar seu peso com mais facilidade.

Com os dedos bons da sua mão esquerda, Cairo deslizou a linha vermelha sob sua coxa. A lâmina etérea não fez nenhuma incisão na carne, mas uma arma potente como aquele não tinha como não deixar nenhum rastro. A água morna que ainda escorria em sua pele deixou o local sensível e um arrepio involuntário percorreu seus

pelos molhados. O musculo da coxa tremeu em um espasmo e uma pontada de dor atravessou sua perna. Seu corpo poderia sempre curar pela Vitalidade, mas ainda existia um preço. As dores que ele sentia eram maiores e quanto mais tempo ele ficava sem usar seus Mistérios, mais tempo demorava para eles se fortalecerem.

Antigamente todos os machucados de carne já estariam curados. Mas a carne era uma vestimenta temporária e ele sempre soube disso, antes mesmo de se versar nos Mistérios. Nada é eterno para sempre. Eterna somente a nossa ignorância, seu mestre costumava dizer.

Um barulho no quarto o tirou do estudo do seu corpo nu e ele saiu do banheiro em um rompante. Uma funcionária terminava de empurrar um grande carrinho de hotel com vários pratos cobertos. Ela vestia um uniforme bordô bem cortado, anunciando que ela era uma das empregadas de Camilo, devia ter no máximo quarenta anos de idade, tinha quadris largos e severos olhos castanhos marcados por sobrancelhas arqueadas. Ela se assustou com o movimento repentino e se virou quase deixando o carrinho tombar.

“O Sr. Camilo pediu para trazer seu jantar” a funcionária disse olhando de relance para seu órgão desnudo. Seu rosto se manteve inexpressivo e Cairo julgou que ela estava acostumada a trombar com gente nua na sua rotina.

“Obrigado” ele agradeceu sem fazer menção nenhuma de se vestir.

“Algo mais que eu possa ajudar?” ela perguntou o encarando sem piscar.

“Não” ele respondeu secamente e, sem conseguir sustentar a sugestão explícita na voz dela, enrolou sua cintura com uma das toalhas.

“Estou à disposição para agradá-lo como quiser” ela não se moveu.

Seus olhos eram castanhos mel e sua olheiras eram cobertas por grossas camadas de maquiagem. Cairo se lembrou um dos porquês que ele não gostava de Camilo.

“Não estou precisando, senhora...”

“Vera, Sr. Caio” Vera respondeu profissionalmente. “Se precisar, o telefone do lado da cama tem o ramal da cozinha. Estou à disposição. Com licença”

Vera saiu tão sorrateiramente quanto um gato e Cairo ficou alguns segundos imaginando amargamente como seria trabalhar para Camilo. Ele sabia que o vampiro tinha uma equipe fiel de mais ou menos dez funcionários que o seguiam para onde ele fosse, de cozinheiros a segurança. Mais de uma vez o sanguessuga ruivo ofereceu para ele a posição mais alta no seu escalão, segurança pessoal. Cairo recusou todas as vezes por dois motivos: Primeiro, a equipe era trocada de cinco em cinco anos e segundo, mas não menos importante, ele teria que acabar com Camilo caso ele causasse uma *divergência*.

O jantar foi mais incrível do que ele conseguiria imaginar possível. Diferentes pratos com os mais variados tipos de carnes foram preparados com temperos fortes e especiarias exóticas, exatamente do jeito que ele gostava. Por mais que ele detestasse admitir, Camilo sabia agradá-lo. Depois da refeição pesada e de terminar uma

garrafa inteira de um vinho rosé, o sono o tombou como um delicado coice de elefante. Ele poderia acordar acorrentado em um porão de Camilo que não ligaria. Eram o melhor banho e a melhor refeição em anos.

Já se passava das onze horas da manhã quando Cairo finalmente acordou. Os tecidos finos dos lençóis e edredons da cama não permitiram que ele conseguisse levantar mais cedo e ele agradeceu por não estar preso em nenhum porão. Tinha dormido tão pesadamente que ele nem teria notado se tivesse sido raptado. Ele se vestiu com um roupão de seda azul do banheiro e decidiu explorar a mansão de seu anfitrião, que nessa altura do dia estava bem escondido em algum cofre escuro fugindo do sol.

A mansão parecia deserta a não ser por dois ou três funcionários que ele vislumbrou entrando e saindo de alguns cômodos. Uma enorme porta de metal barrava o acesso para o terceiro andar e antes que Cairo tentasse uma terceira senha no painel eletrônico, um segurança de terno bordô, camisa cinza escuro e óculos escuros apareceu do seu lado. Finalmente um segurança do Camilo.

“Quem é você?” Cairo buscou em sua memória se reconhecia o rosto do atlético segurança asiático.

O funcionário somente parou de costas para a porta e cruzou os braços.

“Seu nome. Quem é você?” Cairo repetiu tirando educadamente a mão do painel.

O homem não era nem alto, nem muito musculoso, porém vestia o uniforme dos seguranças de Camilo, então ele só podia ser uma coisa: eficiente. O segurança apenas apontou para a porta em suas costas e fez o sinal universal de “não”.

“Muito prazer. Me chamo Cairo” ele disse em um japonês perfeito.

Ele deu de ombros e virou as costas fingindo que não valia a pena descobrir o que tinha no terceiro andar.

“Kato” o segurança respondeu em suas costas. Seu sotaque não tinha nenhuma flexão do português.

“Prazer Kato-san” Cairo se virou.

O segurança estava de boca aberta e tinha tirado os óculos escuros, revelando estreitos olhos arregalados.

“Seu nihongo é... muito bom” ele gaguejou.

“Eu sei. Aposto que é melhor que o do Camilo” Cairo soltou, arrancando mais gaguejos do segurança. Ele apontou para os óculos escuros retangulares. “Bonito óculos”

“Arigatou” Kato respondeu ainda visivelmente impressionado com fluência de Cairo.

“Então seu chefe dorme aí?” Cairo continuou. “Fica tranquilo, não vou causar problemas”

“Tudo bem” ele engoliu seu choque e retomou a postura de segurança. “Do terceiro andar em diante somente com autorização do Sr. Camilo. Mas você pode ficar à vontade para utilizar dos outros andares e se precisar de alguma coisa só avisar”

“Obrigado Kato” Cairo agradeceu. “Posso te pedir uma coisa então?”

“Sim”

Cairo estendeu a mão e calmamente retirou os óculos escuros da mão do segurança.

“Arigatou” Cairo fez uma pequena reverência e voltou para sua excursão sabendo que tinha iniciado uma amizade que poderia ser muito útil.

“Espere” Kato chamou sua atenção antes que ele descesse a escada. “Como você sabia que eu sou japonês?”

“Intuição” Cairo respondeu sem olhar para trás e sem comentar que tinha distinguido facilmente uma tatuagem de máscara de oni no seu pescoço.

O resto do seu dia se resumiu em andar pelos cômodos da mansão e pedir comida ao lado piscina. Cairo ficou o dia inteiro ouvindo o barulho da cascata ligada, mas sem entrar na água enquanto desafiava com obstinação o estoque da adega de vinhos de Camilo.

Ao se informar com uma outra funcionária na cozinha que não era Vera, ele descobriu que Rodrigo e seus capangas ficavam na mansão do lado e que normalmente voltava somente no final da noite para alguma festa ou evento. Tirando os dias que ele passava trancado nos andares de cima com Camilo.

Antes das seis horas, Vera apareceu ao seu lado o acordando de um poderoso cochilo.

“Com licença. Estas são suas roupas” Vera estava parada ao seu lado em seus braços estavam uma pilha de camisas sociais e calças de alfaiataria. “Gostaria de fazer alguma alteração?”

Cairo precisou tirar os óculos escuros de Kato para estudar as peças.

“Eu não sei se essas coisas vão caber em mim” ele resmungou sonolento.

“Vão sim. Eu tirei suas medidas ontem” Vera afirmou com um tom de orgulho.

“Que horas?”

Ela quebrou por um segundo sua máscara treinada e deixou escapar um sorriso malicioso ao olhar novamente de relance o volume da sua pélvis marcado no roupão.

“E então? Gostaria de provar alguma coisa?” ela retomou seu tom firme.

“Se tiver qualquer coisa vermelha ou bordô pode tirar por favor” ele sorriu para ela de volta e se encostou na cadeira.

“Mas o Sr. Camilo insiste que...”

“Pode deixar que eu me entendo com o Sr. Camilo” Cairo piscou para ela antes de recolocar os óculos escuros.

“Deixarei elas no seu quarto. O Sr. Camilo o espera em meia hora no terceiro andar” Vera anunciou e marchou elegantemente para fora.

Cairo não conseguiu se contentar somente os arrepios na sua nuca que a voz de autoridade de Vera causava e se virou para acompanhar seus quadris redondos sumirem escadas acima. Normalmente ele não se prestava a atender a essas demandas da carne. Talvez fosse o conforto que o tivesse deixando mais solto. Sem querer deixar seu anfitrião esperando, vestiu o mais sóbrio e preto visual que ele conseguia montar e se dirigiu para porta do terceiro andar.

Kato o esperava com um sorriso contente disfarçado em frente ao painel eletrônico.

“Está bonito Sr. Cairo” ele cumprimentou.

As calças sociais não eram nada confortáveis para ele, mas a camisa social era de um ótimo algodão e solta nos seus ombros largos.

“Cortesia do chefe” ele sorriu novamente com uma pequena reverência.

A porta de metal soltou bip eletrônico e deslizou para o lado.

“Falando nele” Kato deu um passo para o lado.

“Até mais”

Cairo atravessou a porta de metal e pisou num enorme e comprido corredor que dava direto para um par de portas de madeira. Diferente do resto da mansão, tudo aqui era branco e fechado e não possuía nada dos tons sóbrios em cinza e bordô. O grande corredor possuía somente mais dois conjuntos de portas duplas no seu comprimento. Era ao mesmo tempo elegante, ao gosto de Cairo, porém imponente. Somente três salas num andar deste tamanho não era bom sinal.

Antes que ele decide iniciar sua caminhada e decidir qual porta iria testar, a grande dupla de portas brancas na ponta mais longe abriu e a figura de Camilo deslizou para fora se apoiando elegantemente no batente. Ele usava a mesma calça de veludo bordô, porém pelo menos tinha coberto tronco com uma camisa social preta.

“Por aqui” ele moveu os lábios e o som chegou aos seus ouvidos como se ele tivesse sussurrado ao pé da sua nuca.

Ele detestava esse truque e Camilo tinha ficado bom com o tempo.

“O que você esconde nessas outras portas?” Cairo perguntou ao ficar de frente com o vampiro.

Ao passar por uma ele teve certeza de ouvir uma vitrola tocando música clássica.

“Primeiramente sejamos educados Viajante. Cortesia não é um Mistério e sei que seu Mestre te ensinou bons modos” Camilo fez um biquinho triste. “Boa noite”

“Boa noite Camilo” Cairo rosnou sem muito entusiasmo.

Camilo terminou de abrir passagem para ele com um floreio e Cairo entrou no cômodo que já conhecia tão bem. Ele nunca cansava de se impressionar com a

habilidade de Camilo em recriar seu escritório em qualquer lugar que ele se escondesse.

O escritório do vampiro era o único elemento que ligava Camilo ao seu passado mortal e indicava o pouco de apego a sentimentalidades que ele ainda poderia ter. Tudo que não estava dentro desse escritório tinha que ser da mais nova tecnologia possível. A última televisão de plasma lançada, o mais novo óculos de realidade virtual, o mais avançado sistema de automatização de eletrônicos. Porém dentro dessas paredes as coisas só mudavam quando não existia mais nenhuma possibilidade de reparo e se fossem trocadas, eram substituídas por réplicas idênticas.

As tábuas escuras que formavam o chão do grande cômodo quadrado não eram as mesmas desde um incêndio em uma outra casa, assim como a velha cadeira de encosto alto, mas foram polidas e envernizadas no mesmo marrom escuro do casarão onde Cairo o conheceu pela primeira vez.

Chovia muito depois de um longo dia de calor e Cairo andava calmamente pelas ruas molhadas do centro do Rio de Janeiro recebendo com gratidão as gotas em seu rosto ainda vermelho de excitação.

Suas visitas a casa de Madame Blanche eram sempre proveitosas, mas quando ele conquistava um momento a sós com ela era garantido que sairia cansado. A cafetina era uma vidente poderosa e ela realmente conseguia falar com os espíritos, diferente dos charlatões que ele conhecera na cidade. Depois de drinks, risadas e boa música tocada no piano, algo que ele só fazia para conseguir os agrados de Madame Blanche, Cairo conseguiu a pista que precisava para continuar investigando as estranhas aparições que começaram a acontecer nos morros e depois se deitou com a linda carioca que conseguia fingir perfeitamente um sotaque francês.

O centro fedido da cidade estava caótico de barro e fezes de cavalos. O fedor do saneamento não escoado subia em ondas fortes depois do calor infernal e agora com a chuva torrencial, porém Cairo não ligava para a sujeira e caminhava tranquilamente no meio da rua com as charretes e carruagens tendo que desviar dele correndo para levar seus senhores para os bailes e reuniões imperiais. A melhor coisa para ele terminar essa noite seria o bom uísque que ele tinha ganhado dois dias atrás de um serviço bem concluído que o esperava na cabeceira da cama na sua pensão.

Ele virava a avenida principal que o levaria para pensão Joia do Império, lugar que alegava ter recebido nobres da corte imperial quando Dom João atracou com sua família anos antes, quando Pindé trompou com ele.

“Meu senhor, que bom que te encontrei!” Pindé se apoiou nos braços de Cairo que o segurou do encontro. “O senhor está sendo requisitado. É importante.”

Pindé era um jovem mestiço filho bastardo de um pequeno senhor de café com uma índia. Ele não tinha recebido nenhuma instrução, mas foi criado pela sua mãe que ainda era escrava na fazenda. Aos dozes anos sua mãe morreu e o velho cafeicultor terminou de assistir a criação do filho bastardo até quando sua mulher não aceitou mais a presença do símbolo de mais essa traição do marido e exigiu a expulsão do

rapaz. Com poucos trocados no bolso, mas sem saber ao certo como administrá-los, Pindé se instalou no quarto ao lado de Cairo na pensão e assim que o menino começou a dar indícios de ter o dom para o Mistério da Visão, Cairo o recrutou como ajudante.

De dia Pindé trabalhava num boticário, serviço que Cairo também tinha conseguido para ele, e a noite eles vagavam juntos nas vigias pelas ruas de um Rio de Janeiro imperial e já decadente.

O jovem mestiço conseguia sentir as mudanças e manifestações do Plano Invisível no Plano da Carne com uma exatidão melhor do que o próprio Cairo. Seu dom com certeza tinha sido herdado da sua mãe, mas se não fosse cuidado poderia trazer prejuízos enormes para a saúde do garoto, que já guardava rancores e ressentimentos com o pai que o abandonara. Rancores tão grandes que poderiam facilmente causar uma *divergência* nas mãos de um talento tão bruto.

“Vamos senhor, por aqui” Pindé o apressou. Sua estatura franzina quase sumia dentro do grande sobretudo preto e enxarcado.

“Calma garoto. O que está acontecendo? Para que essa pressa?” Cairo o ajeitou batendo as gotas do casaco pesado.

“Senhor, o irmão de uma amiga foi afligido por alguma doença estranha que o deixou recluso dela, mas ninguém consegue ajuda-lo e agora ele começou a se comportar violentamente caindo em surtos de raiva e tristeza”

Pindé despejou tudo tão rápido que Cairo quase não conseguiu acompanhar, seu cérebro ainda extasiado do torpor causado por Madame Blanche chegou a doer.

“Repita isso” ele exigiu buscando uma marquise para esconder da chuva que engrossava.

“Comportar-se violentamente em surtos de...”

“Não, não. Amiga? Que amiga é essa?”

“Uma conhecida minha do boticário. Ela compra sempre lá” Pindé corou-se e desviou o rosto buscando disfarçar sua vergonha dentro da gola do seu casaco.

“Ah! Então finalmente eu vou conhecer a famosa donzela que você vem cortejando” Cairo deu dois tapinhas no ombro dele.

“Então você vai ajudar?” o garoto abriu um sorriso enorme.

“É claro Pindé. Para onde?”

Juntos eles se esgueiraram pelas ruas lamacentas até pararem em frente a um grande casarão cercado por um enorme jardim mal cuidado. Ervas daninhas tomavam conta dos canteiros de rosas e as bananeiras cresciam sem poda com seus cachos apodrecendo no solo. Os portões de grade não eram pintados a muito tempo e a ferrugem já comprometia a estrutura. Nenhuma luz escapava de dentro da casa e, pela rua não ter sido ainda agraciada com a iluminação a gás, o grande casarão estava engolido nas sombras. Todas as janelas estavam trancadas e as cortinas fechadas.

Cairo olhou torto para Pindé que logo se apressou em explicar.

“Aqui mora a Olivia e seu irmão mais velho. O pai deles era um espanhol que veio para cá no comércio marítimo, mas entrou em falência e morreu deixando as dívidas para eles. Olivia contou que seu irmão tentou de tudo para conseguir salvar o pouco de dinheiro que eles tinham, mas nada adiantou. Então ele começou a andar com uma gente estranha para ver se conseguia dinheiro e agora parece que ele pegou alguma coisa”

“Bebida?” Cairo perguntou estudando o casarão.

“Não” Pindé sacudiu a cabeça. “Segundo Olivia, ele nunca apareceu bêbado. O que acha que pode ser?”

Cairo respirou fundo e lançou um cordão empático para dentro da casa. Captou uma menina sentada na sala com o coração apertado de medo e apreensão e um gato no seu colo, dois escravos sentados na cozinha famintos e com frio e uma explosão selvagem de fúria, tristeza, ódio e solidão no segundo andar. A confusão de sentimentos foi tão intensa que Cairo recolheu o cordão empático no mesmo instante em reação. Era como se um animal selvagem estivesse trancado no escritório do segundo andar. Sem dizer nada, ele chutou o portão enferrujado e entrou na propriedade.

“Olivia sou eu, Pindé” o menino gritou por cima dos muros de Cairo que começaram a enfraquecer as juntas da porta trancada.

Depois de sons de passos apressados e chaves balançando, uma garota ruiva de estatura frágil apareceu na porta. Seu rosto estava pálido e lavado pelas lágrimas e um crucifixo de madeira estava apertado fervorosamente em sua mão esquerda. Ela estudou os dois homens com olhos mais assustados que o gato peludo que riçava aos seus pés.

“Olivia!” Pindé passou por Cairo e fez menção de abraça-la porém ela recuou.

“O que você quer?” a voz dela era fraca e vacilante. Ela não estava os repreendendo, mas não deixava de ser cautelosa. Seu sotaque espanhol era fraco, mas presente.

Pelo cordão empático Cairo entendeu que ela estava receosa das intenções deles, principalmente porque ela já sabia que qualquer que fosse a aflição do seu irmão, não era coisa boa.

“Olivia, esse é meu amigo Cairo ele vai ajudar seu irmão” Pindé explicou.

“Ele é daquele povo andarilho?” a garota perguntou examinando seu sobretudo levemente surrado, mas parando seu foco no longo lenço colorido que saía debaixo do seu chapéu marrom.

“Não sou Senhorita Olivia” Cairo inclinou-se para poder olhá-la nos olhos. “Mas mesmo que eu fosse, eu seria sua única ajuda”

Ele lançou uma onda de segurança pelo cordão empático que suavizou o coração da garota como uma xícara de chá quente em uma noite gelada. Sua expressão se suavizou e ela terminou de abrir a porta para eles entrarem.

“Agora me diga Olivia” Cairo perguntou já analisando a casa escura. “O que aconteceu?”

A menina tremeu ao ter que recordar de alguma lembrança dolorida. Instintivamente sua mão foi para seu antebraço esquerdo que estava enfaixado. Pindé colocou a mão e seu ombro e abriu um daqueles sorrisos que convenciam qualquer um de qualquer coisa. Seus perfeitos dentes brancos pareciam iluminar direto o coração de quem os recebia e o golpe de afeto era sempre fatal. Cairo também tinha sido vítima daquele sorriso doce.

Ela os levou até a sala de visitas e acendeu uma pequena vela para afastar o breu do cômodo. Pindé se sentou ao lado dela segurando firme as mãos pequenas da moça nas suas. Um gesto carinhoso que conseguiu um sorriso de Cairo. Ele ficou de pé com o gato peludo de Olivia aos seus pés.

“Meu irmão estava fora dois dias inteiros” ela começou olhando para o chão com vergonha do que ia contar.

Sua voz fraquejou e Cairo mandou uma outra onda de conforto pelo cordão empático. A garota ergueu o queixo e continuou sua história, ainda incerta, mas sem pausas.

“Ele estava desesperado porque íamos perder a casa. As contas estavam acumulando e nossas reservas iam esgotar até para nossa alimentação. Então uma noite ele apareceu animado berrando que a nossa sorte ia mudar e que Deus tinha finalmente escutado nossas preces” ela disse isso apertando mais forte o crucifixo. “Um bom feitor ia ajuda-lo, mas para isso ele teria que atender a um evento. Então ele veio aqui em casa, tomou um banho perfumado, vestiu suas melhores roupas e saiu em disparada. Ele ficou aquela noite e o outro dia inteiro fora. Na outra noite eu estava me deitando para dormir quando ouvi ruídos no antigo escritório do nosso pai. Era estranho porque desde quando a nossa falência se tornou realidade meu irmão nunca mais tinha entrado lá. Quando eu tentei conversar com ele as portas estavam trancadas e nada que eu dissesse o fez sair de lá. Ele somente berrava que tinha sido enganado. Berrava e urrava, como se estivesse com dor.”

“Você conheceu esse bem feitor?” Cairo perguntou concentrado.

“Não. Ele nunca me disse mais nada além do que contei. Eu fiquei a noite inteira do lado de fora da porta tentando convencer ele para que conversássemos, mas ele não respondia e eu ouvia sons como se ele tivesse se debatendo. Os gemidos de dor e os barulhos de madeira só pararam hoje de manhã. Foi quando eu encontrei Pindé no boticário enquanto comprava algum tônico para o sono ou até mesmo para sandice”

“Ele tomou o tônico?” Pindé perguntou abraçando gentilmente o ombro dela.

Olivia colocou a mão dentro de um bolso interno do vestido e recolheu o pequeno frasco ainda lacrado.

“Quando eu tentei arrombar a porta com a ajuda de um dos escravos e dar o tônico, ele me empurrou com força e me arranhou o braço” uma lágrima silenciosa escorreu de seus olhos verdes. “Ele nunca foi violento. Pelo contrário! Meu irmão é um homem bom. Estudado. Advogado. Católico. Ele nunca machucou ninguém. O que será que aconteceu com ele?”

A tristeza dela foi mais forte que qualquer sentimento que Cairo transmitisse pelo cordão e o feitiço se desfez. Nesse momento um barulho alto de algo se quebrando ecoou do segundo andar. Pindé abriu os braços e ela se jogou nele abafando seus soluços doloridos.

“Só mais uma pergunta Senhorita” Cairo disse com seu melhor tom de acalento. “Essas ‘sandices’ do seu irmão, só começam a noite? Nunca durante o dia?”

Ela o encarou com olhos molhados e surpresos e afirmou com a cabeça.

“Entendi” ele afagou seus cabelos ruivos com carinho e se levantou para entrar em ação. “Senhorita Olivia, preciso que você fique aqui embaixo a todo custo. Pindé eu quero que você dê uma *olhada* na casa e me diga se vê alguma coisa”

Imediatamente o garoto começou a vagar pelos corredores parando no meio deles, respirando fundo e encarando cada canto.

“O que vocês vão fazer?” Olivia se desesperou ao ver a postura decidida de Cairo.

“Nós vamos ajudar o seu irmão, Senhorita. Da melhor forma possível”

“Mas vocês não vão machucá-lo, não é mesmo?” ela agarrou o sobretudo de Cairo com uma violência desesperada. “Meu irmão é meu único parente. Sem ele eu não posso fazer nada. Sem ele eu não tenho nenhum futuro. Ele não pode ser preso ou ir para um sanatório. Por favor, por favor!”

“Nós vamos ver o que pode ser feito” Cairo a assegurou se livrando delicadamente de suas mãos pequenas.

Ele foi até Pindé que estava terminando de descer as escadas do casarão. Suas botas molhadas da chuva rangiam alto o couro contra o chão de madeira.

“E então encontrou alguma coisa?” ele sussurrou para o garoto.

“Nada no segundo andar” o menino respondeu limpando o suor do rosto. “Ele com certeza me escutou, mas eu não vi nenhum espírito na casa. Tirando uma estranha sombra que fica em volta de um dos escravos na cozinha. A natureza dele não parece maligna, como o senhor diz, a menos que nós perturbemos o escravo, que é uma espécie de protegido dele”

“Eu sei do que você está falando” Cairo tirou o sobretudo lembrando do seu último encontro com os espertos espíritos guardiões dos escravos negros. “Muito bem Pindé, fique aqui com ela e não deixe que ela suba. Se eu precisar de você eu chamo”

“Senhor, se não existe nenhum espírito ali, o que pode ser?”

“Eu tenho minhas suspeitas” Cairo encarou o teto do térreo onde os sons de destruição reverberavam na madeira.

“O senhor já sabe, não é mesmo!” Pindé concluiu animado ao estudar o rosto de seu senhor. “O que é? O que é?”

“Você está ficando esperto demais garoto” ele sorriu de volta para o sorriso iluminado do rapaz. “Sim, eu acho que já sei do que se trata, mas preciso confirmar. Olivia, qual o nome do seu irmão?”

“Camilo” ela respondeu voltando aos braços de Pindé. “O nome dele é Camilo.”

3.

O escritório continuava igual Cairo conheceu naquela noite. A enorme mesa de mogno no centro, onde Camilo estava escondido embaixo quando Cairo arrombou as portas do escritório, a cadeira de encosto alto e apoio para os braços entalhados, que estava estilhaçada em pedaços contra uma das paredes naquela noite de verão, e a lareira de mármore que estava apagada porque os novos olhos de Camilo não aguentavam muita luminosidade naqueles dias.

Tudo era acompanhado pelo polido chão de madeira escura e o papel de parede verde floresta. Tudo igual a cento e quarenta e um anos atrás. Os quadros e mapas que marcavam rotas comerciais e rostos de antigos membros da família ainda eram pendurados toda vez que o vampiro recriava seu escritório em um novo esconderijo, porém Camilo fazia mais por um hábito ritualístico do que por real sentimentalismo a seus ascendentes espanhóis.

“Você consegue ser mais nostálgico do que eu quando entra nesse escritório Viajante” Camilo apontou para as duas poltronas beges no canto do cômodo.

Cairo rosnou em discordância, mas sem convicção. Entrar nesse cômodo tão exato quanto o daquela noite era relembrar de vidas e histórias que ficaram há muito tempo esquecidas. E a dor era sempre maior quando ele tinha perdido mais alguém tão recentemente.

“Quinze anos” Camilo chamou sua atenção quando Cairo se perdeu encarando a pequena mesa de apoio que ele tinha usado para quebrar na cabeça do vampiro recém transformado.

“O que?”

“Fazem quinze anos que você não entra aqui. Eu fiz algumas mudanças” ele anunciou apontando para um quadro que Cairo não conhecia.

Um pequeno retrato estava pendurado na ala de parentes e a moldura dourada guardava uma moça de cabelos ruivos e olhos tristes. Cairo tirou os óculos escuros para admirá-la melhor.

“Olivia...” o nome escapou dos lábios de Cairo.

“Eu consegui finalmente resgatar este retrato de um arquivo de uma universidade fluminense. Eu estava rastreando ele a anos e finalmente o encontrei”

“Você encontrou mais alguma coisa?” Cairo perguntou sem tirar os olhos do quadro. A ansiedade crescia em sua garganta.

Algumas lembranças se perdiam conforme os anos se passavam. Detalhes e datas eram condensados em uma grande visão embaçada do passado, como um sonho que se luta para recordar quando acorda.

Ele se recordava de Pindé, lógico, mas não lembrava direito da cor dos seus olhos. Eram pretos ou castanho claros? E o que ele tinha dito na última vez que eles se viram? Quando Cairo mentiu para ele que ia tratar de uma doença para fora do país e eles nunca mais poderiam se ver?

Pindé o chamou de mentiroso, tão bem o menino já sabia ler suas expressões, mas foi algum ensinamento que o moleque compartilhou e ele repetiu para si como um mantra durante o próximo século e depois se esqueceu. Agora olhando para aqueles olhos tristes retratados de maneira tão fiel por um pintor talentoso ele reviu o rosto infantil de Pindé dizendo:

"Espíritos unidos vão sempre se encontrar".

Entrar nesse museu, réplica perfeita daquele antigo escritório, era uma maneira de tirar o pó das velhas gavetas da memória já corrompidas pela amargura e o arrependimento.

"Não me ouviu Viajante?" Camilo estalou os dedos. "Eu disse que não existe nenhum registro de Olívia ou do garoto depois que eles foram para o Sul"

"Depois que *você* mandou eles para o Sul" Cairo o corrigiu.

"A ideia foi sua e como você ia explicar para eles que nem eu nem você iríamos envelhecer com o tempo? E para que voltar nessas discussões?" Camilo deu de ombros e rumou para uma das poltronas. "Uísque?"

Na mesma mesinha de apoio de sempre estava o encorpado e amadeirado uísque espanhol que o vampiro importava desde a época que era um aspirante advogado do império brasileiro. Era um dos favoritos de Cairo.

“Além do mais qual seria o objetivo? Ou você ainda é curioso com o que aconteceu com os descendentes dela e do mestiço depois de todo esse tempo?”

Cairo avançou para a gola da camisa de seda do vampiro em um movimento e o segurou firme antes que ele conseguisse se sentar. Camilo não se assustou e nem se mexeu, principalmente porque esperava que seu comentário causasse essa reação. Ele segurou a mão de Cairo lentamente, a apertou com sua força sobrenatural, na ocasião maior do que a de Cairo, e colocou um copo de uísque nela. Com o um aceno desinteressado ele mandou Cairo sentar.

"Você nunca quis procurar pelos descendentes da sua irmã" Cairo disse dando um grande gole na bebida. Não era uma pergunta, mas uma afirmação para ver a reação dele. O vampiro nem piscou. "Porque?"

"Ela fez parte da minha vida e os infelizes e breves anos da minha mortalidade não tem espaço na minha imortalidade"

"Então porque você mantém essa sala?"

"Nós já discutimos isso Cairo" Camilo bronqueou. Seu tom denunciou o incomodo com uma nota fora da harmonia comum do seu cantar, mas ele não elevou a voz. "Porque foi quando a minha imortalidade começou e minha imortalidade é a minha verdade absoluta."

"Não vamos entrar em conversas filosóficas agora não Camilo" Cairo terminou o uísque em um gole e se serviu de outro.

"Se eu não tiver essas conversas com você vou ter com quem?"

"Com seu cachorrinho de estimação" Cairo não se esforçou para esconder a risada.

"Rodrigo é útil, mas não para isso"

"Útil em que?" Cairo finalmente parou de prestar atenção no retrato de Olívia. Os olhos tristes dela pareciam acompanhá-lo o acusando de algo que ela sempre fora educada demais para dizer.

"Eu precisava entender a nova moeda dessa geração" Camilo tomou seu primeiro e único gole do uísque. Sua dieta restrita não permitia nenhum abuso.

"Nova moeda? Dinheiro?"

"Não Viajante. Influencia. Essa geração está superando o valor do papel moeda por si. Claro que ele é ainda é o imperador de todos os imperadores, mas influencia é o que move a grande máquina do capital hoje em dia. Tudo é sobre com quem você está e o quão relevante você é para o mundo. Ter dinheiro ainda é poder, mas se o mundo não acha você relevante, você não é."

"E onde fica a imortalidade de Rodrigo nessa relevância?"

Ele não queria cair nas conversas intermináveis de Camilo contemplando temas existenciais, mas era muito difícil evitar enquanto ele tomava um dos melhores uísques que já experimentara embalado pela melódica voz de tenor do vampiro.

"Meu familiar tem se provado mais impaciente do que eu havia previsto, mas eu o entendo. A ânsia para se começar uma vida imortal é um elixir para um doente como o banquete é para o faminto. É saber que existe glória divina dentro da sua existência simples do mundo mundano. É a tentação do pecado para o virtuoso."

"Se é pecado, sua verdade absoluta é uma eterna danação" Cairo retorquiu com o próprio argumento do vampiro.

"Minha imortalidade é a minha verdade absoluta" Camilo o corrigiu com um sorriso de canto. "Minha natureza caída é minha eterna danação"

“E eu achando que um dia se livraria das suas raízes católicas”

“*Touché*. Agora eu vi o que você fez” Camilo levantou o copo de uísque quase intacto e apontou para uma pequena cruz ornamentada no alto da parede de retratos e mapas. “Existe uma melancolia poética nas metáforas católicas. Posso ter abandonado minha crença no messias, mas nunca na poesia. A poesia é imortal, assim como nós.”

“Você só é imortal até o dia que te matarem, aí você vai descobrir que nada é eterno” Cairo suspirou dando um grande gole na bebida amarga. “Eterna é somente nossa ignorância.”

A frase do seu Mestre soava como um instrumento desafinado, existia melodia, porém ela era dolorosa e desconfortável.

“Mais um dos ensinamentos do Viajante que eu não conhecia. Ou esse é algum valioso conhecimento do seu misterioso mestre desaparecido?”

“Você supervaloriza a imortalidade Camilo” Cairo trocou de assunto.

“Meu caro amigo, você morre tantas vezes que despreza a vida” Camilo retorquiu.

“E você vive tanto que tem medo da morte”

“Medo da morte?” Camilo contemplou a ideia olhando para o vazio. “Interessante”

“Está na angustia que você quer viver o amanhã que denuncia seu medo. Eu sou bem mais velho que você. Eu sei como é. Quem vive demais o amanhã tem medo que o ontem o alcance.”

Camilo sorriu contente de ter atraído ele para mais um debate filosófico, mas não ousou concordar com ele.

“Me conte Viajante, você ainda procura pelo seu mestre perdido e pela missão que ele te deu? Ou suas vigias se tornaram somente um hábito que você não consegue abandonar como a necessidade constante que você parece ter de sempre cheirar a um rato de esgoto?”

“Eu nunca devia ter te contado o que eu era” Cairo suspirou se arrependendo de novo do dia que aceitou o desafio de se deixar embriagar pelo vampiro. Foi preciso oito litros de uísque e uma antiga poção escandinava para conseguir derrubá-lo.

“Sem arrependimentos agora meu caro amigo, mas a pergunta é genuína” Camilo continuou amigavelmente. “Existe uma ironia poética e cármica em ser um Viajante sem ter um Guia não é mesmo?”

“Como se você acreditasse em carma. Falando nisso, você realmente pretende transformar o Rodrigo?” Cairo mudou o rumo da conversa sem nenhuma sutileza. Falar do seu Mestre era quase tão difícil que falar de Mudinha no momento. Ele apontou para as tábuas no chão que substituíram as que carbonizaram quarenta anos atrás. “Seu último experimento não foi traumático o suficiente?”

“Confesso que a lembrança ainda me assombra” Camilo se deu por vencido, por enquanto, e também encarou o chão polido. “Porém tenho que admitir que existe um interesse gigantesco em saber como se comportaria um imortal dessa época. Como ele veria o moderno mundo pulsante com olhos que conseguem enxergar tudo? Os mesmos olhos que viu esse mundo nascer? Quais assuntos o interessariam num mundo onde tudo é informação, mas nada é relevante? E o mais importante: Será que o fatídico mundo humano que se autodestrói diariamente não está pronto para uma nova fase evolutiva?”

Os olhos verdes de Camilo chamuscaram com um brilho insano que mandou um arrepio no braço de Cairo. O mesmo brilho que lhe tingia os olhos quando ele evitava falar da época em que passou fora do Brasil durante a Segunda Guerra Mundial.

“O que você quer dizer com isso? Nova fase?” Cairo se aventurou a descobrir.

“Nada, por favor me ignore. Estou começando a me desfocar. Nossas conversas tem esse efeito em mim. Agora Viajante, vamos aos negócios.” Camilo inspirou fundo o copo de uísque e o ofereceu para Cairo. “Fico contente em ver que a minha hospitalidade tem te tratado bem. Está parecendo menos o seu gato asqueroso depois de boas refeições e bons banhos. Fiquei sabendo que não quis disfrutar os serviços de Vera. Se tiver algum outro interesse...”

“Não precisa” ele interrompeu não querendo recordar dos convidativos quadris de Vera.

“Tudo bem, tudo bem” Camilo levantou as mãos em derrota, porém ainda com um sorriso sorrateiro no rosto. “mas você está longe da sua melhor forma. O que aconteceu dessa vez?”

Não compensava guardar nenhuma informação dele, tão menos agora que ele era hóspede e ainda precisava da ajuda dele.

“Um demônio” ele soltou finalizando o uísque.

“Um demônio?” o tom de voz de Camilo era um misto de surpresa e admiração. “Mas o Plano Invisível está recuado a anos. Pelo sem nenhuma manifestação dessa magnitude.”

“E está ou estava pelo menos” Cairo resmungou tentando montar uma linha de raciocínio.

“Que roupagem ele adquiriu? Judaico-Cristã?” Camilo perguntou com propriedade. “É a mais comum nesse lado do Atlântico”

“Não... era algo mais concreto”

O uísque não tinha conseguido amortecer a enxaqueca que começou a apertar seu cérebro conforme ele voltava a lembrar da figura fraca de Mudinha possuída por aquele espírito imundo. Seu sorriso banguela ao finalmente lembrar seu nome. Ana.

“Era um espírito mais antigo. Não precisou adquirir nenhuma roupagem” ele explicou deixando propositalmente a informação da lâmina etérea de fora.

“Deve ter sido realmente muito forte para você ainda estar mancando”

Instintivamente Cairo levou a mão à coxa.

“Nem tente disfarçar eu já percebi. Eu entrei em contato porque eu senti algo que algo estranho estava acontecendo noite passada” Camilo foi até a mesa e se sentou na grande cadeira de encosto alto. Sempre que podia ele fechava negócios nessa mesa.

“E nem para mandar uma ajuda?” Cairo brincou tentando disfarçar a omissão do real motivo do machucado. Os olhos verdes do vampiro o estudavam sem piscar.

“Eu tentei entrar em contato, porém o seu ‘Guardião’” ele fez aspas no ar. “Não estava perto de você.”

“Alguém me quis morto Camilo” Cairo anunciou abandonando qualquer pretensão de jogo com o vampiro. “E faz muitos, *muitos*, anos que ninguém nem sabe quem eu sou”

“Eu adoraria assumir essa culpa Viajante, mas lhe garanto que não sou responsável por esse ataque”

“Pelas Antigas Leis da Hospitalidade?” Cairo o desafiou não acreditando naquela língua serpentina.

Camilo suspirou recebendo a provocação sem surpresa.

“Pelas Antigas Leis” ele recitou melodicamente. “Eu não tenho nenhuma noção dos motivos por detrás do seu ataque.”

Um suspiro de alívio escapou dos dentes cerrados de Cairo e ele começou a organizar espaço na sua mente para pensar melhor. A suspeita se Camilo tinha alguma influência no que tinha acontecido estava remoendo sua mente mais intensamente do que sua enxaqueca e se ele tivesse que enfrentar o vampiro, sabia que na sua atual condição seria facilmente derrotado.

“Eu preciso saber quem foi o responsável. O espírito era um soldado focado, mas ele estava obedecendo ordens. Alguém mandou ele”

“Soldado? Então se existe algum mandante deve ser realmente poderoso. Tem certeza que não existe nenhum outro feiticeiro como você por aqui?”

“Eu já disse que não sou um feiticeiro e não! Não existe nenhum outro Viajante no Brasil”

Pelo menos não até agora, foi o pensamento que se completou na sua mente. Era praticamente impossível ele não perceber a presença de qualquer outro Viajante no país, principalmente depois de séculos procurando sem sucesso.

“Então o Plano Invisível está realmente se mexendo” Camilo pensou em voz alta.

Logicamente tinha sido para chamar a atenção de Cairo. O vampiro não fazia nenhum movimento atoa ou impensado.

“Desembucha logo Camilo. O que você sabe?”

“Existem outros dois acontecimentos que curiosamente convergem com a sincronicidade do seu ataque” Camilo disse enrolando um longo cacho ruivo com os dedos. “Um está relacionado ao motivo do meu contato e porque eu preciso dos seus serviços...”

O vampiro parou de falar saboreando o suspense como um aroma de um vinho raro.

“E o outro?” Cairo insistiu impaciente.

“O outro é provavelmente notícia do século...” Camilo inspirou para soltar cada palavra da próxima frase como dardos. “Um Oráculo foi avistado”

Todos o atingiram. A frase do vampiro deixou um rastro de silêncio atrás dela como a alta batida de um gongo. O coração de Cairo bateu descompassado. Um oráculo? Não era possível. Os oráculos sumiram com o recuo do Plano Invisível. Como ele não ficou sabendo disso?

“Eu sei, eu sei” Camilo leu facilmente seus pensamentos pelo estado vulnerável que ele tinha ficado. “Depois de 1945 nenhum outro oráculo foi registrado. Eu sei. A questão é que existe um novo.”

“Tem certeza?” ele perguntou.

Mas seus Mistérios já sabiam que era verdade. Assim que ouviu as palavras ele sabia que era verdade. Todos os seus poderes vibraram com a noção de que um oráculo existia e agora ele não conseguia mais ignorar a noção de que um poder desses tinha ressurgido. Uma das suas mais sagradas responsabilidades.

“Quem é?”

“Não posso revelar mais nada por enquanto meu caro amigo” Camilo sorriu com a tortura. “Eu sabia que você iria se interessar. Afinal Oráculos são responsabilidades dos Viajantes não é mesmo?”

“Camilo você não ouse...”

“Escute aqui meu caro amigo” Camilo o interrompeu facilmente elevando sua voz sobrenatural a ponto de ela vibrar nos copos de uísque. “Pela nossa longa amizade estou compartilhando essa informação com você e estou mais do que disposto a adicionar mais conhecimento sobre esse oráculo no pagamento do serviço que tenho para você, mas antes disso...” ele inspirou fundo e voltou para o seu tom normal. “Vamos falar de negócios.”

Sem dar tempo de Cairo responder, Camilo abriu uma gaveta e retirou uma velha caixa de madeira de dentro. Com um movimento rápido, ele abriu a tampa e inclinou o fundo da caixa para Cairo enxergar sem tocar no conteúdo. Somente um objeto repousava no fundo. Uma espécie de espanador ritualístico que Cairo reconheceu pertencer às religiões africanas. *Eruexim* era o nome mais comum, porém esse era diferente dos que ele já tinha visto. O cabo era de osso entalhado com rostos de diversos animais, principalmente aves, e era enfeitado com diversas sementes

coloridas e penas de arara. Os pelos, que normalmente eram da crina de boi ou de búfalo, eram claramente de cabelos humanos. Lindos e perfeitamente preservados longos cabelos pretos.

Cairo conseguiu sentir o poder do objeto mesmo estando a quase três metros dele. O instrumento era ancestral e carregava magia antiga. Magia que era conquistada com sangue e luta. Magia que justificava a existência dos Viajantes.

“Esse é o seu serviço” Camilo anunciou sério. “Preciso que você encontre o dono desse objeto.”

“O que é isso?” Cairo perguntou ainda fascinado pelo poder do instrumento.

“Não é relevante no momento” Camilo tentou disfarçar sua excitação com uma pontada de raiva. “Quero que você encontre o dono desse objeto. Preciso da localidade. Isso deve ser fácil para você.”

“Como?”

“Você não é um Viajante?” Camilo sorriu triunfante com a admiração que brilhava nos olhos de Cairo para o objeto. “Viaje”

Maldita hora em que Cairo contou seus segredos para Camilo. Aquela infeliz noite vinte anos depois de ter conhecido o vampiro tinha sido a ocasião perfeita para ele tentar mais uma vez se embriagar.

O necromante que ele estava caçando a semanas tinha conseguido escapar em um navio para a Europa e ele tinha ficado com as mãos sujas de sangue e a mente manchada de arrependimentos. Três meninas de oito anos tinham sido brutalmente assassinadas na mão do feiticeiro infernal e ele não tinha conseguido trazer justiça para elas. Conseguiu salvar a quarta, e isso iria trazer o mínimo de paz para ele conseguir manter a sua sanidade que se equilibrava no fio de uma navalha. Porém ele tinha escapado e esse vácuo de impunidade iria suga-lo mais cedo ou mais tarde.

Camilo tinha reaparecido no Rio de Janeiro extremamente rico e cheio de posses depois de vinte anos de ter sumido do mapa. Facilmente rastreou Cairo que estava arranjando briga nos bares mais sujos das crescentes favelas cariocas e o convidou para conhecer seu novo estoque de uísques espanhóis. Oito litros e uma potente poção da verdade norueguesa depois, Cairo estava contando segredos dos seus poderes que nunca tinha revelado para ninguém.

Não tinha contado tudo, até porque em uma noite não iria conseguir fazer isso de qualquer maneira, mas contou sobre os Viajantes e as suas vigias pelo Plano Invisível em busca de *divergências*. Contou que o necromante que ele estava caçando pretendia forçar a revelação de um oráculo por meio da reanimação de corpos com energia maligna. Não era um trabalho simples, mas se ele conseguisse, seria eficaz. Um oráculo das trevas é completamente subserviente ao seu mestre.

Oráculos... mais uma vez essa história.

Cairo entrou de volta em seu quarto de hóspedes, arrancou as roupas finas e se jogou na cama sem se importar em fechar a porta. Camilo o tinha manipulado certinho, como sempre. Primeiro o retrato de Olivia para lembra-lo de mais uma de suas falhas. Depois, a notícia que um Oráculo tinha ressurgido...

“Se eu não consigo descobrir o que eu vim fazer aqui nessa terra, eu pelo menos tenho que cuidar dos Oráculos...” ele tinha balbuciado bêbado depois de virar um litro de uísque no estoque de Camilo tantos anos atrás. “Essa terra parece que está borbulhando de Videntes e Oráculos...”

Agora, testando todas as cores possíveis da luminária de LED do quarto, ele estava remoendo a barganha final de Camilo: “Aceite esse serviço e eu compartilho tudo o que eu sei. Quem sabe não arranjo para você conhecer essa nova divindade. É só encontrar o dono desse objeto.”

Ainda tinha o objeto para considerar. Guerras tinham sido travadas por aquele instrumento de poder, ele conseguia sentir. Se sobre o oráculo Camilo estava guardando segredos, sobre aquele objeto muito mais. Ele se recusou a responder qualquer coisa e Cairo não aguentou sustentar aqueles olhos mentirosos que sempre tinham um plano por detrás do brilho verde esmeralda.

Ao correr pelas escadas em direção ao seu quarto de hospedes, sua coxa fisgou doloridamente e queimou sua perna. Ele se encostou no corrimão ofegante enquanto o suor frio escorria pela sua testa. O corte etéreo estava começando a lembra-lo de que ele não tinha muitas opções.

“Ferimentos na alma nunca saram” ele resmungou enquanto recuperava o folego.

O enorme painel de LED que cobria as paredes do primeiro andar piscou e começou a repassar o vídeo que o tinha hipnotizado no dia anterior. Primeiro os anjos penduravam as pinturas nas paredes e depois eles colocavam molduras douradas e reluzentes para protege-las. Cairo percebeu que existia um ritmo, uma cadencia que se repetia no movimento dos seres alados, como se eles estivessem escutando uma música que ninguém mais ouvia. Então apareciam os curiosos com seus celulares e capturavam os anjinhos sem misericórdia. Eles se debatiam contra os lasers, mas nada os salvava. Os celulares eram pregados na parede exibindo os rostos aflitos dos querubins enquanto as obras de arte começavam sua mescla de estilos e combustão.

Cairo só notou que estava novamente hipnotizado pelo vídeo quando Liang passou por ele:

“O Sr. está bem?” o segurança perguntou baixinho. “Precisa de alguma coisa?”

“Está tudo bem sim. Obrigado” Cairo resmungou e correu para o quarto.

Quando pegou no sono, foi atormentado por um sonho nas Ruínas Cinzas, o Plano entre os Planos. Fazia muito tempo que ele não sonhava e se ele tinha vindo justamente para as Ruínas Cinzas era sinal de que sua bandana não ia aguentar por muito mais tempo.

Ele estava parado no meio de um grande salão de pedra em um castelo abandonado e todos os quadros que apareciam no artístico vídeo nos painéis eletrônicos de

Camilo estavam jogados no chão a sua volta. De repente, querubins dourados se materializavam no ar para pendurar os quadros nas paredes, mas ele os atacou com lasers e tacou fogo em todos os quadros e nos anjos criança que queimaram em chamas douradas. Depois que tudo foi consumido, ele mesmo pendurou as pinturas e corpos carbonizados na parede. Uma exibição de morte. Enquanto ele pendurava sua exibição mortuária um vento frio o invadiu e ele se virou. Das sombras das ruínas, dois olhos brilhavam no escuro e o encararam com ódio. Os olhos do artista. Do menino de regata preta e tatuagem de obras de arte.

Sua enxaqueca o acordou na tarde do outro dia com uma dor excruciante. Ele conseguia ouvir o barulho dos ossos do seu crânio quebrando enquanto seu cérebro inchava. O dia estava quente e abafado fazendo todo o ar de fora da casa vibrar com ondas de calor. Correu para a cozinha e engoliu o primeiro álcool que encontrou. Um resto de vinho amanhecido e metade de uma vodka na pia. Vera o encarou com seus severos olhos castanhos e um sorriso disfarçado. Como era ela linda.

“Precisa de alguma coisa Sr. Cairo?” ela disparou com sua voz firme.

Cairo se impressionou com ela acertar seu nome dessa vez, não fazendo a confusão comum. Um arrepio lascivo desceu pela sua nuca. Como ele queria atender aquele desejo.

“Eu preciso de mais...” porém ele se perdeu percebendo a grande movimentação na cozinha.

Não só na cozinha, mas em toda a casa. Funcionários limpavam chão, vidraças, terminavam de ajeitar arranjos e reposicionar móveis. Cozinheiros mexiam panelas e abriam fornos, enquanto bebidas eram retiradas de uma adega subterrânea. Uma facada aguda da enxaqueca fez toda a cena rodar e ele precisou se apoiar na pia para não cair.

“O senhor precisa...” Vera começou a dizer, mas seu cérebro dolorido a ignorou.

Ele buscou um relógio de parede e confirmou que faltavam quinze minutos para as cinco da tarde. Camilo ainda estaria trancado no seu cofre.

“O que está acontecendo?” ele perguntou apontando para toda a movimentação.

“O Sr. Camilo vai receber alguns convidados”

“Quando?” sua enxaqueca fincava facas no seu cérebro e ele precisou segurar a bandana para se certificar que ela ainda estava ali.

“Ele não disse ainda, mas já estamos nos preparativos. O senhor quer alguma coisa?” ela quis saber novamente e seu tom tinha um calor que fez seu sangue correr mais rápido.

“Não. Nada” ele saiu da cozinha enraivecido somente para trombar em Rodrigo.

O playboy se assustou e por um momento recuou, mas logo se recompôs para sua usual cara de esnobe.

“A ala de funcionários é por ali mesmo” ele apontou para onde ele tinha saído.

“Some da minha frente” Cairo rosnou sem um pingo de paciência.

“Espero que você já tenha ido embora antes que os convidados de Camilo cheguem” Rodrigo exibiu um sorriso sem graça que fez o estomago de Cairo dar outra revirada.

“O que você sabe sobre isso? Quem vem?” ele sondou enquanto recuperava seu senso de direção.

“Eu não diria nada para você seu imundo” o playboy sorriu de triunfo pela ignorância dele. “Mas acredito que chegou a minha hora. A imortalidade me aguarda.”

“Sai da minha frente” ele repetiu e sua voz saiu carregada de dor e de raiva pelas omissões de Camilo que começavam a se encaixar e fazer sentido.

Rodrigo pareceu não querer testar sua sorte e o ignorou passando por ele como se ignorasse um mendigo na calçada. Como se ignorasse Mudinha na calçada. Mudinha. Ele precisava descobrir quem tinha mandado aquele demônio.

O quarto rodava e os fortes perfumes de produtos de limpeza de uma recente faxina assaltaram seus sentidos causando mais uma violenta vertigem. Cairo se jogou na cama esperando a náusea passar enquanto encarava o papel de parede elaborado do teto. Não adiantava tentar falar com Camilo agora, mas no seu caminho para o quarto ele encontrou Kato e pediu para que o segurança o avisasse imediatamente assim que Camilo desse o primeiro sinal de vida. Sinal de vida. Que ironia.

Vera entrou no quarto, deixou um carrinho cheio de refeições e saiu sem nenhum barulho. O estomago de Cairo deu outra revirada ao ver tanta comida no prato. Tanta fartura, enquanto um sanduiche de mortadela custava uma fortuna para Mudinha. Ele quis derrubar tudo no chão em um acesso de raiva, mas sua mente mal conseguia articular seus pensamentos, quem diria seus braços.

Fechou os olhos tentando fugir da claridade das luzes artificiais do quarto, mas os olhos de Mudinha o atormentaram no escuro da sua mente. Depois disso foram os olhos de Pindé. Olhos que se sentiram traídos e abandonados. Depois os olhos de Olívia, e de Madame Blanche, e de Maria Valente, e de Gregório, e da pequena Flora... e os olhos brilhantes do artista de regata preta. Esses ainda não os tinha visto pessoalmente, mas a sua decepção já era tão palpável quanto os daquele que desejaram nunca ter encostado os olhos nele.

Sua dor de cabeça estava chegando a um ponto quase insuportável, onde ele tinha que fazer força para manter os olhos abertos e as vodcas brilharam em suas garrafas de vidro no carrinho de refeições. Cairo estendeu a mão para alcançá-las, mas hesitou.

Ele sabia que a dor de cabeça não passaria com isso e com sua Vitalidade pouco fortalecida ele só ficaria tonto o suficiente para esquecer da dor, não fazer ela passar totalmente. E ainda tinha o fato do Oráculo. Agora ele precisava se manter atento. Mais atento que o normal.

Quando Kato apareceu na porta do quarto, ele passou pelo segurança como um caminhão e explodiu para o terceiro andar. As luzes do gigantesco painel de LED

quase o cegaram e ele precisou confiar na sua memória muscular para subir as escadas.

“Quando...?” Cairo perguntou espalmando as duas mãos na grande mesa de mogno de Camilo.

“Uma boa noite para você também” Camilo respondeu fingindo ofensa.

“Quando vai ser?” ele repetiu entre os dentes. Sua explosão de raiva quase estourando seu cérebro.

“O que você está querendo dizer?” Camilo franziu os olhos confuso.

“Não se faça de imbecil!” Cairo berrou e um vento forte rodou pelo escritório bagunçando papeis e entortando quadros na parede. “Você está preparando uma consulta! Você vai consultar o Oráculo!”

“Ah! É sobre isso o seu ataque gratuito?” Camilo se levantou da sua cadeira e começou a ajeitar os quadros na parede. “Sim. Haverá uma consulta.”

“Eu já deduzi isso. O que eu quero saber é quando?!” ele rosnou ofegante. Sua coxa latejava doloridamente com sua corrida pelas escadas.

“Isso não posso te confirmar, porque não depende de mim...” Camilo terminou de alinhar o retrato de Olivia na parede e se virou para ele. O vampiro sorriu sarcástico derrubando qualquer pretensão. “Depende do Conselho da Noite”

Camilo levantou o dedo anelar da mão esquerda onde repousava o enorme anel de prata com a safira escura cravada e encarou Cairo em desafio. O antigo conselho de seres que deliberava sobre as Leis Noturnas e dividiam o poder da noite. O pequeno clube das trevas, como Cairo gostava de chama-los, tinha surgido para garantir a sobrevivência das três mais antigas espécies de seres da noite: os vampiros, os lobisomens, e os ghouls.

Cairo inspirou fundo tentando fazer a sala parar de girar e andou em direção a Camilo até que seu corpo tampasse a luz amarela do único abajur aceso e ele ficasse dentro da sombra de sua figura.

“Que merda vocês estão planejando dessa vez?”

Camilo o encarou com um sorriso nos olhos. Um dos hobbies favoritos do sanguessuga era ver ele perdendo o controle.

“Hein Camilo!”

Com um flash de movimento impossivelmente rápido, Cairo socou o ar parando a milímetros do rosto pálido do retrato de Olivia. Mesmo com seus olhos sobrenaturais Camilo não conseguiu acompanhar a velocidade do soco falso e seus olhos saltaram nas orbitas ao imaginar que anos de trabalho para encontrar a última recordação perdida da sua irmã seriam despedaçados em um piscar de olhos.

Ao perceber que só se tratava de uma ameaça o vampiro tentou recobrar a compostura.

“Eu não quero ter que acabar com o clubinho de vocês de novo” Cairo se inclinou e sussurrou no ouvido dele exalando sua determinação por um cordão empático.

O blefe tinha causado todo o sangue fugir do seu cérebro e queimado quase toda a energia que ele tinha conseguido armazenar nesses dois dias, mas foi necessário. Ele estava provando um ponto e pelo olhar assustado que Camilo não conseguiu disfarçar, ele tinha conseguido.

O vampiro ainda não era membro do Conselho da Noite quando Cairo o destruiu em uma ocasião. Camilo nem estava no Brasil quando tudo aconteceu. As vigias de Cairo não tinham nada a ver com os assuntos dos seres noturnos então ele nunca se incomodou com a existência do clubinho das trevas, mas quando eles começaram a causar *divergências*... ele teve que interferir.

Camilo o estudou por um longo momento sem falar nada, talvez tentando imaginar a figura abatida do Viajante na frente dele sendo capaz de lutar contra um conselho de seres sobrenaturais.

“Então... quando vai ser?” Cairo retomou sua pergunta calmamente.

“A consulta...” Camilo parecia escolher as palavras com cuidado. “Não depende de mim”

Bingo. Cairo finalmente entendeu o que estava acontecendo.

“O próprio Conselho detém o Oráculo...” ele lançou sua conclusão em voz alta apenas para ver ela encontrando base no rosto do vampiro. “A Consulta será para o Conselho e não para você.”

“Você está parcialmente errado” Camilo retrucou amargo. Seus lábios finos quase sumindo ao suprimir a raiva. “A Consulta será para o Conselho, sim. Porém não é o Conselho que detém o Oráculo. Ele está nas mãos de um grande amigo do Conselho e creio que alguns membros foram persuasivos o suficiente para fazer com que esse grande amigo compartilhasse os dons desse novo deus conosco. Afinal, como você mesmo já disse, faz muitos anos que não se tem notícias de um Oráculo”

Novo deus. Divindade. Dons. Era por isso que Oráculos eram perigosos. Diferente de Videntes que tinham apenas vislumbres de futuros próximos ajudados por espíritos familiares, verdadeiros Oráculos conseguiam romper a matéria do tempo e ver a verdade além de todas verdades. Eles eram os únicos seres capazes de enxergar a Verdade Absoluta e quando eram fortes, podiam anunciar Profecias.

“Eu quero conhecer esse Oráculo” Cairo anunciou tomando finalmente a sua decisão.

“Eu posso compartilhar mais informações com você, meu caro amigo, mas conhecer o Novo Deus? Não, não. Não posso garantir nada disso, até porque...”

“Então não temos negócio” ele o interrompeu gravemente.

O blefe não era muito bom, mas ele precisava aproveitar que tinha Camilo em lugar vulnerável. Ele olhou para a caixa de madeira que guardava o objeto, cumprimentou

Camilo com um aceno e se virou para ir embora. Ele nem precisou dar um passo para o vampiro aceitar suas condições.

“Tudo bem!” Camilo soltou levantando suas mãos para o alto em derrota. “Um encontro com o Oráculo. Eu vou ver o que posso fazer por você.”

“Como vou ter certeza de que vai cumprir sua palavra?”

“Você vai ter que confiar em mim” Camilo sorriu contente de ter voltado a ficar a frente das negociações. “Isso significa que aceita o serviço? Vai encontrar o dono desse objeto para mim?”

“Sim, mas esse não é todo o meu pagamento”

“Não imaginei que fosse”

“Aproveita que o Conselho vai estar aqui e sonda o que eles sabem sobre essas movimentações do Invisível. Eu quero descobrir quem está por detrás daquele demônio.”

“Feito” Camilo concordou de imediato.

“E eu preciso de um Curandeiro. Urgente e poderoso” Cairo adicionou antes que o vampiro quisesse mudar de assunto.

Camilo o estudou por um segundo sem nenhuma expressão. Então ele se colocou de pé e juntou as mãos em uma palma aguda.

“A Curandeira que eu conheço é difícil de localizar, mas eu faço algumas ligações” ele ainda sem mudar a expressão. “Aceito todos os seus termos”

Isso significava duas coisas: Uma, Camilo estava desesperado para descobrir o dono daquele objeto. Duas, ele podia ter pedido mais em seu pagamento.

“Agora meus termos” o vampiro abriu a caixa de madeira mostrando novamente o instrumento repousando no fundo. “Eu quero que você encontre o dono desse objeto. Seja aquele quem fez, ou aquele a quem ele foi feito. Eu quero a localização e todas as informações que você puder me dar sobre ele.”

Sob o olhar atento de Camilo, Cairo alcançou o objeto com a mão esquerda, que tinha todos os dedos funcionais, e o estudou com calma. O cabo óseo tinha quase trinta centímetros de comprimento e os rostos dos animais entalhados davam um estranho atrito para a empunhadura. Como se ele não fosse para ser segurado, mas somente exibido. Vários fios de sementes multicoloridas estavam minuciosamente enrolados na junção do osso com os cabelos e quatro penas de arara, de diferentes cores cada, estavam penduradas no fim do cabo. Na outra extremidade, o grande e liso cabelo preto se estendia brilhoso por quase cinquenta centímetros de comprimento.

Cairo estava impressionado com a preservação dos fios. Parecia que eles ainda estavam grudados a cabeça de sua dona, tão vistosos e brilhantes que eram. Por um momento ele pode jurar que conseguiu sentir os perfumes da natureza que tinham embelezado esses magníficos fios pretos.

Desde que tinha entrado em contato com a sua pele, o objeto vibrava incessantemente. Não era uma reverberação intencional ou defensiva, era somente um reconhecimento residual de duas magias que se encontravam. Cairo ajeitou o objeto na mão tentando acessar sua magia, porém nada aconteceu. Somente a vibração que ressoava pela sua mão e braço. Os segredos daquele instrumento estavam seguramente guardados dentro dele.

“O que é esse instrumento?”

“Não importa. Esse é outro dos meus termos. Eu não vou revelar nada das minhas motivações e você ganha seu encontro, suas informações e sua Curandeira. Temos negócio?”

Camilo estendeu a mão pálida e Cairo a estudou por um momento.

Não saber as intenções de Camilo por detrás de um instrumento tão poderoso quanto aquele parecia ser seria uma decisão que com certeza ele se arrependeria mais tarde, mas seus ganhos com essa barganha eram melhores do que ele poderia imaginar. Informações do Conselho da Noite, uma Curandeira que o vampiro conhecia, ou seja, uma boa Curandeira, e ainda a oportunidade de conhecer um Oráculo que ele nem sabia que existia.

Embora ele não acreditasse em sorte, ela parecia estar sorrindo ao seu favor. “Tempestades sempre seguem os ventos. Sejam eles ruins ou bons” seu Mestre dizia o lembrando para sempre ficar alerta.

“Temos negócio” Cairo apertou a mão gelada de Camilo.

“Você precisa de preparação?” o vampiro perguntou sem esconder sua excitação. “Quando está pronto para Viajar?”

“Agora”

4.

Fazia mais de vinte anos que Cairo não viajava. Sua última viagem tinha sido desastrosa e o estado que ele estava agora não trazia o mínimo de tranquilidade para que essa fosse diferente. Ele tinha se perdido por dois meses inteiros da última vez. Só a lembrança do estado que estava seu corpo quando ele voltou de volta para sua carcaça carnal lhe causou um tremor agourento.

"Eu vou precisar do seu Guardião"

"Você não vai usá-la para nenhum feitiço!" Camilo soou genuinamente preocupado.

"Só preciso que ele esteja presente"

"Ela" o vampiro o corrigiu com orgulho. Ele andou até a porta, abriu uma fresta pequena e sussurrou gentilmente para o ar "Duquesa..."

Nem dez segundos se passaram e uma gigantesca gata cinza entrou no escritório forçando a porta terminar de abrir com seu enorme tamanho. A princípio Cairo suspeitou ser um lince pelo porte do animal, mas logo lembrou o nome da raça de gatos gigantes. Maine Coon. Duquesa tinha o pelo cinza escuro que clareavam levemente na sua enorme juba e no peito. Ela devia ter quase um metro de comprimento e seu andar era elegante e nobre.

Ela deslizou pela sala e rodou pacientemente aos pés de seu protegido. O vampiro exibiu um sorriso e fez a menção de um carinho. A enorme gata o encarou com severos olhos amarelos e ele recuou. Eles poderiam ser Guardião e Protegido, mas ela ainda era dona de seu próprio espírito. Só depois da gata observar todos os cantos do escritório que ela se dignou a olhar para Cairo. Ela não o estudou de cima a baixo e ele ficou aliviado por isso.

Duquesa o encarou diretamente nos olhos e seu olhar amarelo possuía uma intensidade incandescente que fez os pelos de Cairo se arrepiarem. A gata era versada em Mistérios. Isso dizia três coisas para Cairo: ela era bem mais velha do que parecia ser; Camilo não era seu primeiro Protegido, e que provavelmente o vampiro tinha matado seu Protegido anterior.

Cairo estendeu delicadamente um cordão empático para deixar claro suas intenções para ela. Ele mal tinha alcançado o corpo sensorial dela quando ela rebateu sua tentativa com um leve riço. Seu cordão voltou para si com a informação de que ela sabia o que ele pretendia fazer e estava disposta a ajudar, mas também estava curiosa.

"Parece que ela não gostou de você" Camilo se divertiu sem entender nada da troca entre eles.

Não era uma questão de gosto, mas de respeito. Ela não tinha demonstrado nenhum sentimento para Cairo, mas tinha deixado claro que o estudava com interesse. Era melhor ele não decepcioná-la, ela podia ser uma boa aliada.

"Então, o que acontece agora?" Camilo perguntou e uma pontada da sua ansiedade ficou visível na sua pergunta.

"Agora eu viajo e ela me observa" Cairo explicou e se deitou de barriga para cima no chão de madeira polida. "Se ela quiser ela me acompanha."

Era mais um convite para ela do que uma explicação para o vampiro.

"Só isso?" Camilo torceu as sobrancelhas levemente desapontado

"Ela me auxilia como uma ancora, sinalizando para onde eu tenho que voltar. O resto é só comigo" Cairo suspirou fundo. "Agora o objeto."

Ele estendeu a mão pedindo o instrumento e Camilo hesitou.

"Você vai ter que confiar em mim" Cairo devolveu o desafio com um sorriso vingativo.

O vampiro escondeu facilmente a sua frustração e abriu a caixa ao alcance dele. Cairo alcançou o objeto e a vibração voltou a ressoar pelo seu braço. Ele realmente não conseguia acessar a mágica do instrumento, porém sua força ainda reverberava.

Com a mão direita ele segurou o instrumento cruzando-o no peito imitando a sagrada posição das múmias. A direita ele levou até o nó da bandana preta e então, depois de vinte anos sem fazê-lo, ele o afrouxou.

Instantaneamente ele se viu flutuando a centímetros do seu próprio corpo. Seu nariz astral quase roçando seu protuberante nariz de matéria. Como sua carcaça carnal estava mal cuidada. Se a Vitalidade se fortalecesse de novo talvez ele pudesse se concentrar em restaurar melhor a pele do seu rosto. Ele parecia ter cinquenta anos, quando na verdade tinha sido suspenso aos trinta e três.

Em um giro repentino o mundo se distorceu e ficou escuro. Logo depois o frio o invadiu e em seguida nada. Nenhuma sensação. Nenhum sentido captava nada na sua suspensão escura. Então imensidão do vazio o atingiu com uma enorme onda no estomago e ele se viu parado nas Ruínas Cinzas.

Ele estava dentro de uma antiga torre soterrada pela metade. Ele não conhecia o lugar e nem era possível. As Ruínas Cinzas era um Plano infinito e as únicas direções que poderiam ter existido desse lugar foram de uma época quando ele ainda não era chamado de ruína.

Seus pés chutaram a areia pedregosa conforme ele saía da construção que poderia ruir a qualquer momento. A areia pedregosa, ou pedra arenosa, ele nunca chegou a um consenso, era o que dava o nome ao lugar. Migalhas e farelos do que restou de um antigo reino mágico e extremamente poderoso.

Agora só as construções mais resistentes se erguiam como esqueletos fossilizados no meio dos infinitos desertos de areia cinza. Rochas congeladas cobertas da fuligem do passado que se escondiam nas infinitas dunas enormes.

O céu era completamente escuro como uma gigantesca tela preta sem fim e sem estrelas. Nenhum astro mais brilhava nesse céu. Nenhum sol e nenhuma lua. Conforme as histórias do seu Mestre todas tinham sido destruídas juntas com esse plano. Contudo, era a areia cinza que concedia a única fonte de luz para o lugar. Ela brilhava uma luminosidade remanescente e melancólica que sempre fazia surgir um gosto metálico na boca de Cairo. Era como se o passado se recusasse a ser esquecido facilmente, então se esse Plano fora reduzido a areia e cinzas ele ainda brilharia do material que era feito. De luz.

Ele não podia se demorar aqui. Visitar as Ruínas em sonho era uma coisa, mas passar por elas em Projeção era outra completamente diferente. Os Famintos poderiam aparecer a qualquer momento e ele não estava em condições de lutar contra eles. Não quando sua ferida etérea doía mais aqui do que em qualquer outro lugar.

Seu corpo nas Ruínas Cinzas era igual ao seu carnal, possuindo matéria e peso idênticos ao Plano da Carne. A diferença é que as únicas feridas que o acompanhavam seriam aquelas que o acompanhariam em qualquer plano. Feridas

na alma. O corte feito pela lâmina etérea brilhava vermelho como uma pequena tatuagem de cobra em sua coxa. Ele precisava sair logo dali.

Cairo segurou firme o objeto em sua mão e se concentrou na sua vibração. Nada. Ajeitou o objeto na outra mão e tentou alcançar a mágica residente ali dentro com um cordão empático, mas o objeto parecia inanimado, mesmo pulsando com magia antiga.

Ele respirou fundo para analisar suas opções quando um rosnado gutural ecoou pelas dunas a sua volta. Um Faminto. Os únicos seres que viviam aqui. O resultado dos sobreviventes da catástrofe desse lugar. Um polegar de Cairo esfregava ritmicamente o relevo do rosto de uma arara enquanto ele ponderava suas opções.

Se ele não conseguia alcançar a magia do objeto como ele iria rastrear seu dono?

Uma parede fina de areia começou a se desfazer da duna a sua direita e a grande mão pálida e ossuda de um Faminto surgiu no ar. Depois outra, e outra, e outra, até que as quatro mãos impulsionaram o tronco da criatura para cima e ele começou a deslizar areia abaixo.

Esse Faminto era magro e seu antigo tronco humano era estreito e esquelético. Seus braços e pernas alongados e cobertos de um couro arroxado e apodrecido terminavam em gigantescas mãos com unhas compridas e pretas. Ele poderia não ser forte, mas seus membros eram mais compridos que o normal chegando a medir dois metros cada facilmente.

As enormes mãos no lugar dos pés sempre incomodaram Cairo, mas nunca tanto como o rosto. O crânio dos Famintos era um tronco humano, porém alongado. Como se a magia que os tornou assim tivesse sugado seus queixos para baixo, puxando todo o resto da face. As órbitas dos olhos eram vazias, perfeitamente redondas e encaravam diretamente a escuridão de dentro das criaturas. Assim como a boca sem dentes que ficava o tempo todo escancarada como uma máscara de Halloween.

O Faminto terminou de deslizar a duna e girou a cabeça para os lados procurando por ele. Então a criatura sugou o ar para dentro da sua bocarra soando novamente aquele estranho rosnado gutural. O som começava agudo e depois virava uma sucção seca e dolorida. Cairo ficou parado e em silêncio. Se ele não se mexesse, talvez ele não o notasse. Ele não tinha como correr dessas criaturas. Já era impossível tentar competir contra seus membros compridos quem diria correr deles com a perna ferida. Ele tinha que conseguir encontrar sua direção e sair desse Plano, porém o objeto permanecia quieto e alheio as suas tentativas.

O Faminto começou a escalar vagarosamente a duna em que Cairo se encontrava fazendo a areia dos seus pés deslizarem para baixo. Ele estava recuando para dentro da torre para evitar um confronto direto com a criatura quando seu polegar insistente escapou da fricção nervosa que estava fazendo no cabo do instrumento e um barulho ressoou pelo interior oco da torre. Um som vibrante como um eco de um sino. Ressonância óssea! Era assim que ele ia encontrar sua saída. Não era possível acessar a magia daquele objeto, mas era possível fazer ela ressoar com a sua magia. Essa era

uma das fraquezas de objetos poderosos como esse. Ele poderia ser protegido contra qualquer um que quisesse usar seus poderes, mas essa quantidade de magia gerava uma ressonância residual, que nas mãos de Viajante, era simplesmente uma bussola.

Sem perder mais nenhum segundo, Cairo começou a bater o nó do seu indicador no cabo do objeto. Osso com osso. Cada batida gerava uma frequência diferente e quanto mais ele tentava acessar a magia do instrumento, mais altos os sons ficavam. O Faminto já tinha localizado a origem do som e corria desesperado para a torre, mas Cairo não se preocupou. Ele só precisa encontrar a frequência certa. As mãos gigantescas da criatura surgiram no espaço que seria a entrada da torre tentando abrir caminho para o resto do seu corpo. Cairo fechou os olhos e se concentrou nas batidas.

Os sons começaram a ficar mais graves e ele sentiu que estava se aproximando da frequência certa. Toda a torre tremeu violentamente quando o Faminto destruiu o pórtico da entrada e conseguiu se esgueirar para dentro. A criatura soltou seu grito gutural e seco sugando o ar e areia a sua volta com uma pressão violenta. As roupas de Cairo foram puxadas em direção a bocarra escura e cumprida, mas Cairo não se importou. Bum! Um baque grave e quente vibrou pelas Ruínas Cinzas e ele desapareceu.

Por um segundo Cairo achou que não tinha saído do Plano entre os Planos. Ele estava em um grande deserto e areia branca se estendia por quilômetros a sua volta. Foi a noite estrelada que o tirou da sua confusão. Bilhões de estrelas brilhavam contra o céu preto desafiando a própria escuridão da noite. Padrões e mais padrões desenhavam as constelações e as galáxias em uma nitidez que Cairo sabia que tinha vislumbrado poucas vezes na sua vida.

De volta no Plano da Carne, a Projeção lhe garantia um corpo astral. Uma cópia translúcida do seu próprio corpo, mas agora, com as vantagens da Projeção. Sem gravidade, visibilidade, peso ou matéria. Estranhamente, ele sentiu uma brisa marítima forte vindo da sua direita e a seguiu.

Flutuou por uns cinco minutos por ininterruptas dunas brancas de areia fina que dançavam com o forte vento noturno e fresco do mar até encontrar seu verdadeiro destino. Uma longa praia semideserta, se não fosse por dez pobres chalés que compunham um minúsculo vilarejo. Quase escondido perto de uma vegetação composta de coqueiros e pequenos arbustos, o minúsculo vilarejo lembrava mais as Ruínas Cinzas do que casas ocupadas.

Cairo deslizou mais para cima para ter uma visão completa do agrupamento. Todas as choupanas eram simples e nitidamente construídas a mão. Os tetos eram de folhas de coqueiros bem trançadas e as paredes das casas eram de restos de barcos e botes de pesca. Quatro cabanas encaravam outras quatro de frente formando um corredor entre elas que acabava em duas cabanas maiores em uma ponta, deixando o vilarejo em formato de “u”. Na extremidade do agrupamento se encontravam vários botes, redes e apetrechos de pescas, como arpões e gaiolas.

A grande lua cheia no céu fazia os azóis nas redes e o sal seco na praia brilharem como estrelas perdidas na terra e por um momento Cairo ficou parado no ar apreciando a paz e a serenidade do lugar. Ele não era abandonado, como ele tinha

primeiro imaginado, pois as duas grandes choupanas estavam com velas acesas que lançavam sombras dançantes sob a areia branca.

Ele começou a flutuar em direção as duas cabanas quando um movimento no mar chamou sua atenção. Uma figura baixa e redonda estava submergida até a metade na água com outras duas figuras nadando em círculos em volta dela. Garantido na invisibilidade da sua Projeção, Cairo se aproximou até identificar que a figura era grande senhora negra de braços gordos e seios desnudos. Ela balançava seu corpo com o movimento da maré enquanto as duas estranhas figuras ao lado dela pareciam cantar uma melodia doce e não humana. Como o choro de uma mãe e o cantar das grandes baleias.

Ao chegar mais perto para identificar o que eram aquelas criaturas que começavam a hipnotizá-lo com aquela canção aguda e profunda, elas lançaram um choro alto e longo e sumiram rapidamente embaixo de uma onda para não voltarem. A grande senhora parou a sua dança.

“Você deveria ser mais educado e anunciar a sua presença antes de intrometer um ritual sagrado” uma voz rouca e sábia saiu da senhora.

Cairo se assustou em ter sido visto mesmo em Projeção, mas se impressionou mais ainda com outro fato. A voz da senhora era ecoada e vibrante. Ela também estava em Projeção! Só então ele reparou que a senhora não tinha uma cor de pele específica. Ela brilhava translúcida o escuro do mar e o azul da lua cheia.

Ela se virou lentamente, seguindo ainda o balanço do mar, e o encarou com serenos olhos miúdos.

“Elas me avisaram que você viria” a senhora disse acariciando as ondas que lavavam seu corpo astral.

“Elas quem?” Cairo se forçou a dizer tentando se livrar do transe que era acompanhar a dança constante dela com água.

“As sereias” ela respondeu surpresa com a ignorância dele.

“Aqueles criaturas que estavam com você eram sereias?!” ele se impressionou em nunca ter ouvido algo do tipo.

Ele se orgulhava de seu até vasto conhecimento sobre criaturas, mas sempre soube que sereias existiam apenas em mitos.

"Talvez na sua cultura Viajante. Não na minha" ela o respondeu prontamente lendo sua mente com uma voz calma e precisa.

Ela sabia que ele era um Viajante! Isso era impossível a menos que ela fosse extremamente mais poderosa do que ele já tinha notado ou... Ou ela tenha encontrado um outro Viajante. O que para ele também era impossível.

"E então vai dizer o que você quer ou vai me ver dançar as marés a noite toda?"

O tom preciso e despreocupado da grande mulher ainda dançando com as ondas do mar mandaram um arrepio pelo seu corpo astral mesmo ele sabendo que aquilo era somente uma impressão.

"Eu...eu..." Cairo hesitou em responder.

Ele estava ali a serviço e precisava juntar informações para Camilo, mas alguma coisa na serenidade da senhora e da calmaria daquela noite enluarada o fez perder seu foco.

Sem dizer nada, a projeção da senhora levitou para fora do ar e deslizou espectralmente para o vilarejo. Cairo a seguiu em silêncio até perder ela de vista em uma das duas maiores choupanas na extremidade da vila.

Ao se aproximar, ele notou que o chalé estava todo iluminado por velas e que cerca de vinte pessoas se exprimiam no que seria a sala ou a cozinha do lugar. Todos eram velhos ou adultos, nenhuma criança ou jovem, e todos eram marcados de sol, sal e mar. Testas e lábios rachados da exposição excessiva ao sol e dedos e mãos calejados e cortados das redes e dos anzóis. Tanto homens quanto mulheres. Todos estavam de olhos fechados e seguravam com força velas acesas enquanto murmuravam uma prece em uníssono que Cairo não conseguiu entender completamente por conta da língua. Algum dialeto africano e algo sobre uma mãe das águas e peixes. O suor das suas peles se misturava com o aroma de cera derretida e o bafo quente do interior da choupana.

Eles se reuniam em bancos enfileirados de frente para a porta que dava para o único outro cômodo do lugar. Uma cortina de conchas, mariscos e búzios separavam os moradores do vilarejo do evento que acontecia num pequeno quarto. Um cômodo tomado pelas fumaças de milhares de ervas sendo defumadas encontravam-se três anciãs. Três velhas seminuas de diferentes tamanhos e formas e adornadas de conchas e pérolas que dançavam em volta de uma esteira de palha no chão que abrigava uma quarta senhora. Cairo se assuntou por um momento ao perceber que a senhora que dormia no chão era a mesma senhora projetada que ele conhecera a pouco.

Seu corpo físico era muito mais velho do que ele imaginava, sendo a projeção da senhora uma versão poderosa e iluminada de um corpo que deveria ter no mínimo cem anos. A pele negra de todo o corpo era ressecada e seus cabelos brancos eram ralos e quebradiços. Era um corpo em estado de mumificação. Ela estava vestida com um colorido vestido trançado de cores e padrões que lembravam redes, o mar e a lua.

As três senhoras aumentaram o volume do cântico de repente fazendo com que o grupo na sala também as acompanhasse. Era uma melodia tribal e melódica e atingiu Cairo como uma onda gelada de saudades. Ele quase se desconcentrou e perdeu sua Projeção quando reavistou a grande senhora. Ela atravessou o teto e quase pousou em cima de seu próprio corpo. Contrariando o que Cairo presumiu que ela faria, retornar a seu corpo, a senhora esticou os dois braços e uma poderosa lufada de vento varreu o interior do casebre apagando todas as velas do recinto. O cântico ritualístico

morreu no mesmo instante. As fumaças que se levantavam dos pavios chamuscados dançaram e espiralaram para o alto formando padrões circulares.

"Ela está aqui!" anunciou em plenos pulmões uma das anciãs.

Todas elas pararam suas danças e encostaram cada uma sua mão direita na cabeça do corpo mumificado deitado no chão. Nesse instante a senhora projetada olhou severamente para Cairo indicando que ele estava prestes a ver algo muito sagrado e antigo. Então ela levitou por sob as três senhoras passando mão por suas cabeças assim como elas faziam com seu corpo inerte.

Ela parou abruptamente por cima da que aparentava ser mais nova, no auge dos seus oitenta anos, e para a surpresa de Cairo, a senhora emanou sua energia para a anciã que caiu no chão imediatamente. Ninguém a ajudou ou se mexeu. De repente, a senhora, abatida pela energia da outra, se contorceu, ficou de joelhos e levantou a cabeça para os céus. A voz que saiu dela era gutural e ao mesmo tempo aguda.

"A última maré alta virá com peixes e escolhas" a velha de joelhos falava ao mesmo tempo que Cairo ouvia a senhora projetada entoar com sua energia conectada a outra. "Fatura cairá como bençãos assim como o Destino. Escolher ir é partir, escolher ficar é partir."

A velha de joelhos se chacoalhou e ameaçou cair no chão, porém as outras duas a apararam antes da colisão. Com um outro aceno a senhora projetada ascendeu todas as velas apagadas e a choupana explodiu em festa. Tambores começaram a bater, canções animadas a ser entoados e bebidas com o forte cheiro de álcool passaram de mão em mão. Os habitantes do vilarejo entraram de um em um no quarto sagrado e começaram a depositar coisas no corpo inerte e semi mumificado da senhora projetada. Flores, anzóis, pérolas, roupas, tintas, até mesmo pratos de comida. Quando todas as oferendas foram entregues, os habitantes celebraram dançando e cantando no minúsculo cômodo da choupana das anciãs.

Cairo notou o sorriso amargo no rosto da sua amiga projetada e ela acenou com a cabeça para ele a seguir. Flutuaram de volta para a praia e fingiram sentar na areia para deixar a água tocaram seus pés intangíveis.

"Como...?" Cairo ensaiou perguntar, mas as palavras lhe fugiram.

Uma humana que servia de Oráculo, mesmo não sendo um.

"Você já sabe a resposta dessa pergunta" ela soltou lendo as perguntas em sua mente.

"Então você não é um Oráculo?"

Ela lançou a cabeça para trás e riu suavemente enquanto contemplava as milhões de estrelas nítidas no céu. Cairo notou que embora sua risada fosse sem esforço, ela era agri-doce.

"Não sou um Oráculo, mas cumpro o papel de um para o bem do meu povo" a senhora respondeu sem tirar os olhos das estrelas.

Seu semblante era tão sereno que Cairo suspeitou que a senhora um dia tinha sido parte do panteão estrelado.

“Mas então você tira suas vidências daquelas criaturas...as sereias?”

“Bem observado, mas elas não são criaturas. São espíritos que me visitam frequentemente”

“Mas isso é impossível!” Cairo esbravejou com o absurdo que tinha escutado. Sua mente começou a fervilhar de teorias, mas seu cérebro astral não conseguiu acompanhar. “Os espíritos não visitam mais o Plano da Carne dessa forma...Não tão presentes...Não desde o...”

“O recuo do Plano Invisível” ela o adiantou. “É assim que *vocês* chamam, não é mesmo? O Recuo.”

“Vocês...?” ele perguntou, mas o tom dela confirmava o que ele já suspeitava.

“Viajantes, não é? É assim que vocês se chamam” a senhora finalmente olhou para ele. Sua expressão estava séria e seu olhar tinha um estranho brilho azulado.

“Você conheceu outros...?” Cairo perguntou hesitante. A resposta era tão óbvia que ela não respondeu, então ele se aventurou. “Quando?”

“Difícil dizer. Estou do lado de cá há muito tempo para conseguir precisar. Talvez ontem, talvez semana passada, talvez há cinquenta anos” ela suspirou pesado e o encarou mais severamente. “Mas independente de tempo, todos queriam isso”

Então ela levantou o objeto que até então estava nas mãos de Cairo. Instintivamente ele o procurou em seus dedos, mas de alguma forma, que ele não sabia dizer qual, ela o tinha pego dele.

“Você o tem?” a voz da senhora não era mais cálida e amigável, mas severa e imponente, como o mar bravo antes da tormenta.

“Não” Cairo confessou antes de conseguir raciocinar. “Ele pertence a...” ele ia dizer amigo, mas elevar Camilo a esse nível era contra seus princípios.

“Ele pertence a mim e ao meu povo” a senhora o interrompeu. Sua voz ecoou mais alto. As ondas ficaram mais agitadas e a brisa noturna parecia querer virar uma tempestade. “E está em posse de quem te mandou aqui. A última maré.”

“Última maré?” Cairo não entendeu, porém logo as palavras pronunciadas na visão da senhora soaram em seus ouvidos: A última maré alta virá com peixes e escolhas.

“Você é a última maré” ela respondeu ainda sem tirar os olhos dele. As ondas ficavam mais altas e o vento mais ameaçador. “Você trará a destruição desta vila e deste povo. Foi isso que as sereias me avisaram.”

Cairo tentou interrompe-la e negar que ele faria tal coisa, porém a senhora levitou e continuou seu aviso com uma voz que vinha de dentro das profundezas do oceano.

“Os peixes pularão nas nossas redes e cestas para abençoar nossa partida. Vamos ter que sair daqui se quisermos sobreviver. Mas meu povo precisa desta areia para

existir. Então eles vão escolher ficar. Vão ficar porque são areia e sal como a areia e sal desta praia. Aquele que precisa do sangue dos outros para fazer o dele correr nas vai nos destruir para conseguir isto” ela levantou o Eruexim com uma mão e os ventos ficarão mais fortes. De relance, Cairo notou que todas as velas na choupana das anciãs tinham se apagado, mas a música ainda continuava.

“Eu não vou deixar” Cairo soltou junto com o ar que pesava em seu peito. Um medo agarrou seu coração com garras geladas.

O conhecimento daquela senhora, a sabedoria daquele povo, a resistência dessa cultura. Não eram coisas que ele podia deixar serem destruídas depois dele testemunhar todo esse poder.

Além da obrigação moral que ele sentia por aquela sábia existia ainda a possibilidade das respostas que ele poderia conseguir com ela. Outros Viajantes? Quando ela tinha conhecido eles? O que eles queriam com esse objeto poderoso? Será que algum deles poderia ter sido seu Mestre?

“Palavras escritas na areia” ela retorquiu. As ondas quebravam altas na praia e os ventos já formavam a tempestade em alto mar. “Você vai trazer a destruição do meu povo e vai trazer a destruição do mundo se der a ele o que ele quer.”

“Eu posso proteger o objeto”

“Somente o sangue do meu povo consegue usar a magia desta chave. Nós vamos escolher a destruição para salvar nossa história.”

Escolher ir é partir, escolher ficar é partir. Cairo se sentiu um nó formando em seu peito sabendo que tudo o que promettesse poderia ser somente da boca para fora por conta do seu acordo com Camilo. Camilo...ele queria a tal chave para algo grande. Grande como uma *divergência*.

“O que essa chave abre?” ele apontou para as mãos dela que se levantaram no ar invocando mais ventania. Mas antes da senhora ter qualquer reação ele a impediu. “Não! Não me responda! Não me diga mais nada sobre o objeto. Tudo o que eu aprender vou ter que contar para ele.”

A senhora abaixou os braços e os ventos começaram a acalmar. Cairo pode jurar que ela segurava um sorriso de admiração. Então ele tomou sua chance.

“Como eu posso te ajudar?”

“Proteja meu povo” a senhora respondeu de imediato.

Finalmente Cairo entendeu o que ela falava. Existia alguém do sangue dela, o sangue que conseguiria usar a chave, que não morava no vilarejo.

“Quem é?” ele quis saber.

Mas antes da senhora responder ela fechou a expressão e olhou para o horizonte as costas dele.

“Você foi seguido!” ela esbravejou e levantou a mão que segurava a chave e naquele momento ele entendeu que ela estava prestes a expulsá-lo dali. Os ventos ficaram violentos e de alguma forma seu corpo astral foi afetado pela força da tempestade.

“Mas como vou achar o seu povo?!” ele gritou para ser ouvido. “Os Viajantes? Quem eram eles?”

“Siga o menino” ela disse dentro de sua mente e cortou o ar com o cabelo do instrumento mágico abanando-o dali.

Ele quis saber qual menino, porém um gigantesco soco de vento atingiu seu corpo astral e ele foi arremessado para longe. Sentiu-se cruzar quilômetros flutuando a uma velocidade absurda quando de repente seu corpo readquiriu peso e ele caiu pesadamente sobre as cinzas areias das Ruínas Cinzas.

5.

Cairo mal tinha se colocado de pé e uma gigantesca mão roxa o agarrou pelo tronco e o arremessou contra uma pedra cinza. O impacto contra a rocha foi tão forte que teria quebrado suas costelas facilmente. O dano na carne não seria transmitido quando ele voltasse ao seu corpo, então suas costelas não estariam realmente quebradas quando retornasse, mas a dor era igualmente insuportável.

Ele caiu a tempo de ver um outro Faminto saindo de trás da rocha pronto para alcançá-lo. Ele rolou para o lado e deslizou a duna que estava em uma cambalhota atrapalhada. Ao parar de rolar e olhar para cima, ele percebeu que os dois Famintos que o tinham atacado se juntaram e começaram a segui-lo na companhia de um terceiro. Por um segundo os olhos de Cairo não acreditaram no que viram.

Os maiores Famintos que ele já tinha visto possuíam os membros de até dois metros de comprimento e normalmente eram esqueléticos. Esse Faminto deveria ter quase cinco metros de braços. Suas mãos eram gigantescas aranhas do tamanho das portas da mansão de Camilo. Seu tronco era gordo e sua barriga podre e arroxado arrastava na areia pesadamente. Ele nunca tinha visto um Faminto daquele tamanho.

Sua enorme cara pálida escancarava uma bocarra do tamanho de gol de futebol. O som que saiu de dentro das entranhas negras daquele monstro era grave e abismal. Como se o fundo do poço mais fundo o encarasse, prestes a destruí-lo.

Cairo saiu do seu choque inicial e começou a correr quando seus olhos captaram algo mais absurdo do que a criatura enorme. Uma figura escondida nas sombras estava de pé nas costas do monstro. Alguém, que a distância e a escuridão do lugar não permitiam ele discernir com exatidão, estava montando o Faminto!

Nesse instante as duas outras criaturas menores dispararam em direção a ele. Cairo não tinha outra escolha e correu. O corte etéreo em sua perna queimou e atravessou sua coxa de dor, mas ele não parou. Mesmo mancando, deveria correr. Enquanto isso encontraria uma maneira de encontrar a sua direção. Se estivesse em uma situação normal não seria tão difícil encontrar o caminho de volta para seu corpo, porém três Famintos gigantescos em sua cola não era uma situação normal.

Concentrou a sua mente na Guardiã de Camilo. A grande gata Duquesa que ele tinha pedido para acompanhá-lo nessa viagem. A gata seria sua melhor ancora e bússola para ele conseguir escapar daqui. Guardiões, diferentes dos humanos, mantinham suas propriedades astrais nas Ruínas Cinzas. Os olhos amarelos da gata pularam em sua mente mostrando a direção onde ela estava. Cairo se descuidou, tropeçou em uma grande coluna semi-soterrada e rolou violentamente na areia.

O Faminto mais próximo pulou instantaneamente ao seu lado e começou a sugar o ar. Sua garganta gutural soltou seu grito seco e depois grave e areia começou a voar para dentro da sua bocarra com um poderoso aspirador de pó. Cairo rolou com dificuldade e engatinhou para baixo da coluna que tinha acabado de tropeçar, enterrando seu corpo o máximo que conseguia. A criatura terminou sua sucção tenebrosa e parou, notando que não tinha acertado sua presa.

Logo depois, um baque pesado prensou a coluna em que ele se escondia o enterrando perigosamente na areia. O maior Faminto estava ali. Parado em cima da coluna. Pressionando a estrutura de pedra contra seu corpo.

Cairo concentrou seus sentidos tentando acompanhar os movimentos das criaturas sem se desenterrar. Como elas se moviam fora do normal! Famintos eram criaturas isoladas e normalmente andavam distantes umas das outras, vagando o infinito das Ruínas Cinzas como ecos terríveis e solitários. Mas três Famintos juntos? E em uma caça organizada? O culpado com certeza era aquela figura escondida nas costas do gigantesco monstro.

Nesse momento ele entendeu duas coisas: Uma, alguém estava vigiando suas viagens pelas Ruínas Cinzas; duas, era a mesma pessoa que o queria morto. O mesmo que estava em cima dele e impossivelmente montado em um Faminto.

Sem nenhum sinal, todas as criaturas começaram a se movimentar. O peso em cima da coluna de pedra diminuiu e Cairo pode ouvir o ruidoso rastejar arenoso das gigantes mãos se afastando do seu esconderijo enterrado. Vagarosamente, ele colocou seu rosto para fora da areia e espiou ao redor. Nenhum sinal dos monstros. Ele fechou seus olhos e concentrou sua mente na Guardiã Duquesa.

Novamente os olhos amarelos da gata pularam em sua visão mental junto com a localização dela. Era um grande salão de pedra de um castelo abandonado. Cairo nunca tinha visto um prédio tão conservado nos desertos da dimensão abandonada, mas teve a sensação de que conhecia o lugar. Ou pelo menos já tinha sonhado com ele. A outra boa notícia é que ele não estava muito longe.

Sem perder tempo, Cairo saiu debaixo da coluna de pedra, esgueirou-se como réptil árido por uma duna e se pôs em direção do castelo. Em menos de dois minutos de caminhada avistou a construção. Uma enorme estrutura saía da areia cinza como um enorme punho de pedra contra o céu escuro e sem brilho. O castelo estava ruído pela metade, mas ainda assim era possível distinguir que aquele não era um simples castelo. Parecia mais um templo ou uma igreja.

Ao pisar em direção ao castelo, Cairo notou as criaturas a observá-lo a sua direita. Na mesma distância que ele estava do castelo, estavam os três Famintos parados. Ele

não conseguiu avistar a figura montada no maior dos monstros, mas pode sentir os olhos dele em sua pele. Um esperando o movimento do outro. Nada acontecia.

Ele não pensou e correu.

Tudo durou as três batidas mágicas do coração. Uma. Os monstros também correram. Duas. Sua visão periférica registrou o monstro mais magro e mais ágil se aproximando. Três. A gigantesca mão da criatura. Ele voou quinze metros de altura, bateu contra o alto de um portal de pedra do castelo e caiu violentamente no chão.

Seus olhos turvos de dor registraram os amarelos de Duquesa nas sombras de dentro do castelo, mas ele não conseguia se mover. Então de repente, mãos o arrastaram para dentro do castelo.

Instintivamente ele tentou se livrar delas, porém não eram as putrefatas mãos roxas dos Famintos. Eram mãos macias e pequenas e o carregaram delicadamente para as sombras. Quando ele se sentou sua mente girou de dor, mas ele conseguiu ver que os Famintos urravam e destruíam tudo no seu caminho, mas não entravam no castelo. Nenhum dos três. O maior deles, com seu cavaleiro oculto nas costas, rodeava o castelo enquanto os outros dois causavam o caos na entrada. Sugando, esmurrando e esmigalhando as pedras de fora em volta da entrada, mas sem nunca entrar.

Duquesa miou ao seu lado e Cairo se virou, encontrando a gata nas sombras aos pés do seu salvador. Ele articulou perguntar quem ele era, mas não precisou. A gata trançava animada as pernas do artista das sombras. Dois olhos brilharam dourado no escuro. Os olhos do artista. Do menino de regata preta e tatuagem de obras de arte.

“Volte” uma voz doce vibrou pelo ar e, assim que o atingiu, ele voltou.

Com uma reação automática, Cairo apertou o nó. Ele o tinha afrouxado apenas dois centímetros, mas o apertou três a mais.

“E então?” a voz de Camilo soou a centímetros do seu rosto.

Ele a ignorou. Primeiro tinha que se certificar que a bandana estava no lugar. Certo. Depois tinha que sentir as dores do seu corpo. Costelas? Moídas e pulsando com uma dor lacerante. Costas. Ardendo. Coxa? Em chamas. A única coisa que não doía era a cabeça. Sua dor de cabeça tinha desaparecido como vapor no ar. Nada da pressão excruciante que o fazia tentar a abrir a própria cabeça com uma furadeira. E a solução era tão “simples”. Viajar.

“Pode me devolver?” Camilo cutucou a mão que segurava o objeto com a unha comprida do seu indicador.

Cairo se levantou e entregou o instrumento relutante. Duquesa miou alto e se aninhou confortavelmente em uma das poltronas. Seus olhos amarelos fixos nele.

“E então? Onde está o dono do objeto e o que você descobriu sobre ele?” o vampiro devolveu o objeto na caixa, mas sem fechá-la. Encostou-se na mesa e cruzou os braços esperando.

Cairo inspirou fundo tomando esses segundos para traçar um curso de ação. Não podia tentar dar uma de esperto contra um Camilo ansioso e atento, mas tinha um compromisso a cumprir. Um compromisso com a velha senhora. A anciã das sereias. Então, adicionando o máximo possível de detalhes sobre o lugar, mas omitindo o máximo que conseguia sobre a senhora, ele explicou para Camilo do vilarejo e seus moradores.

“E onde fica esse diminuto agrupamento?” Camilo indagou com sobrancelhas arqueadas.

“Alguma praia perdida no Nordeste do país. Ceará talvez.”

“Localidade específica” Camilo exigiu suspeito.

“Eu não sei” Cairo admitiu. E ele realmente não sabia. A localidade estava na sua mente como um sonho que ele se recordava, mas não conseguia precisar onde.

Camilo não insistiu, porém, as suspeitas estavam no ar.

“Sobre essa senhora. Quem era ela?” o vampiro sentou na sua cadeira de encosto alto atrás da mesa.

“Uma espécie de anciã da vila”

“E ela é a dona do objeto?”

Cairo ficou em silêncio e Camilo leu facilmente através da sua hesitação.

“Ela disse alguma coisa sobre utilizar o poder do objeto?” Camilo sondou com o olhar faiscante.

“Somente o sangue de seu povo consegue acessar a magia do objeto” Cairo soltou em um só fôlego.

Quanto mais ele revelava os segredos daquela cultura, mais sujo ele se sentia. Como se traísse um amigo revelando um segredo implorado para se manter guardado. Como se traísse Pindé.

“Um vilarejo de praia e uma cultura perdida de pescadores guiados por uma anciã de poder ancestral...” Camilo pensou em voz alta enquanto admirava o objeto dentro da caixa. “Não vai ser tão difícil achá-la”

“O que a chave abre?” Cairo desafiou elevando a voz.

Camilo abriu um sorriso felino revelando suas presas antes mesmo de levar os olhos para encontrar os do Viajante.

“Então você já sabe que é uma chave” ele sussurrou quase ronronante. “O que mais você descobriu que não está querendo me contar? Olha que nós temos um acordo...”

“O que ela abre?” ele insistiu incisivo.

“Você sabe que não pode guardar nenhum segredo de mim *Cairo*” Camilo cuspiu seu nome com afetação, insinuando algo que não ficou claro. “Um acordo selado nas Antigas Leis da Hospitalidade tem poder máximo sobre as partes.”

“Não precisa recitar a lei para mim. Eu sei dela desde muito antes de você”

“Então sabe que não pode esconder nada de mim!” o vampiro riçou se pondo de pé. “O que é você está escondendo sobre a senhora?”

Cairo foi até a mesinha de apoio e se serviu de uísque. Tomou todo conteúdo do copo em dois goles e se serviu novamente. Comprava tempo enquanto recitava o acordo deles mentalmente: “Eu quero que você encontre o dono desse objeto. Seja aquele quem fez, ou aquele a quem ele foi feito. Eu quero a localização e todas as informações que você puder me dar sobre ele.”

As informações que o acordo deles impunha sobre Cairo eram referentes ao objeto e não a senhora. Era uma margem pequena, mas ele teria que arriscar. Sentia nos seus ossos que a tal chave jamais poderia ficar de posse de Camilo. E que a magia ancestral guardada dentro daquele objeto deveria ser usada somente pelo sangue da anciã.

“A senhora não é relevante” ele barganhou com uso das palavras para se desviar do acordo. “O relevante é o que você quer fazer com essa chave”

O impasse entre eles se tornou tão obvio que o silencio finalmente preencheu a conversa. Os dois assegurados pelas palavras ditas no acordo, mas ao mesmo tempo querendo mais do que o combinado. Era possível ver os pensamentos de Camilo fervilhando por detrás dos faiscantes olhos esmeralda do sanguessuga.

“Voltemos a isso um outro momento” Camilo decidiu rangendo os dentes em um sorriso maldoso. “Você deve estar cansado e já está muito tarde. Durma e amanhã conversaremos melhor sobre isso. Quem sabe não consigamos chegar em um consentimento mais amigável”

O vampiro deslizou calmamente até as portas do escritório e as abriu, apontando cordialmente para que Cairo saísse imediatamente do andar. Cairo mal tinha chego nas portas automáticas de ferro, quando as do escritório bateram com força e ele escutou um ensandecido rosnado raivoso.

Ironicamente, seu sono demorou a chegar. Era tão fácil para ele ir até as Ruínas Cinzas em Projeção, mas tão difícil em sonhos comuns. Uma mísera afrouxada na bandana e ele estaria instantemente nos desertos cinzas. Como era fácil para ele viajar. Natural desde o primeiro instante. Seu Mestre tinha ficado completamente surpreso com esse dom quase natural que ele demonstrara logo no começo de seu treinamento. Seu Mestre...

Lembranças, pensamentos e perguntas brigaram por espaço na sua mente, porém nenhum conseguiu prioridade. Primeiro as mensagens de vários sentidos da sábia senhora. As insinuações que ela fizera sobre o recuo do Plano Invisível, as afirmações sobre ter conhecido outros Viajantes e a certeza de que o fim do seu povo estava próximo. Quem ela poderia ter conhecido? Ele mesmo só conhecia pessoalmente dois outros Viajantes, sem contar seu Mestre, e isso tinha sido há séculos atrás. Será que ela tinha blefado ou apenas era delirante? Não se surpreenderia com a idade que o corpo físico dela aparentava ter. Ela mesmo admitira que tinha passado tempo demais em Projeção que tinha perdido a noção de passagem dos anos. Um medo que ele mesmo sempre tivera sobre suas viagens.

Outra coisa que incomodava profundamente seu descanso eram as intenções de Camilo com o objeto. Ou melhor, a chave. Os olhos do vampiro brilharam maliciosamente toda vez que ele tinha perguntado sobre seus planos. As mesmas faíscas esmeralda crepitavam ardidamente exatamente igual quando ele questionava o vampiro sobre o que ele estava fazendo durante a Segunda Guerra Mundial. Para Cairo era certo que o sanguessuga tinha se simpatizado com o Eixo, mas imaginar Camilo metido com os nazistas era algo que ele se forçava em não pensar sobre.

Acima de tudo isso tinha o seu caçador. Alguém que estava movendo forças para acabar com ele. Que chegou ao ponto de domar Famintos para alcançá-lo. Algo que Cairo nunca tinha imaginado ser possível. O fato é que era a mesma pessoa que tinha enviado o demônio por Mudinha. E que era muito poderoso. Mais poderoso do que ele tinha admitido inicialmente. O objetivo desse inimigo ainda permanecia tão oculto quanto a sua identidade. Quem poderia ganhar alguma coisa com ele morto? Que ameaça ele era nessa altura da sua vida e dos seus poderes?

Lógico que ele ainda mantinha suas vigias em busca de *divergências*, mas hoje em dia ele as fazia mais por hábito do que por missão. Missão... Lembranças do seu Mestre pintaram-lhe a mente antes dele conseguir pegar no sono. A missão que nunca foi dada. O caminho que nunca foi apontado. O Mestre que nunca mais viu.

Foi Vera quem o acordou já tarde do outro dia. O tintilar das garrafas de vodca e uísque que ela recolhia o acordaram de seu sono pesado. Um sono sem sonho e sem descanso.

“Precisa de alguma coisa Sr. Cairo?” Vera perguntou profissionalmente, mas havia um toque cálido em seu olhar.

Cairo quis responder que precisava dela na cama com ele. Esfregando aqueles quadris volumosos contra sua coxa e envolvendo ele com aqueles quentes braços morenos. Se ele requisitasse isso provavelmente teria, mas ela o faria por obrigação. E então faltaria o calor do desejo que seu corpo tanto ansiava. Ao invés de responder ele apenas pegou da mão de Vera uma garrafa de uísque pela metade e foi para um longo banho perfumado.

“Se precisar de qualquer coisa, qualquer mesmo, eu estou disponível” Vera repetiu do lado de fora da porta do banheiro.

Ele acionou o sistema de som interno e ligou os chuveiros. Quando desceu para o térreo a casa estava vazia e silenciosa. Nenhum funcionário estava a vista e a maioria das luzes estavam desligadas, deixando a iluminação sob a responsabilidade das multicoloridas e indiretas luzes de LED dos mais infinitos cantos da mansão. Depois de se servir no imenso buffet preparado na cozinha, Cairo subiu para o primeiro andar, parando propositalmente na frente do vídeo do imenso painel para admirá-lo novamente, e fez sua refeição ao lado da belíssima piscina de borda infinita. Poderosos holofotes internos na água faziam o espelho azul brilhar com uma intensidade quase ofuscante. Seus pensamentos ainda estavam confusos e observar a água ondular calma e constantemente com os jatos de bolhas o ajudou a ganhar um pouco da tranquilidade que ele tanto precisava.

Precisava se fortalecer e criar um plano. Primeiro tinha que elaborar uma estratégia para conseguir encontrar as todas respostas que procurava: precisava se encontrar com o Oráculo e descobrir qual era a dele, depois tentar arrancar alguma informação valiosa do Conselho da Noite sobre as movimentações extremamente incomuns do Plano Invisível, além disso precisava se curar urgentemente para conseguir ir atrás de quem o estava caçando.

Ele tinha pelo menos uma única certeza por cima de toda essa montanha dúvidas: quem o queria morto também era um Viajante. Somente alguém com domínios míticos sobre o Mistério da Projeção conseguiria tamanho controle sobre as Ruínas Cinzas e os Famintos. Era isso. Algum Viajante estava atrás dele. Mas qual? E porquê?

Seu prato demandou mais atenção do seu estômago do que a piscina azul. Estava recheado de carnes temperadas, molhos picantes e agridoces e legumes ricamente mergulhados em azeites trufados. Saboreou cada garfada com um prazer ritualístico. Como se aquela fosse sua última refeição decente que faria. O último pedaço de carne foi labuzado no cheiroso azeite importado no fundo do prato e engolido com um vinho cheiroso que ele tinha encontrado dando sopa na cozinha.

“Sabia que muitos vampiros tem inveja de um bom vinho?” a voz de Camilo o surpreendeu vindo das sombras. “Lógico que nada nunca vai se comparar ao prazer divino do toque do sangue a boca, mas...”

O vampiro se apoiou preguiçosamente no vidro que separava a grande varanda da borda da piscina. Ele vestia uma leve e translúcida camisa bordô e folgadas calças de moletom de mesma cor. Seus cachos cobres estavam jogados para todos os lados e ele passou os dedos entre eles os bagunçando mais ainda. Contra as potentes luzes de fora, Camilo era uma aparição de um sonho molhado de qualquer adolescente.

“Não vou me alongar no nosso impasse Viajante” Camilo disse sem se mover e nem olhar para ele. “Você quer mais do que foi acordado e eu também. Nós dois vamos jogar com as palavras até atingirmos um limite nos obrigue a utilizar de outras estratégias para conseguirmos o que queremos. Não é mesmo?”

Cairo se serviu de mais vinho e o sorveu lentamente, sem tirar os olhos do vampiro nenhum momento.

“Sendo assim, lhe peço, e pedirei apenas uma vez” os olhos de Camilo reluziram como uma animal noturno no jogo de sombras da varanda semiluminada. “Conte-me *tudo* o que descobriu em sua viagem.”

“Ou então...” Cairo sugeriu com a voz neutra.

“Não quero ter que macular nossos negócios com ameaças que notoriamente não o atingiriam, *contudo*... a minha disposição”

“Eu estou sob sua proteção pelas Antigas Leis da Hospit...”

“Eu sei muito bem disso!” Camilo retrucou rápido como um relâmpago e na mesma velocidade apareceu em sua frente. “Não foi você mesmo que disse que as conhece

há muito mais tempo do que eu? Pois bem. Se as sabe tão bem, sabe que posso lhe exigir um pagamento caso eu considere sua estadia um perigo para minha Hospitalidade”

Camilo ficou em silencio propositadamente para dar efeito para as suas palavras. Ele se inclinou para frente e aproximou seu rosto. Seu sorriso branco era impecável e seus dois caninos afiados eram duas perfeitamente ameaçadoras colunas afiadas de marfim. No canto dos seus lábios finos, enroscados nos fios ruivos da sua barba, estava uma mancha de sangue seca. O estômago de Cairo se revirou de nojo e ele quase devolveu seu jantar.

“Essa condição não estava no nosso acordo” ele soltou tentando disfarçar seu desconforto.

“Eu sei que não, mas ela não é uma condição do acordo. Ela é uma condição para a sua permanência nessa casa. Se você vai cumprir sua parte do acordo tão à risca eu também vou cumprir a minha. Se me recordo bem, e uma coisa que sempre faço bem é me recordar, eu não preciso lhe contar nada sobre as minhas intenções com o objeto. Obviamente eu sei que é isso que você deseja. Você quer saber como eu cheguei em posse de um artefato tão poderoso, o que eu sei sobre ele e o que eu vou fazer com ele. Pois não direi e seguimos os dois resguardados pelo acordo. Porém” o vampiro se afastou lentamente e parou atrás do encosto da cadeira de Cairo. “Pelas Antigas Leis da Hospitalidade, se um hóspede se revelar um perigo para o abrigo e seu abrigador, este pode exigir um favor como forma de suavizar tal importuno”

As palavras de Camilo não estavam erradas e foram pronunciadas com o tom formal que elas exigiam, porém com uma rigidez não de alguém que as conhece de coração, mas alguém que as decorou recentemente.

“Quem está te instruindo?” Cairo lançou sua suspeita desviando do assunto.

A hesitação de Camilo era a resposta que ele precisava. Ele disfarçou sua surpresa com um suspiro mal ensaiado.

“A questão é que como favor exijo mais informações sobre a tal senhora. Porque ela é tão importante que você a esconde de seu relato?”

Cairo se levantou de ímpeto e o encarou frente a frente. Somente a cadeira entre eles.

“Se você quer exigir a *Ameaça por Hospitalidade*, que é o nome da lei que você decorou recentemente, eu também exijo um favor por ameaça” ele elevou a voz grave.

“Que? Quando eu ameacei a sua hospital...”

“1981. Meu apartamento na República. Se recorda? Acho que sim, por que uma coisa que você faz bem é se recordar” Cairo desafiou sabendo que seu sarcasmo não era tão refinado quanto o dele, mas que o contra-ataque de frases daria conta do efeito. “Eu não sabia do seu paradeiro desde 1920 e tínhamos um combinado de que eu saberia onde você estava o tempo todo. Você apareceu desesperado na minha porta implorando por ajuda com o seu familiar recém transformado e descontrolado!”

Camilo engoliu em seco. Os olhos vidrados colados nos de Cairo sem piscar.

“Eu não podia abrigar você por que estava ajudando esconder aqueles estudantes inocentes, mas você insistiu e eu o abriguei. Coloquei a segurança da minha casa em risco. A segurança daqueles humanos em risco. Durante dois dias inteiros precisei ficar fora caçando seu filho sanguinário e quando eu voltei te fiz uma pergunta. Onde esteve todo esse tempo? Europa, você respondeu. Fazendo o que? Nada, você mentiu.”

Cairo invocou os ventos com um aceno da mão e lançou a cadeira dentre eles para o outro lado da varanda. Ela se espatifou em pedaços e ruídos altos.

“Nunca exigi a ameaça que você representou para o meu lar, mas agora eu te pergunto de novo. O que você estava fazendo na Europa nessa época?”

Demorou cinco segundos para Camilo se recompor. Ele piscou furiosamente para lubrificar minimamente seus olhos vidrados, franziu as sobrancelhas, rangeu os dentes e se afastou para borda da piscina.

“Isso é um absurdo! Você não pode cobrar uma dívida por um abrigo do passado! Não faz sentido!” o vampiro se exaltou elevando em agudas notas sua melódica voz de tenor.

“Você não está instruído nas Antigas Leis? Deveria saber.” Cairo imitou o costumeiro tom sebo de ameaça de Camilo.

“Não brinque comigo Viajan...”

“Quem é o seu professor?” ele elevou a voz e perguntou sério derrubando todo o sarcasmo. “Quem está te instruindo com artefatos mágicos e as Antigas Leis?”

“Eu não lhe devo satisfações *Cairo*” Camilo flexionou seu nome novamente de um jeito que escondia outras intenções. “Porque eu deveria lhe dizer algo quando eu poderia lotar essa mansão com segredos e pergaminhos velhos sobre a Oculta Ordem dos Viajantes? Ou devo dizer os Andarilhos dos Planos?”

Foi a vez de Cairo engolir em seco.

“Sim, meu querido Viajante. Eu andei descobrindo muita coisa interessante sobre você e seu grupinho de imortais poderosos” Camilo sibilou ameaçadoramente. “Onde está o resto da sua trupe pitoresca? E por que vocês guardam tantos segredos mágicos só para vocês enquanto todo o Plano Invisível está recuado desde 1945?”

“Presta atenção” Cairo precisou controlar a voz para ela sair menos suplicante do que ele queria. Se Camilo possuía qualquer informação sobre os Viajantes ele precisava saber quais. “Nós temos uma missão maior do que compartilhar magia com qualquer um”

“Não me venha com missões de vida por que nem você sabe qual é a sua!” Camilo gritou se descontrolando. Seus olhos verdes chamuscaram de raiva. “Já chorou desolado no meu ombro por ter sido abandonado em um país sem nenhuma instrução do seu precioso e amado Mestre. Não sabes porque nem o que fazer.”

Se arrependimento matasse Cairo cairia duro e afogado na mesma poção escandinava que lhe arrancou aquela confissão.

“Eu devo impedir maus usuários de magia a causar *divergências*” ele recitou pausadamente.

“Divergências. Você sempre fala nisso, mas nunca nada aconteceu. O Plano Invisível não causa mais tantas ameaças. Nada que precisasse de você e das suas “essenciais” vigias. Lembre-se Viajante, você não é o detentor da magia! E existem magias mais poderosas do que você” Camilo sorriu e levantou uma sobrancelha.

A tal chave.

“Um objeto poderoso como aquele pode causar *divergências* graves” Cairo argumentou sério tentando apelar para a razão. “Você não sabe o que a magia daquele artefato pode fazer!”

“Ah! Mas isso não importa” o vampiro riu sarcástica e melodicamente. “Eu sei que com aquele objeto não vai mais importar o quão recuado esteja o Plano Invisível”

Um arrepio frio passou pelo corpo de Cairo. Tão gelado e real quanto a brisa marítima do seu encontro com a Anciã das Sereias. Então a tal chave era realmente o que ele suspeitava. Uma forma de abrir caminhos entre os Planos. Uma lâmpada.

“Você não pode utilizar uma coisa dessas!” Cairo demandou sem se importar com o temor em sua voz. “Você não entende as *divergências* graves que um artefato desses pode causar em mãos inexperientes!”

“*Divergências* graves” o vampiro desdenhou de seu argumento abanando com um gesto de mão como se fosse uma mosca. “Isso não é nenhum problema”

Então era exatamente o que ele queria. O pensamento colocou Cairo em completa atenção. Se Camilo, de alguma forma que ele ainda não sabia, tinha consciência que o artefato poderia causar *divergências*, então o vampiro não precisava se preocupar em saber usar a magia do objeto. Ele só precisaria liberá-la. Cairo soube naquele instante que não podia deixar por mais nenhum segundo o artefato nas mãos do vampiro.

Os músculos do seu braço se retesaram duramente e ele fechou o punho estralando as juntas dos dedos. Ele ainda tinha um pouco de energia guardada do tempo que ele esteve a serviço de Mudinha e isso precisaria ser o suficiente. Se concentrou no ar a sua volta. Não teria tempo para fazer todos os sinais de invocação de mão, mas os ventos nunca o falharam mesmo quando ele os evocava somente com o pensamento.

Estratégia básica contra vampiros, ou contra qualquer criatura que se move sobrenaturalmente mais rápido que você: não o deixe chegar perto. A melhor garantia de sobrevivência é a distância. Enquanto um vampiro não puder te encostar você está minimamente seguro. Seu poderoso Casulo de Vento deveria ser suficiente para manter Camilo afastado, mas com o pouco de energia que ele tinha sua técnica estaria longe de estar poderosa. Quanto mais suficiente. Então ele teria que utilizar de uma estratégia muito mais arriscada e difícil. Convencer Camilo.

“Camilo” ele chamou o vampiro pelo o nome tentando colocar o máximo de Manipulação na sua voz. O que era pouquíssimo. “Se você não se importa com as *divergências* que o artefato pode causar, então você deve ter noção do que é um *Cataclisma*”

O vampiro ficou parado sem resposta, mas seus olhos rápidos estudavam os mínimos movimentos que cada músculo do Viajante fazia ao se endurecer e se preparar para um combate. Ele continuou sua argumentação:

“Um *Cataclisma* é o resultado catastrófico de divergências sem controle que acabam...”

“Eu sei muito bem o que é!” o vampiro o interrompeu rispidamente. Insultado por ter seu conhecimento posto em cheque.

Os movimentos de Camilo foram suaves, mas ele estava contra luz então os olhos treinados de Cairo notaram facilmente quando ele retesou os dedos em garras e flexionou os joelhos para um pulo. Ele também se preparava para um ataque. A qualquer momento, qualquer palavra poderia iniciar um combate que ele não tinha certeza que ganharia. Mas ele precisava tentar. Precisava impedir Camilo de qualquer plano inconsequente dele.

“Então sabe que é uma ideia ridícula mexer nessa chave! Ninguém está preparado para um *Cataclisma*!” ele tentou convencer o sanguessuga mesmo sabendo que seus argumentos já não surtiam mais nenhum efeito.

“Talvez o que o mundo precise seja exatamente um evento mágico de proporções catastróficas” Camilo sorriu mostrando as presas.

“Você não sabe o que está falando!” Cairo se irritou quase perdendo a paciência. Seu punho fechado já envolvendo uma bolha comprida de ar na mão esquerda. Ele era destro, mas os dois dedos inertes da mão direita somente o atrapalhariam. “Você nunca presenciou um *Cataclisma*.”

“E você já?” o vampiro parou seus movimentos se interessando no tom sério e pesado de Cairo.

“Paris. 1789” ele disse tentando não se lembrar do caos daquele evento.

Sua bolha de ar já estava chegando no limite da compressão. Se ele conseguisse atingir Camilo com aquele golpe talvez conseguisse desacordar o vampiro por horas.

“Eu adoraria saber mais sobre esse caso que dever ser no mínimo extremamente revelador sobre os segredos que você guarda Viajante, mas você não vai conseguir me fazer mudar de ideia” Camilo voltou a sorrir e a se preparar para um golpe.

“Desconsiderar a gravidade de um *Cataclisma* só revela mais da sua verdadeira natureza Camilo. O que é uma pena, mas não uma surpresa” Cairo desistiu dos seus argumentos liberando energia para a Vitalidade correr pelo seu corpo e aquecer seus músculos. “Você não entende, porque não tem ideia do que é. Porque você não esteve em Paris”

Os dois se encararam entendendo que o momento da luta entre eles tinha finalmente chego. Séculos tarde demais para o gosto de Cairo.

“Mas eu estive” estrondou uma voz desconhecida por toda a varanda.

Tanto Cairo como Camilo saltaram de sobressalto procurando a origem daquele estouro, mas o som não parecia ter uma fonte específica e sim soar por toda a mansão. Foi quando um movimento na outra borda da piscina chamou a atenção deles. Uma grande silhueta de um homem parada quase tampando completamente um dos poderosos holofotes do lado de fora. Cairo podia sentir a presença do indivíduo mesmo ele estando há metros de distância. Uma aura pesada e ameaçadora.

Mais rápido que uma batida de seu coração e muito mais rápido do que Cairo conseguiu acompanhar, a silhueta já estava na borda próxima a eles, parado na divisão dos enormes vidros da varanda.

Por um segundo o coração de Cairo parou de bater. Era seu Mestre. Tão alto, forte e imponente como seu Mestre. Quase dois metros de altura, ombros largos e uma reluzente pele escura. Só com uma segunda olhada mais atenta, Cairo reparou em todos os outros elementos que o diferenciavam de seu Mestre. O cabelo totalmente branco era trançado rente a cabeça e descia em tranças grossas até os ombros. O seu Mestre era careca. O homem vestia um blazer bege que mostrava seu torso sem camisa e as calças eram brancas da mais cara alfaiataria que Cairo já vira. Seu Mestre só usava algodão cru tingido.

Porém as expressões. As linhas do rosto. Os traços eram finos e bem delineados, formando um padrão perfeito e simétrico. Ele era belo. Olhos miúdos, nariz largo e lábios recheados. Olhos... Olhos vermelhos!

Cairo reapertou a bolha de ar comprido dentro do punho esquerdo. Aquilo era um vampiro. E não era qualquer vampiro. Era um Milenar! A íris tingida de vermelho vivo por um milênio de alimentação sanguínea. O poder indisfarçável que ele emanava. A aura maciça e poderosa que invadia a mansão e palpitava seu coração somente com o seu olhar desinteressado.

Milenares eram lendas que Cairo se esforçava a desacreditar. Ele sempre ouvira as histórias dos poderosos vampiros que conseguiam sobreviver o suficiente para completar um milênio. Eles eram raros e normalmente profundos conhecedores dos Mistérios. Por muito tempo foram os maiores criadores de dor de cabeça para os Viajantes, resultando em uma caça terrível na Idade Média e Moderna. Mas ele nunca conheceu um. Nunca vira um, tendo seu conhecimento baseado somente em lendas. Do pouco que seu Mestre lhe contara, ele sabia que se eles ainda existissem eram poucos, reclusos e extremamente poderosos. E muito possivelmente loucos. Nenhuma das lendas que escutara o tinha preparado para esse momento. Para esse Milenar.

Seu coração batia acelerado e sua pele transpirava. Era como se todo seu corpo entendesse que aquele vampiro era o ultimato em termos de predadores. E que nada poderia lhe salvar. Nas suas atuais condições ele mal tinha certeza se conseguiria

parar Camilo. De soslaio notou que o dono da casa estava tão petrificado quanto ele. Os olhos verdes arregalados e sem brilho.

O sujeito ficou parado. Deixando os dois que estavam prestes a iniciar uma luta absorvessem a sua presença e entendessem que ele já poderia ter matado os dois se quisesse.

“Eu estive em Paris” o vampiro Milenar falou. Agora com a sua boca e não com o truque de transportar a voz pelo ar.

Sua voz era áspera e rouca, porém levemente gentil. Ele focou sua atenção em Cairo, como se esperasse uma resposta. Só então ele entendeu que o Milenar estava respondendo ao argumento que tinha lançado a Camilo antes que ele aparecesse.

“Em 1789?” Cairo conseguiu articular engolindo em seco. O golpe de ar comprimido ainda em prontidão.

O Milenar acenou positivamente com a cabeça. Cairo entendeu que ele não diria mais nada e continuou:

“Então você entende quando eu falo sobre...”

“*Ca-ta-clis-mas*” o Milenar pronunciou saboreando a separação de cada sílaba.

Não existia nenhum sotaque na sua voz ao falar o português, mas algo indicava que essa não era sua língua materna.

“Caim” Camilo suspirou finalmente inclinando discretamente a cabeça.

O vampiro estudou Cairo por mais dois segundos e só então olhou para Camilo. O olhar do Milenar o deixou com um frio na pele e com um gosto de ferrugem na boca.

“Camilo” Caim o cumprimentou com um aceno. “Vejo que atrapalho”

“Eu achei que o senhor só fosse chegar amanhã...” Camilo respondeu visivelmente incomodado com a surpresa.

“Eu sempre me adianto para conferir com meus próprios olhos a segurança de onde me instalo” o Milenar respondeu calma e pausadamente. Sua voz rouca falhava aqui e ali, mas nada que o impedisse de completar as frases.

Cairo, até então absorto na imagem e no poder do Milenar, reparou no absurdo daquela declaração. Segurança? O vampiro provavelmente era a criatura mais poderosa que ele já tinha encontrado em toda a sua vida. Provavelmente ele não seria páreo para o Milenar nem com todos os seus Mistérios completamente fortalecidos e energizados. Ele não precisava se preocupar com segurança.

“Segurança...? Eu asseguro que tenho os melhores cofres contra o sol...” Camilo gaguejou, incerto do que o Milenar queria dizer.

“Não é isso. Eu preocupo com meu Familiar mais do que comigo” Caim completou e com um movimento o vampiro se pôs de lado revelando uma pessoa atrás dele. “Augusto...”

Cairo soltou a bolha de ar involuntariamente causando um redemoinho na varanda. Toda a Vitalidade concentrada nos seus músculos evaporou em suas veias. Saindo das sombras do Milenar estava um franzino garoto de no máximo um setenta e irregular cabelos cor-de-rosa. Ele usava gasta regata preta com uma pintura da Mona Lisa usando um boné e fumando maconha, bermudas jeans até o meio da coxa com as barras desfiadas e all stars vermelhos. Ao longo da pele exposta dos braços dava para ver tatuagens de famosas obras de arte que Cairo já tanto conhecia.

Seus pretos olhos cansados percorreram a varanda fingindo que não procuravam o que realmente procuravam. Então Cairo os encarou. Os olhos pretos que brilhavam dourado no escuro. Os olhos do artista. Do menino de regata preta e tatuagem de obras de arte. E no mesmo instante Cairo entendeu que ele era o artista dos vídeos de LED, o precioso Familiar de um vampiro Milenar e também o Oráculo.

6.

AUGUSTO

A neve de Nova York era superestima. Uma propaganda enganosa comercialmente vendida de sonho branco perfeito. Não tinha nada perfeito na neve. Nem em Nova York. A cidade era uma grande bacia com diversas outras cidades de dentro. As pequenas cidades eram legais. Interessantes até. Brooklyn era bonito, mas o Bronx tinha a melhor energia para as pessoas. Pulsavam diferente. Lembrava o Brasil.

Manhattan era confusa e cheia de muita coisa em cima de outras coisas que piscavam coisas atrás de coisas. Mas era onde ficava o apartamento de Caim e onde eles passariam o final do ano. Lógico que tinham os teatros da Broadway e um ou outro musical realmente foram divertidos, embora exigisse muita paciência ficar parado mais de duas horas vendo pessoas cantando e dançando seus problemas. Caim poderia assistir um dia inteiro de musicais sem piscar. Ele amava musicais.

Andar pelas ruas lotadas também era uma grande propaganda enganosa. Pessoas acotovelando umas às outras o tempo todo com pressa para chegar em lugares onde elas seriam acotoveladas por outras pessoas. E tinha a neve escorregadia, suja e fedida que ameaçava lhe tragar para sua imundice molhada a cada passo em falso. Pelo menos a vista da neve caindo no Central Park era bonita e o apartamento de Caim possuía uma visão quase panorâmica para o famoso parque novaiorquino.

Lago.

A água estava quase congelante e milhares de agulhas gélidas perfuraram sua mão submersa. Ele a retirou com um susto, mas ainda ficou agachado ao lado da superfície escura da água. A noite ainda demoraria propriamente para chegar, mas o dia completamente carregado de nuvens e neve obrigava todos os postes a se ascenderem. As margens do lago estavam vazias e não se via muita movimentação além de pisca-piscas cintilantes e músicas natalinas próximas em alguma praça.

O fino moletom estava fechado até em cima e ele ajeitou o capuz por cima de seu cabelo turquesa. Seus joelhos arderam e escorregaram e ele percebeu que estava de shorts curto. A quanto tempo estava parado? E como tinha chego ali mesmo?

Não importava. O que importava era calma água. Tão serena que o atraía tanto como uma cama bem quente, mas não mais que uma tela em branco. Depois de tudo o que acontecera ele não deveria sentir-se tão atraído por água, mas ela ainda o chamava. O obrigando a terminar um compromisso que ele não podia mais fugir. Ele não lembrava qual era esse compromisso, mas sabia que precisava cumpri-lo. Já fazia anos que ele adiava, mas isso não importava agora. O que importava era o efeito da neve caindo no lago. Água caindo sobre água.

Será que a o lago reconhecia a gota caída em sua superfície sendo ela tão diferente de quando fora lago? O lago a receberia de volta de bom grado ou a estranharia de primeiro?

“Quando você partiu não tinha esse formato, nem essa cara fria” o lago resmungaria sonolento. Porque esse lago aqui era sonolento e cansado. Ou será que ele não se importaria com o formato fractal da gota e lembraria de quem ela era por dentro? Seriam todas as gotas parentes? Quantas gotas formavam esse lago? E quantas dessas gotas já teriam sido neve? Que angustia! Que sofrimento não ter essas respostas. Que dor deveria sentir a gota lá em cima que ainda não se formou neve para se formar lago. Essa neve sim era bonita. Lembrava a neve dos Alpes. Embora Caim o tivesse levado lá somente uma vez. Mas neve era sempre tão fria e o fazia sentir tão sozinho. Tão calmo. Tão lago.

Ponte.

Ele deslizou o decline barroso e a água fria enxarcou seu tênis. Sua respiração estava congelante em seu peito e queimava seus pulmões a cada lufada de ar. Ele corria. Estava correndo a bastante tempo, mas porquê? O som das pesadas botas de seu assaltante o lembrou do motivo. Ele se esgueirou entre altos arbustos e procurou abrigo na sombra noturna da ponte.

A voz esganiçada de seu perseguidor se juntou com uma outra voz, nova para ele e muito mais grossa e controlada. Ambas vozes começaram a vasculhar a vegetação que minutos atrás o escondia. Como eles o tinham encontrado? O que eles queriam com ele mesmo? “Lembra. Lembra. Lembra!” ele gritou mentalmente para si. Porém nada veio à mente. Ele tentou projetar sua tela em branco na mente e tentar pintar a última coisa que lembrava, mas as sussurradas palavras em inglês dos seus perseguidores o distraíram.

“Por aqui” ele conseguiu compreender o de voz esganiçada falar.

Dada as suas habilidades, as línguas latinas eram mais fáceis de compreender do que as saxônicas, porém a expressão era clara e nítida. O encontraram. Ele se espremeu contra as pedras frias da ponte praticamente tentando se unir ao seu material sólido. “Já fui barro Dona Pedra. Me reconheça” ele rezou de cara colada à superfície fria da ponte. “De fractal a gota. De gota a lago. De barro a pedra.”

“Aqui está” gritaram seus perseguidores.

O maior deles pulou da ponte direto para sua frente enquanto o outro bloqueou sua saída parando no alto do deslize do terreno. Deixando suas costas bloqueadas pela ponte e a sua direita o rio congelante. A sua frente o homem balançou uma lâmina que se desdobrava e redobrava fazendo metálicas e ruidosas acrobacias em seus dedos. “O que eu faço?!” ele pensou. O desespero congelou sua garganta mais doloridamente que o ar que faltava em seus pulmões.

“Lembra-se de quem você é” uma voz rouca disse em português de cima da ponte.

Caim estava agachado no topo de um poste próximo a eles. De cima da luz, e empoleirado graciosamente, ele parecia um gigantesco corvo vestido de branco e coberto de neve.

“Augusto...” ele respondeu fracamente sem tirar os olhos do gigantesco delineado branco de cima do poste. “Eu sou Augusto”

O assaltante a sua frente pareceu não entender as palavras trocadas em outra língua e perdeu a paciência. Ele avançou com a lâmina com o braço estendido em um pulo. “Desengonçado” Augusto pensou ao mesmo tempo que tirava seu casaco com um floreio e envolvia a mão mortal do seu agressor.

Aproveitando a superfície escorregadia, Augusto utilizou o peso do assaltante contra ele e puxou seu casaco para baixo. O homem escorregou violentamente e caiu de costas no chão, deslizando até bater contra a ponte. Augusto pensou em recuperar seu casaco, porém o outro assaltante veio correndo em sua direção. Seu all star era escorregadio demais para recuperar seu equilíbrio e preparar um contra-ataque, então ele foi arremessado no lago congelante pelo seu agressor.

O choque foi arrebatador. O ar fugiu dos seus pulmões e sua pele explodiu de dor. Ele se sentiu prensado contra a própria existência. Como se água congelante tivesse o poder de expulsá-lo da realidade com a força de sua pressão e da sua temperatura. E ela tinha. A água já tinha transformado drasticamente a sua realidade uma vez. Ele pensou em se entregar. Ele afundava. Seus pés e mãos já estavam dormentes e seus pulmões beiravam rasgar-se em busca de ar que não viria. Viriam água. Gotas. Neve.

Dois corpos romperam a superfície escura do lago que se distanciava cada vez mais dele. Imóveis e sem vida, eles afundaram e passaram por ele enquanto duas mãos fortes o içaram para fora. Caim o abraçou carinhosamente, aninhando-o contra seu enorme corpo negro e lhe deu um beijo na testa.

“Me perdoe” ele sussurrou com os lábios ainda grudados em sua testa gelada.

Augusto fez um fraco aceno enquanto lutava para impedir que os tremores da hipotermia o dominassem. Ele sentiu o vampiro preparar os músculos e soube que eles iriam “voar”. Passou as mãos azuis e semicongeladas por dentro do blazer sempre aberto de Caim e segurou firme seu tronco monstruosamente definido. Então o mundo a sua volta se dissolveu movimento.

O chão, o ar, as árvores, as luzes, tudo. Tudo se uniu em um intenso borrão multicolorido. Sua paleta de tintas misturadas cabia em sua mão e Caim conseguia fazer o mundo inteiro se dissolver em cores e velocidade.

“Você teve um outro *blackout*?” Caim finalmente perguntou mantendo seu tom gentil enquanto massageava suas costas.

O ofurô de água quente estava cheio e borbulhava com os jatos internos que sempre o acalmavam e faziam cosquinhas no seu pé. Caim enchia regularmente uma concha de prata com água quente e derramava suavemente na sua cabeça, expulsando o frio.

Augusto maneou a cabeça envergonhado. Ele só tinha noções dos apagões depois que eles aconteciam ou quando algo muito impressionante o acordava no meio deles. Sem muita força, nem vontade, ele apontou para uma das telas no banheiro. Caim hesitou, porém, ligou o monitor mostrando as imagens das câmeras de segurança. Com alguns comandos, as imagens começaram a retroceder aos eventos das últimas horas. Ele esperou até o último momento que lembrava dos acontecimentos e acenou para tela.

A imagem parou no momento em que ele refletia sobre a neve caindo no Central Park. Augusto trouxe os joelhos para o peito e encostou os queixos neles enquanto Caim ainda passava a mãos cheia de água quente nas suas costas. Nas imagens ele estava parado olhando pela janela panorâmica do apartamento quando de repente todas as luzes piscaram rapidamente e voltaram. Seus olhos estão brilhantes. Um leve toque de dourado no escuro do apartamento.

“Você sabia que seus olhos ficavam assim?” Caim sussurrou quase inaudível para não perturbá-lo.

Ele apenas negou com a cabeça. Na tela das câmeras de segurança, ele se moveu até a porta do elevador que dava direto na sala do apartamento e digitou a senha, que ele não sabia, no painel de segurança. As portas se abriram e as imagens mudaram para ele dentro do elevador. Ele parecia segurar uma caneta invisível enquanto rabiscava coisas no ar. Mas ele sabia que não era uma caneta. Era um pincel.

No saguão do prédio um funcionário tentou impedi-lo de sair e no áudio das gravações o homem tentava afirmar que eram ordens do próprio Caim, Adam, na ocasião dos registros norteamericanos do vampiro. A imagem da câmera estremeceu em estática e quando voltou o funcionário estava caído no chão em sono profundo e Augusto saía em rumo ao Central Park de moletom e shorts curtos.

Ele virou a cabeça de lado e Caim desligou a gravação.

“Você não deveria ter saído enquanto eu dormia” Caim começou novamente a repreende-lo com o mesmo discurso de sempre.

Das outras três vezes tinha sido a mesma coisa. Caim dormia seu sono diurno e Augusto ficava entediado, sem conseguir dormir direito nem de dia nem de noite, então repentinamente ele dava conta de si em outro lugar e quando anoitecia Caim o encontrava e o levava de volta para onde estavam hospedados.

Na primeira vez, o susto tinha sido enorme e Caim quase o trancou para sempre, mas sabia que não podia fazer isso. E mesmo se pudesse, Augusto logo provou que seria impossível impedi-lo. Foi assim que começaram a gravar o que acontecia e descobriram que ele manifestava cada vez mais novos poderes.

“Vou cancelar a exposição de hoje” Caim anunciou levantando do lado da banheira e alcançando um roupão.

“Não! Por favor, não” Augusto implorou levantando com um salto na banheira. “A gente só veio aqui para isso. Eu *preciso* dessa exposição”

Caim parou e o analisou com cuidado. Seus olhos vermelhos percorrendo cada detalhe do corpo de Augusto com paciência e dedicação. Verificando e saboreando cada pelo. Cada poro. Cada pinta. Cada tatuagem. Nenhum centímetro de pele escapou da sua análise. Estava tudo no lugar. Augusto esperou pacientemente o vampiro terminar sua usual rotina e estendeu a mão para o roupão. Relutante, o vampiro entregou.

“Você deve me prometer que vai impedir esses apagões” Caim pediu sussurrando em seu ouvido. Ele o abraçou forte, mas controlando sua força para não esmagá-lo. “Você me assustou muito”

“Mas eu consegui me defender! Igual você tinha me ensinado” ele argumentou ofendido, mas sem querer se livrar do abraço.

“Somente quando eu apareci. Prometa-me que vai impedir esses apagões”

“Mas eu não consigo!” ele retorquiu controlando a voz para não quebrar.

“É uma manifestação do seu poder. Assim como você vem controlando suas visões e premonições, você pode controlar esses apagões.”

“Eu não controlo as visões, eu só consigo sentir melhor elas vindo” ele explicou saindo da banheira e finalmente vestindo o roupão. O blazer creme de Caim estava todo molhado e manchado de espuma, mas ele não se importou. Tinha uma coleção enorme de blazers cremes, beges e marfins em cada apartamento dele.

“Então prometa-me que vai pelo menos estudá-las melhor assim como suas visões” Caim pediu novamente, porém sua voz rouca adquiriu um metálico tom de ordem.

“Eu prometo” Augusto concordou sabendo que o vampiro não iria descansar até ele ceder.

Como sempre acontecia quando Augusto prometia alguma coisa, as luzes oscilaram momentaneamente e uma repentina brisa correu pelo cômodo. O vampiro finalmente relaxou os ombros e ambos começaram os preparativos para a noite.

A exposição, sem título oficial, embora os noticiários tivessem criado o nome “Desmodernizando a Arte”, aconteceria em uma recém aberta, mas já badalada galeria de arte em Manhattan. A galeria tinha sido inaugurada há apenas seis meses, curto tempo para se tornar respeitada, mas já tinha chamado a atenção de diversos nomes da alta cultura novaiorquina e mundial. Ela se erguera no mesmo lugar de

uma disruptiva galeria de arte que falira, que por sua vez, tinha tomado o lugar de uma tradicional e clássica outra galeria. Todas tinham pertencido a Caim, porém a ideia de fechar e reabrir as mesmas galerias de arte sob a falsa desculpa de falência tinha sido de Augusto.

Ele tinha tido essa ideia quando visitara o Louvre. Notara que as pessoas gostam de fingir que entendem de coisas que não entendem, para impressionar pessoas que também não as entendem. No final das contas, isso era arte para Augusto.

A galeria, também sem nome, era dividida em quatro grandes salas para a exposição. Na primeira ficavam expostos Os Anjos. Em torno de quinze telas dos dourados anjos de Aleijadinho, o famoso artista barroco brasileiro, eram penduradas em cabos quase invisíveis que puxavam e afastavam as gigantescas telas toda vez que alguém se aproximasse delas.

Na sala seguinte, ficava uma alta cruz de mármore com o celular mais caro do momento pregado bem no meio dela. Do aparelho escorria sem parar uma brilhosa tinta dourada que manchava os pés de quem passava pela sala.

A penúltima sala era uma simples parede com todas as replicas que Augusto já fizera. Todas elas reconhecidas pelos maiores museus mundiais como as melhores cópias já produzidas na história. O Grito, o Campos de Trigo com Corvos, uma versão menor da Guernica, A Dúvida de Tomé e o Abaporu. A réplica da Mona Lisa dele precisava ficar protegida igual a original, quão perigosa era sua veracidade.

Todas as obras possuíam os oficiais pareceres de replicas concedidos pelos museus onde as obras originais se encontravam. Embaixo dos pareceres estava pintado em grandes letras douradas a palavra “FAKE”, falso em inglês.

Já a última sala era perfeitamente circular e possuía seu famoso vídeo em LED do conjunto de toda a exposição. As réplicas perfeitas emolduradas pelos anjos, as pessoas que apareciam com seus celulares, os querubins eram capturados, a explosão de cores, as obras se transformavam em outras e depois os aparelhos eram pendurados no lugar das telas exibindo os anjinhos em desespero.

Na ocasião, qualquer visitante da exposição que quisesse filmar a exibição do vídeo era substituído na projeção. A imagem da pessoa era filmada por poderosas câmeras de reconhecimento facial e de movimento e assim que ela levantava o celular para filmar, sua imagem era projetada no lugar da imagem do menino de regata que era sempre o mesmo. O vídeo da exposição era distribuído gratuitamente para quem se deixasse filmar pela filmagem.

Tudo tinha sido pintado e idealizado por Augusto e Caim seguiu todas as suas orientações a risca. A exposição já tinha percorrido cinco países, faltando apenas os Estados Unidos e o Brasil, onde Caim iria organizar um leilão milionário das replicas e doar o dinheiro para orfanatos espalhados pelo país. Esse nem era o objetivo inicial da exposição, até porque Augusto não tinha montado a exposição para os espectadores. Ele tinha organizado tudo isso para si.

Mudou a cor do cabelo para rosa, vestiu um terno estilizado e customizado com tachinhas e pinos metálicos, colocou seus mesmos coturnos pretos de sempre e foi

para a exposição. Era a única ocasião que ele colocava tanta roupa. Enormes quantidades de tecido e peças o apertando o incomodavam a ponto da claustrofobia. E um simples terno já era claustrofobia demais.

Diferente da maioria dos artistas que ficam esperando os cumprimentos dos visitantes nas noites de lançamento das suas exposições, Augusto se misturava com a audiência. Porque para ele não tinha arte melhor do que as próprias pessoas. Andava no meio de todos os espectadores observando eles andarem pela exposição. Ficava atento aos comentários, as reações, vez ou outra interagia com alguém que ficava tempo demais parado admirando uma tela e perguntava suas opiniões. Não para ouvir um elogio indireto, mas pelo simples exercício de ouvir qualquer coisa que a pessoa tinha para dizer. Os comentários negativos e desdenhosos de outros artistas. As vagas considerações dos críticos de arte que não admitiam e nem negavam nada. E o esforço que uns faziam para se mostrarem cultos e inteligentes.

Essa era a verdadeira arte. A arte do ser humano em movimento. Ele não queria chocar ou criticar nada com profundidade, mesmo que essa sua primeira exposição possuísse tons de crítica a sociedade moderna. O que ele queria eram reações. O ser humano agindo e reagindo. Por isso ele andava no meio dos visitantes fingindo ser um visitante, porque o ser humano, pensado, refletindo, interagindo, analisando, fingindo, mentindo, se emocionando, era pura arte. Não existia quadro ou filme que capturava melhor o ser humano do que a observação por outro ser humano. Como ele não conseguia interagir com outros seres humanos, ele os observava.

Observou personalidades famosas. Presidentes. Atores internacionais. Cantoras. Editores de moda. Analisou também as pessoas comuns nos dias gratuitos. Contadores. Professores. Banqueiros. Todos o impressionavam e ao mesmo tempo, o entediavam. Porque todas as reações sempre eram interessantes, mas não duravam. Não ficavam para sempre registradas em telas. Não podia observar essas pessoas o tempo todo, mesmo que essa fosse a real intenção. Elas não duravam. Pessoas não duravam.

Nova York de todos os lugares foi o mais cansativo. Cheio de reações rasas e falsas. Não que esse fosse o problema. Ele até gostava mais das reações falsas do que as verdadeiras. Porque as falsas tinham a mesma cor de mentira que as telas que ele pintava. A mentira tinha cor mais viva porque era uma obra de arte inventada. Assim como a arte. Mas as pessoas que inventavam essas mentiras não pulsavam. Não sentiam direito. Nem fingiam direito. Elas só passavam.

Por isso ele se animou tanto quando Caim confirmou que eles iriam para o Brasil assim que a temporada de Nova York terminasse. Já estava tudo fechado e pronto para exibição na Pinacoteca de São Paulo. Augusto nunca tinha estado no lugar, mas só de pesquisar na internet sentia que aquele era a arquitetura exata para seu trabalho ser exibido. Antigo, cheio de história e brasileiro. Pulsante.

Voltar para o Brasil depois de anos viajando pelo mundo seria a melhor parte. Já faziam seis anos que ele não pisava em sua terra natal e a ansiedade de sentir seu país em baixo dos seus pés depois que seus poderes começaram a aflorar era o suficiente para tirar o pouco sono que raramente sentia. Ele já sentira a pulsação do Brasil

quando era menor. Era vibrante e colorido. Mas isso fazia muitos anos. Antes de Caim o resgatar daquele orfanato. Antes dele se tornar um Oráculo.